

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

FERNANDA VENERANDO MARTINS

**“MINHA FILHA VIROU MOCINHA”: COMPREENSÕES DA MATERNIDADE
PARA MULHERES-MÃES DE ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO**

CAMPINAS

2025.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

FERNANDA VENERANDO MARTINS

“MINHA FILHA VIROU MOCINHA”: COMPREENSÕES DA MATERNIDADE PARA
MULHERES-MÃES DE ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da
Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas, como
exigência para obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientador: Profº. Dr. Jean Carlos Natividade.

CAMPINAS

2025.

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

	<p>Martins, Fernanda Venerando</p> <p>M379" "Minha Filha Virou Mocinha": Compreensões da Maternidade Para Mulheres-Mães de Adolescentes do Gênero Feminino / Fernanda Venerando Martins. - Campinas: PUC-Campinas, 2025.</p> <p>143 f.</p> <p>Orientador: Jean Carlos Natividade.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Maternidade. 2. Adolescência. 3. Normas Sociais. I. Natividade, Jean Carlos. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p>
--	---

88

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

FERNANDA VENERANDO MARTINS

**“MINHA FILHA VIROU MOCINHA”: COMPREENSÕES DA MATERNIDADE
PARA MULHERES-MÃES DE ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO**

Dissertação defendida e aprovada em 09 de dezembro de
2025 pela Comissão Examinadora

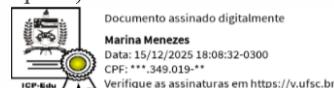


Prof. Dr. Jean Carlos Natividade

Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão
Examinadora
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC- Campinas)



Profª. Dra. Letícia Lovato Dellazana Zanon
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC- Campinas)



Profª. Dra. Marina Menezes
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Ensinamento

Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo:

‘coitado, até essa hora no serviço pesado’.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor. Essa palavra de luxo.

Adélia Prado

Aos meus pais, com todo o meu amor.

Agradecimentos

Aos meus pais, Elias e Valdete, por tanta disponibilidade interna. Por me ensinarem a enfrentar e aproveitar a vida. Por toda fé. E, por nunca medirem esforços para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã, Mayara, pelo amor, pelo companheirismo, pela escuta sensível, pelo “abraço-casa”.

Ao meu amor, João Gabriel, pela segurança, atenção e paciência. Pelo nosso amor!

Às minhas queridas amigas, Laura e Rafaela, que estão comigo desde o início da graduação e permaneceram. Por todo cuidado, carinho e presença.

Ao meu grupo de amigos do mestrado: Déborah, Letícia, Lucas e Victoria, por me acolherem desde o primeiro dia da pós-graduação e por todo suporte ao longo desses dois anos.

Aos meus amigos, Adriano e Eduarda, pelas boas conversas e risadas, nos encontros em São Paulo, Campinas ou Ourinhos.

À minha cunhada, Samara, pela disponibilidade em me receber por inúmeras vezes em sua casa e por todo o cuidado comigo.

Ao meu amigo de infância, Vicenzo.

À Laura, Maria Clara e Milena, amigas que fiz no trabalho, por todo afeto e trocas.

Às mulheres-mães participantes deste estudo, por se disponibilizarem e compartilharem suas histórias comigo. Meu muito obrigada!

Aos meus pacientes, por confiarem em meu trabalho e me permitirem acompanhar suas trajetórias.

À minha analista, por proporcionar um espaço em que posso me escutar e fazer as pazes com a minha própria história.

Às colegas do Serviço de Psicologia e de Assistência Social da Associação da Santa Casa de Misericórdia de Ourinhos, por toda parceria.

Ao Professor Doutor Jean Carlos Natividade, que me ensinou e me guiou nesse último ano do mestrado.

À Professora Doutora Tânia Mara Marques Granato, por me acolher e auxiliar ao longo do primeiro ano do mestrado.

À coordenadora do Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Professora Doutora Vera Engler Cury, por toda escuta e acolhimento.

À banca - Professora Doutora Letícia Lovato Dellazana Zanon (PUC-Campinas) e Professora Doutora Marina Menezes (UFSC) -, pela dedicação e disponibilidade em ler o meu

trabalho e por contribuírem significativamente para os ajustes da minha dissertação.

Ao corpo docente e secretariado do curso de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

Resumo

A experiência da maternidade é geralmente vivida com grande intensidade emocional. Com a chegada da adolescência, a mãe enfrenta novos desafios, especialmente com as filhas, que passam a questionar ideais de mulher e de mãe, o que pode impactar a relação entre ambas. Este estudo teve como objetivo compreender como mulheres vivenciam o papel de mãe de adolescentes do gênero feminino. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou entrevistas individuais não estruturadas, iniciadas por uma pergunta norteadora e realizadas na modalidade on-line. Participaram do estudo dez mulheres-mães de adolescentes do gênero feminino, com idades entre 33 e 49 anos. Nos resultados, foram apresentadas análises individuais de cada entrevista e uma análise conjunta, que buscaram compreender a vivência singular de cada participante e os aspectos coletivos emergentes. Essas análises auxiliaram a pesquisadora na identificação de possíveis eixos temáticos. A discussão foi elaborada a partir de eixos temáticos definidos com o apoio da Inteligência Artificial e posteriormente conferidos pela pesquisadora. Os resultados revelaram reposicionamento materno diante de si, da filha e do mundo, marcado por tensões entre ideais tradicionais de maternidade e valores contemporâneos de autonomia feminina. Este trabalho contribui para o aprimoramento das práticas psicológicas, propõe novas formas de pensar a maternidade e o adolescer dos filhos e fomenta reflexões voltadas ao suporte e à promoção dos direitos das mulheres, reconhecendo a maternidade como fenômeno plural.

Palavras-chave: maternidade; adolescência; pesquisa qualitativa; normas sociais.

Abstract

The experience of motherhood is generally lived with great emotional intensity. With the arrival of adolescence, mothers face new challenges, especially with their daughters, who begin to question ideals of womanhood and motherhood, which can impact the relationship between them. This study aimed to understand how women experience the role of mother of female adolescents. It was a qualitative study that used unstructured individual interviews, initiated by a guiding question and conducted online. Ten women - mothers of female adolescents- aged between 33 and 49 years participated in the study. The results presented individual analyses of each interview and a joint analysis, which sought to understand the unique experience of each participant and the emerging collective aspects. These analyses helped the researcher identify possible thematic axes. The discussion was developed from thematic axes defined with the support of Artificial Intelligence and subsequently verified by the researcher. The results revealed maternal repositioning in relation to herself, her daughter, and the world, marked by tensions between traditional ideals of motherhood and contemporary values of female autonomy. This work contributes to the improvement of psychological practices, proposes new ways of thinking about motherhood and the adolescence of children, and fosters reflections aimed at supporting and promoting women's rights, recognizing motherhood as a plural phenomenon.

Keywords: motherhood; adolescence; qualitative research; social norms.

Lista de Tabelas

Tabela 1- Dados Sociodemográficos das Participantes

Tabela 2- Dados Sociodemográficos das Filhas das Participantes

Tabela 3- Dados Sociodemográficos dos Companheiros das Participantes

Lista de Anexos

Anexo 1- *Post- Convite*

Anexo 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo 3- Questionário de Dados Sociodemográficos

Anexo 4- Registros Iniciais

Anexo 5- Parecer Consustanciado do Comitê de Ética em Seres Humanos

Anexo 6 - COREQ

Lista de Abreviaturas e Siglas

ISTs- Infecções Sexualmente Transmissíveis

SBP- Sociedade Brasileira de Pediatria

ECA- Estatuto da Criança e Adolescente

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PG- Perdas Gestacionais

TI- Tecnologia da Informação

RAI- Registro Associativo Inicial

COREQ- *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research*

CONEP- Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

ChatGPT- *Chat Generative Pre-Trained Transformer*

IA- Inteligência Artificial

Sumário

1. Apresentação.....	15
2. Capítulo 1- Introdução.....	17
Panorama Histórico e Social da Maternidade	17
Do Papel de Mulher ao Papel de Mãe	19
A Maternidade na Contemporaneidade.....	24
A Chegada da Adolescência	24
<i>Definição de Adolescência e as Mudanças Físicas.....</i>	28
<i>Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência.....</i>	28
<i>A Adolescência da Mulher.....</i>	30
<i>A Adolescência na Perspectiva da Mãe</i>	31
Os Sentimentos que Atravessam a Relação Mãe-Filha.....	34
Justificativa	37
Objetivos	40
Objetivo Geral	40
Objetivos Específicos.....	40
3. Capítulo 2- Método.....	41
Caracterização da Pesquisa	41
Participantes	41
Instrumentos	47
Procedimentos.....	47
4. Capítulo 3- Resultados	53
Análises Individuais das Entrevistas: As Vivências Singulares	53
<i>Valeria e Manuela</i>	53
<i>Ana e Maria</i>	53

<i>Catarina e Beatriz</i>	54
<i>Heloisa e Sara</i>	55
<i>Sonia e Laura</i>	56
<i>Juliana e Moranguinho</i>	56
<i>Luiza e Bruna</i>	58
<i>Mariana e Amanda</i>	58
<i>Helena e Eliza</i>	59
<i>Flavia e Tamires</i>	61
Análises em Conjunto das Entrevistas: As Vivências Compartilhadas	63
5. Capítulo 4- Discussão	Erro! Indicador não definido.
6. Capítulo 5- Considerações finais	78
Referências	82
Anexo 1- Post- convite	91
Anexo 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	92
Anexo 3- Questionário de Dados Sociodemográficos	94
Anexo 4 – Registros	95
Anexo 5- Parecer Consustanciado do Comitê de Ética em Seres Humanos	136

Capítulo 1- Apresentação

O tema da maternidade sempre me chamou atenção. E, não por acaso, escolhi a disciplina eletiva de Psicologia das Relações Familiares, matéria que me aproximou ainda mais do tema da parentalidade. Tendo em vista a relação profissional e pessoal com este tema, encontrei o grupo de pesquisa Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção do programa de Pós-Graduação da PUC-Campinas. Foi no subgrupo no qual fiz parte durante o primeiro ano de mestrado que o tema da maternidade foi se afunilando e, assim, delineei meu objeto de estudo, adotando a vivência de mães de adolescentes do gênero feminino como campo desta pesquisa.

Enquanto adolescente, essa relação já me marcava com a minha mãe e antes também, quando vi minha irmã mais velha se tornar adolescente. Vale mencionar que há um impacto emocional e psicológico tanto na vida da mãe quanto na da filha, afinal, são duas mulheres de gerações diferentes, se havendo com o que é ser mulher dentro de uma sociedade que propõe valores ainda tradicionais e misóginos. Essa experiência, em minha casa, não foi diferente.

Curiosamente- ou talvez, não por acaso- enquanto psicóloga clínica, muitos dos pacientes que têm chegado até mim na clínica também trazem questões relacionadas à parentalidade. Isso tem me aproximado ainda mais desse tema, despertando um interesse crescente em compreender com mais profundidade os aspectos emocionais, simbólicos e relacionais envolvidos nesse processo.

O foco em estudar a relação mãe-filha se dá justamente por ser uma relação que se estende por toda a vida de ambas (Chodorow, 1978), mais especificamente como a mãe passa por essas diferentes fases (Dornelas & Garcia, 2006). Em tempos de intensas transformações nos papéis de gênero, modelos familiares diversos e maior liberdade individual, a relação mãe-filha também se modifica. Entender essas mudanças é essencial para refletir sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, os desafios transgeracionais, as formas de

cuidado e de conflito que aparecem nessa relação.

A introdução teórica (Capítulo 1) deste estudo aborda uma perspectiva histórica da maternidade relacionada a questões de gênero, integrando modelos teóricos da Psicanálise, dos estudos de gênero e da Psicologia Social. Além disso, a adolescência é discutida como uma etapa marcante do desenvolvimento humano, com ênfase em suas principais características. Ainda, a pesquisadora aprofunda a análise da relação entre mãe e filha nesse período, destacando os desafios e as transformações que permeiam esse vínculo. Por fim, os objetivos do estudo são apresentados.

No Capítulo 2, é descrito o método utilizado no estudo, contemplando a caracterização da pesquisa, os participantes, os instrumentos e os procedimentos. No Capítulo 3, são apresentadas as descrições dos resultados.

A Discussão (Capítulo 4) retoma os resultados obtidos, que são analisados à luz da literatura e de estudos recentes sobre a maternidade.

Por último, o Capítulo 5 reúne as considerações finais do estudo e constitui um espaço de síntese no qual os objetivos são retomados e as limitações, contribuições e reflexões são apresentadas.

Capítulo 1- Introdução

A parentalidade diz respeito aos cuidados parentais e às interações entre pais e filhos (Gorin et al., 2015). Entende-se que a parentalidade não fica restrita à gestação e ao nascimento de um filho. Trata-se de um exercício que começa a ser construído desde a infância, na própria família, no contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido e, portanto, depende da experiência pessoal. Tal fato influencia e determina a maneira como o sujeito exercerá a parentalidade (Gorin et al., 2015). Ainda, esse mesmo autor assinala que a experiência da parentalidade não é neutra, já que é influenciada pelo meio sociocultural, pela subjetividade e pela história do indivíduo, ou seja, passa por emoções vividas e elaboradas.

Observa-se que a reprodução biológica, gestar e parir, não garante, por si só, o surgimento do sujeito materno ou paterno (Garrafa, 2020). Longe de qualquer pressuposto instintivo, a parentalidade constitui-se como um processo subjetivo, ancorado no ato de se nomear mãe ou pai de alguém, sendo marcada por uma construção simbólica e contínua da identidade parental (Borges et al., 2025).

Destaca-se que entre todas as transições vivenciadas pelo sistema familiar, a passagem para a parentalidade é destacada como uma das mais intensas e dramáticas, exigindo reorganização de identidades e papéis (Ngai & Ngu, 2013). A parentalidade tende a reproduzir valores e expectativas de gênero que foram transmitidos socialmente, muitas vezes sem reflexão crítica. Serpa (2010) observa que pais e mães reproduzem os valores que receberam, o que contribui para que as crianças desempenhem papéis sociais conforme o gênero já estabelecido.

Apesar dos avanços promovidos pelas lutas feministas, as mulheres continuam a ocupar predominantemente o papel de cuidadoras principais (Iaconelli, 2020; Chodorow, 1979). Essa persistência decorre de fatores históricos e culturais que perpetuam a desigualdade na divisão das tarefas parentais, como mostram pesquisas sobre estereótipos de

gênero, as quais indicam que a responsabilidade pelo cuidado dos filhos é frequentemente atribuída às mulheres (e.g., Natividade et al., 2014). Essas evidências demonstram que, mesmo em contextos de mudança social, a divisão desigual do cuidado parental permanece como um traço marcante das relações de gênero (Iaconelli, 2020).

Conforme citado por Santos et al. (2024), a maternidade envolve uma complexidade de experiências, seja nos âmbitos pessoais, emocionais, profissionais, sociais ou mentais. A pressão social a que as mulheres-mães estão sujeitas é prejudicial e causa desconforto e angústia, pois sempre se espera que esse papel seja cumprido da melhor maneira possível e sem queixas sobre o que significa ser mãe (Santos et al., 2024; Kehl, 2002). Observa-se que a maternidade, dada sua complexidade, seus desafios e suas mudanças, é vista como um fenômeno social (Kehl, 2002).

Borges et al. (2025) citam que outro aspecto central da experiência materna refere-se à transformação da filha em mãe. Essa transição pode revelar-se particularmente desafiadora, uma vez que desloca a mulher de uma posição passiva, de ser filha, ou seja, de ser objeto de cuidado, para uma posição ativa, de ser mãe, ou seja, de tornar-se agente do cuidado. Diante disso, torna-se fundamental problematizar e até desconstruir concepções amplamente naturalizadas sobre a existência de um suposto instinto materno inato (Borges et al., 2025).

De acordo com Fernandes (2008), a experiência de tornar-se mãe pode ser atravessada por silenciosos conflitos emocionais, marcados por insegurança, dúvidas e pela tentativa constante de equilibrar o papel de autoridade com o de figura afetiva. Considerando que mães e filhas compartilham a mesma identidade de gênero e vivenciam valores e imposições estabelecidos pela sociedade, este estudo torna-se relevante na medida em que explora a vivência de mães de adolescentes do gênero feminino. A escolha de estudar mães de adolescentes se dá pelas mudanças que ocorrem na relação mãe-filha com a chegada da adolescência e pelos novos desafios a serem enfrentados. Com isso, a mãe é convocada a

revisar seus ideais de mulher e de mãe, processo que pode repercutir na relação entre elas. O foco está em compreender as dificuldades, as possibilidades, os sentimentos e as expectativas que permeiam o processo de desenvolvimento da mulher, evidenciando como tais vivências são atravessadas por questões de gênero e de geração.

A seguir, são apresentadas as seções que estruturam a introdução teórica, organizados de modo a possibilitar uma compreensão histórica, social e cultural da maternidade, bem como a abordar a adolescência como uma fase plural do desenvolvimento: Panorama Histórico e Social da Maternidade; Do Papel de Mulher ao Papel de Mãe; A Maternidade na Contemporaneidade; A Chegada da Adolescência; Os Sentimentos que Atravessam a Relação Mãe- Filha.

Panorama Histórico e Social da Maternidade

A maternidade é uma experiência que se estrutura sob a forma de tarefas que visam a promoção de cuidado, educação e proteção da criança, e provoca mudanças físicas e sociais na vida da mulher que, na maioria das vezes, passa a ser vista apenas como mãe (Santos et al., 2024). Além disso, segundo Santos et al. (2024), a ideia de que o exercício da maternidade é o ápice da vida feminina acaba por romantizar essa experiência, ocultando seus desafios, obstáculos e entraves.

Souza e Germano (2009) destacam que as transformações relacionadas à maternidade e aos cuidados maternos, tanto na Europa quanto no Brasil, articulam-se às mudanças econômicas que possibilitaram a constituição dos Estados modernos e acompanharam a consolidação da ordem econômica burguesa a partir do século XVII. Nesse contexto, não apenas o discurso médico desempenhou um papel relevante, mas também os de juízes, políticos e da Igreja contribuíram para a promoção de uma nova forma de relação entre mães e filhos, atribuindo ao papel materno características específicas e conferindo-lhe centralidade (Badinter, 1985/2024).

Na Europa dos séculos XVI, XVII e parte do XVIII, era recorrente o afastamento precoce das crianças do núcleo familiar, com eventual retorno apenas na vida adulta. Essa dinâmica comprometia a construção de vínculos afetivos mais profundos entre pais e filhos, dificultando o desenvolvimento de relações familiares mais próximas (Souza & Germano, 2009). De modo semelhante, no Brasil Colonial, ainda que as crianças permanecessem fisicamente no espaço doméstico, a responsabilidade por seus cuidados também não recaía sobre as mães biológicas, mas sobre mulheres negras escravizadas, conhecidas como amas-de-leite¹. Já nesse período, observava-se o início de uma valorização do aleitamento materno, impulsionada pelos discursos da Igreja e do médico. No entanto, as mulheres das classes dominantes ainda não assumiam o ato de amamentar como responsabilidade direta, delegando essa função às escravas (Souza & Germano, 2009).

Como citado por Scavone (2004), a amamentação deve ser compreendida como uma prática socialmente construída, cujo significado varia conforme o contexto histórico, cultural e de classe. No Brasil, o aleitamento materno passou a ser incentivado apenas na segunda metade do século XIX, período em que a criança da elite passou a adquirir valor econômico e político. Como destacado por Scavone (2004), nesse momento, o ato de amamentar foi ressignificado e passou a ser considerado uma expressão de cuidado e nobreza por parte das mulheres da elite, em consonância com os interesses dessa classe em preservar a coesão familiar.

Nesse contexto, conforme apontam Souza e Germano (2009), o papel da família deslocou-se de uma função predominantemente econômica para a centralidade das relações afetivas, contribuindo para a consolidação de uma nova concepção de amor materno. Concomitantemente, o cuidado com as crianças passou a ser compreendido, especialmente

¹ Mulheres negras que eram utilizadas e alugadas por valores elevados para amamentar/fornecer leite para as crianças brancas, filhos de famílias ricas, durante o Brasil colonial e imperial.

pelas mulheres, como uma responsabilidade natural, internalizada como parte constitutiva de sua identidade de gênero. A maternidade, assim, transformou-se em uma experiência que integrava o cuidado e a educação dos filhos como tarefas essenciais a serem desempenhadas no ambiente doméstico, sob responsabilidade direta da mãe e da família (Souza & Germano, 2009).

Dessa forma, ainda de acordo com Souza e Germano (2009), o interesse das mulheres pelo cuidado e pela amamentação no espaço familiar foi, gradativamente, naturalizado, sendo percebido como uma extensão espontânea da feminilidade. Essa relação tornou-se tão incorporada às representações sociais da mulher que muitas passaram a concebê-la como inata, desconsiderando que tais práticas são, em essência, construções históricas, sociais e culturais.

Segundo Vásquez (2014), no século XIX, com o advento das reformas sociais, o Estado passou a intervir de maneira mais direta na esfera familiar, estabelecendo normas sobre o casamento, a adoção e os direitos individuais dos membros da família. Nesse período, a mulher permaneceu restrita ao espaço privado, sendo definida principalmente por sua sexualidade e por seu corpo, representada como uma figura frágil, distante da esfera pública e confinada ao papel de mãe e dona de casa (Vásques, 2014).

O século XX foi marcado por profundas transformações culturais, científicas e sociais. Conforme destacado por Vásques (2014), a expansão da industrialização e dos meios de comunicação contribuiu para essas mudanças. Também houve aumento da participação feminina no mercado de trabalho e fortalecimento dos movimentos feministas. Além disso, a introdução da pílula contraceptiva foi um fator importante. Esses elementos, em conjunto, reconfiguraram a estrutura familiar, o lugar social da mulher e sua valorização.

Já no início do século XXI, a família continua a ser reconhecida como o principal agente de socialização da criança, sendo por meio dela que se formam os primeiros

comportamentos que moldam as interações sociais, tanto no âmbito privado quanto no público (Souza; Germano, 2009). Nesse novo cenário, a mulher amplia sua atuação, deixando de ser exclusivamente dona de casa para ocupar espaços no mercado de trabalho. Contudo, essa inserção não implicou o abandono das funções tradicionalmente atribuídas a ela, como os cuidados domésticos e a educação dos filhos, gerando uma sobreposição de responsabilidades e contribuindo para transformações significativas na dinâmica familiar (Santos et al., 2024).

Iaconelli (2020) destaca que os cuidados com as crianças nunca foram tão solitários e individualizados, uma vez que recaem majoritariamente sobre a responsabilidade das mães². A autora observa ainda que “vivemos a paradoxal situação na qual a independência socioeconômica da mulher, decorrente das lutas feministas e das novas condições do mercado, desemboca em uma maternidade solitária e desassistida” (Iaconelli, 2020, p. 79), o que ratifica a expressiva presença de famílias monoparentais femininas na atualidade.

Emidio et al. (2023) completam que, embora sejam reconhecidas as transformações sociais em curso, observa-se a permanência do modelo tradicional de maternidade, sustentado por um papel materno subjetivamente enraizado no tecido social. Tal enraizamento, por sua vez, dificulta as negociações necessárias à abertura para pluralidades capazes de contemplar diferentes formas da mulher-mãe vivenciar a maternidade (Emidio et al., 2023).

Do Papel de Mulher ao Papel de Mãe

A compreensão dos papéis sociais de gênero tem sido objeto de intensa reflexão teórica, especialmente no campo da Sociologia, Psicologia e do feminismo contemporâneo (Maia, 2019). Segundo Judith Butler (1990), tais papéis não são essências naturais, mas construções sociais produzidas e reforçadas por meio de práticas e comportamentos repetidos, o que ela denomina performatividade de gênero. Essa perspectiva permite problematizar

² Ainda que as mulheres sejam historicamente reconhecidas como as principais cuidadoras (Iaconelli, 2020), observa-se um crescimento do envolvimento paterno na criação dos filhos. Atualmente, os pais têm participado dos cuidados, da educação e das atividades da criança, sendo sua presença considerada tão fundamental quanto a materna para o desenvolvimento socioemocional (Cruz et al., 2020).

normas historicamente estabelecidas, como o papel materno, que, embora frequentemente naturalizado, é socialmente imposto e funciona como uma norma que disciplina a identidade feminina.

Butler (1990) propõe que a sociologia e o feminismo reconheçam a existência de um modelo social fortemente estruturado, denominado por ela “matriz heterossexual”, no qual o sexo do indivíduo é entendido como um atributo biológico binário atribuído ao nascer (masculino ou feminino), enquanto o gênero constitui um componente cultural socializado ao longo da vida. A autora fundamenta-se ainda na máxima de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher: torna-se” (1949/1977, p. 285) para repensar a concepção de identidade, enfatizando que papéis e identidades de gênero são construídos socialmente e passíveis de transformação.

Aqui vale fazer uma diferenciação entre performance de gênero e a performatividade do gênero. Quando se afirma que o gênero é uma performance, entende-se que o sujeito atua e representa um papel de gênero ao qual pertence, apresentando-o ao mundo. Já a performatividade do gênero refere-se à produção de efeitos: o sujeito fala, anda e se comporta de maneiras que consolidam a impressão de ser homem ou mulher (Maia, 2019). Embora os sujeitos atuem como se o gênero fosse algo intrínseco, ele é, na realidade, (re)produzido ao longo do tempo; ninguém nasce com um gênero definido, pois ele se constitui por meio de práticas reiteradas (Butler, 2004). O conceito de performatividade de gênero oferece, assim, uma perspectiva para transformar a maneira como a sociedade comprehende o gênero (Butler, 2004; Maia, 2019).

Para Butler (2004), a noção de performatividade facilita, portanto, a adaptação a novas formas de gênero. É fundamental criar espaço para novas formas de gênero, promovendo sua discussão e o seu desenvolvimento. Isso exige que a sociedade reconheça sujeitos com essas identidades e seus desejos de não-normatividade, sem tratá-los com violência. Dessa forma,

no âmbito político e teórico, torna-se necessário abrir espaço para esse pensamento (Butler, 2004).

Nesse sentido, ao enfatizar a natureza construída e performativa do gênero, Butler (1990) oferece instrumentos conceituais para compreender como expectativas sociais podem ser desafiadas, evidenciando que os papéis de gênero são plásticos, passíveis de transformação e subversão, o que abre espaço para múltiplas formas de vivenciar a maternidade e a identidade feminina. Sob a perspectiva da performatividade de gênero, a maternidade deixa de ser uma condição biológica fixa e passa a ser compreendida como uma construção social sujeita à transformação (Butler, 1990). Assim, as expectativas sobre como a mulher deve ser e agir enquanto mãe refletem construções sociais que podem ser questionadas, indicando novas possibilidades de questionar o lugar social de mulher e de mãe.

O estudo de Silveira et al. (2005), aponta que a figura feminina ainda se encontra fortemente vinculada a um ideal de amor, afeição e cuidado, com a expectativa de que se apresentem características como doação, bondade, docura e tolerância. Tal apontamento relaciona-se com o conceito de performatividade observado por Butler (1990), o qual vai ao encontro do que a sociedade espera que uma mulher cumpra.

Nesse contexto, o exercício da autoridade materna e feminina choca-se frequentemente com estereótipos sociais, que atuam como barreiras e dificultam ou impedem mudanças significativas nas dinâmicas familiares e sociais. No que tange aos papéis familiares, observa-se que as mães, com maior frequência do que os pais, percebem com mais clareza os problemas de comportamento de seus filhos, mesmo que esses não sejam necessariamente graves (Silveira et al., 2005). Esse dado reforça a ideia de uma maior responsividade materna, como já apontado em estudos anteriores (Benzies et al., 2004).

A Maternidade na Contemporaneidade

A maternidade é uma vivência que foi sendo transformada ao longo da história (Ariès,

1981). Porém, como citado por Benzoni (2024), ainda há uma associação de que o papel de mulher só é cumprido quando ela se torna mãe, papel esse, que, muitas vezes, é justificado pela biologia- o corpo da mulher é responsável por receber, gerar, amamentar e cuidar da criança. Tal associação culmina na valorização da maternidade com a visão focada no que a mulher deve cumprir para ser e existir socialmente (Benzoni et al., 2024).

Como citado por Borges et al. (2025), o anúncio da chegada de um filho ou filha frequentemente desencadeia um estado de fragilidade psíquica na pessoa que se propõe a gestar, parir e cuidar. Nesse momento, o sujeito se vê diante de diversas fronteiras: as configurações subjetivas pré-existentes, presentes e potenciais entram em confronto e, por vezes, se desorganizam, em um processo visceral que é comumente denominado maternidade em nossa cultura (Lima, 2022). Em outras palavras, assumir o papel de mãe não se configura como uma experiência intuitiva ou simples, mas como um atravessamento complexo, que exige de cada mulher um ajuste profundo de sua identidade e de suas relações subjetivas (Borges et al., 2025).

Dentre as transformações que a mulher experimenta ao se tornar mãe, incluem-se alterações físicas que, por vezes, são tão significativas a ponto de levá-la a não se reconhecer (Aching et al., 2016). Para a mulher que se torna mãe, esse período implica transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Além disso, como destacado por Machado et al. (2020), esse período pode ser marcado por desorganização emocional (medos e sentimentos de impotência), dificuldades no rompimento de vínculos e sensação de perda da identidade feminina. Nesse contexto, muitas mulheres relatam sentir culpa ao direcionar atenção a si mesmas (Merighi et al., 2006), dado que a mulher precisa desempenhar múltiplos papéis em meio a uma complexa rede de sentimentos (Machado et al., 2020).

Sarti (2008) argumenta que a maternidade passou a ser vista como uma escolha pessoal das mulheres, independentemente das imposições sociais. Contudo, essa autonomia

está permeada por influências subjetivas, o que revela que, apesar dos avanços legais e médicos, as estruturas simbólicas que regem a experiência feminina persistem significativamente. Nesse sentido, é pertinente retomar o discurso de Rousseau (1762/2004), que, dirigindo-se às mulheres do século XVIII, afirmava que a maternidade constituía seu destino natural e dever moral. Embora essa perspectiva seja historicamente situada naquele período, ainda reverbera na contemporaneidade, influenciando significativamente as concepções sociais sobre o papel feminino na sociedade atual (Albertuni & Stengel, 2016).

Efetivamente, nenhuma mulher nasce detendo um saber materno, tampouco uma tendência a amar incondicionalmente quem lhe é inicialmente estranho e invasivo. Portanto, faz-se necessário o debate para transformar e ressignificar essa construção absolutamente ideológica do que é ser mãe (Lima, 2022). Longe de contornos instintivos, a parentalidade é determinada pelo ato de nomear-se mãe ou pai de alguém; é sobretudo construção e constituição subjetiva (Borges et al., 2025).

Albertuni e Stengel (2016), bem como Iaconelli (2023), destacam que a introdução dos métodos anticoncepcionais representou um marco fundamental nas conquistas femininas, ao possibilitar a dissociação entre o corpo da mulher e a maternidade compulsória. Essa transformação permitiu que a maternidade deixasse de ser concebida como um destino inerente à condição feminina, proporcionando maior autonomia sobre seus próprios corpos e projetos de vida. Contudo, observa-se que tal avanço não se refletiu plenamente nas esferas socioculturais, que continuam a impor expectativas normativas sobre o papel da mulher na sociedade (Iaconelli, 2023).

O exercício pleno da condição feminina continua a ser amplamente associado à experiência da maternidade, especialmente à figura da boa mãe, entendida como aquela que demonstra dedicação máxima e perfeição no cuidado dos filhos (Santos et al., 2024; Kehl, 2002; Badinter, 1985/2024). A esse quadro soma-se um discurso naturalista que pressupõe a

preocupação materna como um instinto inerente, o que leva à crença de que as mulheres possuem a capacidade imediata de compreender e atender às demandas de seus filhos, conforme destacado por Reis e Santos (2013). Nesse sentido, a maternidade é alvo de críticas diárias, demonstrando como a responsabilização da mulher na criação de seus filhos tece ao que é tido como social e natural pela mídia, ciência e Estado (Sales et al., 2021; Narvaz, 2005).

Destaca-se que, apesar da ampliação dos papéis femininos e dos avanços conquistados pelas lutas feministas, a maternidade e o casamento seguem sendo apresentados, sobretudo nos meios de comunicação, como pilares centrais para a realização plena da mulher. Tais representações reforçam padrões tradicionais de feminilidade e mantêm, de forma sutil, a ideia de que o sucesso pessoal feminino está diretamente vinculado ao cumprimento desses papéis (Serpa, 2010).

Como citado acima, a mídia reproduz, de maneira indireta e convincente, concepções ideológicas sexistas sobre a mulher que contribuem para manter relações de dominação (Sales et al., 2021; Serpa, 2010; Meyer, 2003). Segundo Serpa (2010), a cultura patriarcal impôs, ao longo da história, uma lógica de dominação masculina e opressão às mulheres. Como consequência dessa lógica, Serpa (2010) afirma que existe uma reprodução da família tradicional, com a filha sendo ensinada a cuidar da casa e dos irmãos mais novos e enquanto do filho se espera que possa gerir, liderar e dominar futuramente.

Em estudos sobre a Psicologia do Desenvolvimento, observa-se que os estilos parentais também influenciam a formação e a performance do gênero. Nesse contexto, a forma como os pais educam seus filhos e os valores que transmitem, incluindo as definições de masculinidade e feminilidade, são fatores cruciais na formação de gênero (Serpa, 2010). Conforme apontado por Sales et al. (2021), os estereótipos de gênero começam a ser reforçados muito cedo, inclusive nas expectativas parentais quanto ao comportamento de

filhas e filhos. Tais expectativas são amplificadas pelo uso de mídias sociais e de conteúdos culturais que reforçam padrões sexistas.

Na pesquisa realizada por Costa e Antoniazzi (1999), discutem-se as expectativas socialmente construídas em relação ao sexo do bebê e aos comportamentos considerados adequados conforme o gênero atribuído. Os autores evidenciam que, ainda durante a gestação, já se manifestam projeções e normas sobre como o bebê deve agir ou se portar, dependendo de ser identificado como menino ou menina. Tal pensamento vai ao encontro da proposta de Chodorow (1978), que sugere que os valores e ideias sobre o gênero são transmitidos e reproduzidos, mesmo antes do nascimento, enquanto a criança ainda está na barriga da mãe. Assim, conclui-se que, à medida que a criança cresce, novas demandas são apresentadas aos pais e, a partir delas, novos conflitos podem surgir.

A Chegada da Adolescência

Definição de Adolescência e as Mudanças Físicas

De modo geral, a adolescência demarca uma fase que tem início com as transformações físicas características da puberdade e se conclui com a efetiva integração social, profissional e econômica na vida adulta (Formigli et al., 2000). Jordão (2008, p. 157) define que: “A adolescência constitui-se em uma vivência fundamental na constituição identitária, permeada por mudanças, remodelamentos subjetivos, ressignificações de diversas ordens. O adolescente necessita reeditar sentimentos e vínculos primários em relação às figuras parentais, revisando, assim, seus objetos internos e sua identidade.”

Do ponto de vista cronológico, a adolescência, segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA, 2021), é definida entre 12 e 18 anos de idade. Trata-se de uma fase do desenvolvimento humano marcada por mudanças físicas, comportamentais, biológicas e emocionais, um período de transição da infância para a vida adulta, mas que apresenta características próprias e mudanças significativas (Schoen-Ferreira et al., 2010).

O estirão de crescimento, o formato do corpo, o aparecimento de pelos e acnes, o aumento da força física e o desenvolvimento das características sexuais são exemplos das transformações físicas que ocorrem nesse período. Ademais, é nessa fase que se alcança a idade reprodutiva; nas meninas, esse marco ocorre com a primeira menstruação, a menarca. Nos meninos, pode-se dizer que a maturação sexual ocorre com a ejaculação e as emissões noturnas, além do aparecimento de pelos, principalmente na região da face, e da alteração da voz (Collins & Sprinthall, 2003).

É importante distinguir entre os conceitos de puberdade e adolescência, conforme apontam Kalina e Laufer (1974). A puberdade refere-se às transformações fisiológicas, como as alterações hormonais e corporais que marcam o início do desenvolvimento sexual. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), esse processo ocorre, em média, entre os nove e 14 anos nos meninos e entre os oito e 13 anos nas meninas (Campos et al., 2014). Já a adolescência diz respeito aos aspectos psicossociais desse período de transição, envolvendo mudanças emocionais, cognitivas e sociais que acompanham o amadurecimento e desenvolvimento do indivíduo.

A adolescência também inaugura uma nova dinâmica na relação entre pais e filhos(as) e costuma ser geradora de conflitos que afetam tanto o adolescente, que logo se tornará adulto, quanto os pais. Com isso, o pai e a mãe tendem a encontrar novas formas de se relacionar com o adolescente (Seron & Milani, 2011).

Por fim, destaca-se que embora a adolescência seja concebida como uma etapa universal do desenvolvimento humano, sua vivência está condicionada a contextos históricos e culturais específicos. Tais contextos influenciam formas distintas de experienciá-la, variando conforme o gênero, o grupo social e a geração a que o indivíduo pertence (Martins et al., 2003).

Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência

De acordo com Matos et al. (2025), os adolescentes passam por uma fase prolongada que combina elementos de maturidade e imaturidade. Nesse período, há momentos de autonomia que alternam com períodos de maior dependência, principalmente dos pais. Esses processos culminam no desenvolvimento da identidade, da autoestima e da intimidade, que visam a preparar para a vida adulta.

Collins e Sprinthall (2003) denominam a adolescência como “o surto do crescimento” (p. 45), uma vez que as transformações físicas e biológicas próprias desse período produzem efeitos significativos no funcionamento psicológico dos indivíduos. Sentimentos como insegurança, preocupação e sensação de não pertencimento tendem a manifestar-se com maior intensidade nesse momento do desenvolvimento. É na adolescência que os círculos e papéis sociais se expandem progressivamente (Campos et al., 2014). Essas mudanças impactam diretamente a dinâmica familiar, exigindo adaptações tanto dos pais quanto dos filhos.

Em relação ao círculo social, os jovens costumam afastar-se da convivência familiar e aproximar-se de grupos de pares, especialmente por meio da escola, do ambiente de trabalho e das práticas esportivas coletivas. Pensando nos papéis sociais, as mudanças físicas e biológicas que ocorrem nessa fase, preparam o adolescente para assumir papéis sociais mais complexos, como o de liderança em grupos da escola, da comunidade e da igreja. Além disso, esses adolescentes se sentem mais confiantes para se tornarem parceiros românticos (Campos et al., 2014).

Vale ressaltar que, segundo Collins e Sprinthall (2003), é nessa fase que se observa um aumento da incidência de distúrbios psicológicos, como depressão, ansiedade, suicídio, anorexia e dependência de substâncias psicoativas. Além disso, em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, constatou-se que os indicadores de saúde mental são piores entre as meninas, o que evidencia uma questão de gênero. Um estudo

realizado por Sales et al. (2021) demonstrou que o acesso e o uso desenfreado das redes sociais por adolescentes impactam negativamente a saúde mental dos jovens. Hábitos alimentares (como compulsão, anorexia e bulimia), sedentarismo, agressividade, automutilação e ideações suicidas são exemplos diretos desse impacto. Tais comportamentos podem ser influenciados pelo meio social e indicar violência física ou psicológica que o jovem possa estar enfrentando, como bullying ou cyberbullying³.

A adolescência é um período de transição que traz consigo uma série de mudanças significativas, tanto físicas quanto psicossociais, que impactam profundamente a relação entre mães e filhos. Os conflitos que emergem nesse estágio não apenas refletem as transformações internas do adolescente, mas também exigem que as mães se adaptem a novas dinâmicas de interação e comunicação, como descrito por Seron e Milani (2011).

A Adolescência da Mulher

Por este estudo focar na relação mãe-filha, são apresentadas características mais detalhadas da adolescência de uma mulher. A menarca, definida como a primeira menstruação, constitui um marco significativo no desenvolvimento biopsicossocial das mulheres. De acordo com Amaral (2003), esse evento é frequentemente compreendido como um rito de passagem, sinalizando a transição da infância para a adolescência e marcando simbolicamente a entrada no universo adulto feminino. Além disso, está associada ao despertar da sexualidade, representando não apenas mudanças fisiológicas, mas também implicações subjetivas e socioculturais relevantes.

Em determinadas culturas, tal marco é celebrado com festa, como apresentado pela pesquisa de Cardoso et al. (2018) sobre o *Ritual da menina moça*, festa ritualística feita no período da menstruação de meninas que vivem numa aldeia de cultura Tenetehar-Tembé⁴. Já as participantes da pesquisa de Amaral (2003) relatam que a vivência da primeira menarca foi

³ Formas de violência física, psicológica, sexual e moral que acontecem em ambientes físicos ou virtuais.

⁴ Grupo indígena que se divide entre Guajajara e Tembé, aldeados, respectivamente, no Maranhão e Pará.

considerada um segredo, com momentos de violência e indiferença diante desse novo momento, algo comum na cultura ocidental.

No estudo de Marinho (2019), a autora questiona se a menstruação é um fenômeno natural que influencia a vida toda de uma mulher e perpassa questões de gênero e o lugar da mulher na sociedade. Marinho (2019) também explora como os sentimentos de vergonha, constrangimento e desconforto se intensificam nesse período, reforçando o tabu existente sobre esse tema, tratado como se fosse um segredo, ideia também observada nos estudos de Amaral (2003).

Há um apontamento sobre a falta de apoio e acolhimento no meio social, principalmente para meninas adolescentes que vivenciam esse período pela primeira vez (Marinho, 2019). As participantes do estudo de Marinho (2019) relataram ter menstruado na escola e, mesmo recebendo orientações de familiares do sexo feminino, sentiam vergonha e constrangimento. Nesse mesmo estudo, as participantes relataram que as orientações vinham, em grande maioria, por parte das mães (Marinho, 2019). Nesse sentido, a pesquisa de Sarvegnago e Arpini (2016) complementa que as mães sentem-se responsáveis por passar as orientações, já que, na maioria das vezes, o parceiro e pai da filha não fará isso.

Ademais, segundo Jackson e Falmagne (2013), a mãe tem uma grande influência nesse momento. Essa influência pode ser positiva, pois ela é a primeira mulher a orientar a filha. No entanto, também pode ser negativa, se ela reproduzir a ideia de que a menstruação deve ser mantida em silêncio. Isso reforça as restrições ao corpo feminino que foram impostas ao longo da história e dificulta a construção de uma relação mais saudável com os próprios processos do corpo feminino.

Outro dado relevante que evidencia uma questão de gênero, intimamente ligada ao desenvolvimento da mulher e da mulher-mãe, é a incidência de transtornos psicológicos e alimentares. Como mencionado, os índices mais altos afetam majoritariamente as mulheres

(IBGE, 2021). Esses distúrbios estão fortemente associados à pressão cultural e midiática em torno de um ideal de beleza (Fonseca & Rena, 2008).

Um estudo realizado no Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas investigou as vivências emocionais de mães de adolescentes do sexo feminino com diagnóstico de anorexia nervosa (Campos, 2012). Os resultados revelaram que, na relação com as filhas, essas mães apresentavam dificuldades significativas para lidar com o transtorno das filhas, o que reflete questões emocionais mal elaboradas em suas próprias histórias, que são reativadas pela condição das filhas. Observou-se, ainda, uma dificuldade por parte dessas mulheres em constituir uma identidade feminina própria, o que compromete tanto a compreensão das demandas das filhas quanto a qualidade da relação entre ambas, gerando, muitas vezes, um distanciamento afetivo.

Os resultados apresentados por Schwarz e Pretto (2018) corroboram a análise de Campos (2012), que ressaltam a importância de a mãe ter elaborado suas próprias angústias para estar emocionalmente disponível. Essa elaboração é fundamental para que ela possa acolher as angústias da filha, fortalecendo, assim, o vínculo entre ambas.

Uma pesquisa realizada por Savegnago & Arpini (2016) analisou como as mães abordam o tema da sexualidade com suas filhas adolescentes. Esse estudo mostrou que, quando o assunto é discutido, a conversa se limita principalmente às questões preventivas, como o uso de camisinha para evitar a gravidez e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Essa argumentação preventiva, sobretudo nas falas da mãe, sugere uma sexualidade velada, tratada como algo perigoso, o que evidencia os riscos e prejuízos de uma relação (Ressel et al., 2011). Além disso, esse tipo de recomendação, principalmente em relação às filhas, reforça os ideais de submissão feminina, de controle do corpo e de uma postura recatada e cautelosa que a mulher deve adotar. Diferente do homem, que é valorizado por sua

ousadia e liberdade (Baggio et al., 2009). Esses dados corroboram o que Serpa (2010) escreve sobre a reprodução dos valores da família tradicional.

Com a chegada da adolescência, Winnicott (2001) ressalta que os pais, principalmente a mãe, tendem a passar por um período de grande tensão e impacto. Conforme citado por Seron e Milani (2011), a adolescência é um momento crucial para a construção da identidade feminina, lembrando que ela é moldada por expectativas sociais que vão muito além do que sua própria mãe espera.

A Adolescência na Perspectiva da Mãe

A adolescência feminina é um marco na história de vida daquela jovem mulher, mas também na vida de sua mãe, que enfrentará desafios que anteriormente estavam relacionados ao que uma criança demandava. Agora, com a chegada da adolescência, há a construção de uma identidade feminina permeada por influências sociais que superam as idealizações maternas (Seron & Milani, 2011).

A identificação que as mulheres constroem com suas mães ao longo da vida é um dos elementos centrais na formação da identidade feminina. A forma como uma mãe educa sua filha está, em grande parte, condicionada pela maneira como ela própria foi criada. Nesse sentido, torna-se necessário um esforço consciente por parte da mãe para que a maternagem não se limite à reprodução automática de padrões e valores herdados, mas sim para que esses modelos possam ser criticados, elaborados e ressignificados (Chodorow, 1978).

A mãe funciona como um modelo na vida da filha e, segundo Schwarz e Pretto (2018), é sendo filha que se descobre que pode ser mãe. Afinal, é na relação mãe-filha que a mãe acessa como pode se constituir enquanto mulher e mãe, como era sua relação com os membros da família, suas perspectivas e capacidade de resiliência e de que forma transmitirá isso para outras gerações. No caso, ela acessa como poderá sustentar emocionalmente a sua própria filha.

Ainda, ao acompanhar a filha em sua trajetória adolescente, a mãe revivencia, agora como cuidadora, a experiência do adolescer, com todas as suas transformações biopsicossociais. Essa vivência pode funcionar como um espelho de sua própria adolescência, mobilizando memórias, conflitos e afetos. Nesse sentido, a mãe que foi capaz de acolher e elaborar suas angústias enquanto filha tende a estar mais preparada para oferecer o suporte emocional necessário à filha, favorecendo um ambiente de escuta, compreensão e fortalecimento dos vínculos afetivos (Schwarz & Pretto, 2018).

Lobo (2008) concorda com as ideias de Annick Le Guen (2001) de que as mães não transmitem somente a identidade, a sexualidade, a ternura e o erotismo às suas filhas, mas também os valores e as normas sociais esperados de uma mulher. Valores esses atrelados às tarefas de criação, educação e cuidado dos filhos, do marido e do lar, como citado por Santos et al. (2024).

Moura et al. (2015) defendem que a criação de uma menina suscita muitos questionamentos e expectativas, pois a mãe tende a seguir, inconscientemente, o que é socialmente dito e a reproduzir a forma como sua própria mãe a criou, sem questionar se isso é ideal ou não. Assim, há certa possibilidade de criar um distanciamento em relação à filha, o que pode impactar negativamente a relação entre elas. No estudo realizado por Pinho (2020) com 177 mães de filhas adolescentes, as mães consideravam manter uma relação de suporte com as filhas adolescentes, numa tentativa de suprir o que elas [as mães] não tiveram. Um dado apontado na pesquisa de Pinho (2020) é que a idade da mãe pode ser um indicador de afastamento entre mãe e filha, já que são de gerações diferentes.

A adolescência das filhas frequentemente coincide com a entrada das mães na meia-idade, período geralmente situado entre os 40 e os 60 anos, ainda que seus limites não sejam rígidos. Essa etapa do desenvolvimento adulto envolve transformações corporais, emocionais e sociais, bem como questionamentos acerca dos papéis femininos e do próprio percurso de

vida, sendo por vezes associada à chamada crise da meia-idade (Pinho, 2020; Lachman & Bertrand, 2001). Esse momento pode intensificar tensões na relação mãe-filha, uma vez que se trata de duas mulheres pertencentes a gerações distintas, vivenciando tensões que são atravessadas por diferentes referências culturais sobre o que significa ser mulher, mãe, filha e adolescente (Pinho, 2020).

Na meia-idade, observa-se uma crescente conscientização acerca das limitações do controle sobre o próprio curso de vida (Heckhausen, 2001). A emancipação dos filhos, nesse contexto, implica a elaboração do luto pela infância dos filhos e pode convocar as mães à construção de novos projetos e objetivos para além da parentalidade (Fagulha, 2009). Embora esse processo possa ser vivido como uma crise, ele não deve ser compreendido apenas como ruptura, pois pode operar como um impulso para reformulações subjetivas e reelaborações das experiências emocionais, o que favorece o reposicionamento materno diante da autonomia crescente das filhas e o alcance de maior maturidade psíquica (Fagulha, 2009).

A partir disso, com o advento das redes sociais e o uso em massa por parte dos adolescentes, as mães têm dificuldade em lidar com essa tecnologização, pois se sentem perdidas diante desse uso desenfreado, como mostrou o estudo de Alves et al. (2025). As mulheres-mães participantes dessa pesquisa relataram um desafio emocional de fomentar a independência das filhas, principalmente devido às transformações nas formas contemporâneas de socialização, especialmente aquelas mediadas pelas redes sociais digitais (Alves et al., 2025). Nesse mesmo estudo, as genitoras relataram que o uso dessas tecnologias constitui uma fonte recorrente de preocupação e angústia, revelando momentos de incerteza e desorientação quanto às atitudes mais adequadas a adotar diante das vivências virtuais das adolescentes.

Ainda segundo Alves et al. (2025), as transformações socioculturais ocorridas nas últimas décadas, em virtude de sua amplitude, intensidade e rapidez, têm enfraquecido o

recurso que as mães tradicionalmente faziam à experiência passada como guia para o exercício da maternidade. Essa fragilidade torna-se ainda mais evidente durante a adolescência, fase do desenvolvimento marcada pela necessidade de desprendimento do núcleo familiar como parte do processo de ingresso na vida adulta.

Destaca-se que a confiança no vínculo afetivo construído ao longo da infância, sustentado pela transmissão de valores familiares, emerge como fator central para que as mães vivenciem, de forma menos ameaçadora, o afastamento progressivo das filhas (Alves, 2025; Pinho, 2020). Quando essa confiança está presente, as mulheres-mães se sentem mais preparadas para apoiar a ampliação das experiências sociais das adolescentes para além do ambiente familiar (Alves et al., 2025). De modo complementar, Pinho (2020) aponta que o desenvolvimento da relação mãe-filha vai depender de como essa mãe pôde recorrer e recapitular sua própria adolescência, considerando a relação que teve com a própria mãe. Ao identificar semelhanças e diferenças, podem emergir novas formas de relacionamento com a filha, resultando em momentos de maior proximidade ou de afastamento afetivo.

Os Sentimentos que Atravessam a Relação Mãe-Filha

Os cuidados e o afeto materno desempenham papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo. Na adolescência, é essencial que as mães consigam atravessar as turbulências características dessa fase, oferecendo aos filhos apoio e acolhimento no processo de construção da identidade e de conquista da autonomia (Winnicott, 1986/1996). Nesse percurso, a mãe se ampara em suas próprias experiências pregressas e em uma dupla identificação: com sua própria mãe e com o filho (Lopes et al., 2010; Alves et al., 2025).

O estudo realizado por Alves et al. (2025) revelou que as mães, em muitos casos, apresentaram receios relacionados à sexualidade das filhas, dado também analisado por Sarvegnago e Arpini (2016). O medo de que as jovens se perdessem em uma sexualidade desenfreada ou, ao contrário, que fossem seduzidas ou violadas devido à sua ingenuidade, foi

um tema recorrente nos relatos das participantes da pesquisa. Esse dilema reflete, de maneira clara, as angústias da parentalidade contemporânea, em que as mães buscam equilibrar a liberdade e a proteção (Alves et al., 2025). Essa tensão pode ser compreendida à luz da contribuição de Winnicott (1963/1983), ao conceituar a adolescência como um período de imaturidade, marcado pela oscilação entre dependência e autonomia, criando desafios aos pais. No campo da sexualidade, o medo materno pode ser interpretado como uma tentativa de controlar o processo de autonomia das filhas, ao mesmo tempo em que se procura preservar um espaço de liberdade. Diante desse cenário, a tensão entre permitir a liberdade e estabelecer limites se torna um ponto central, exigindo uma negociação constante entre proteção e confiança na capacidade das filhas de lidar com novas experiências sociais e afetivas.

Além das preocupações com a sexualidade, a pesquisa de Alves et al. (2025) também evidenciou as angústias gerais das mães diante da adolescência das filhas, uma fase que, para muitas, se revelou desafiadora. As mães relataram sentir-se desorientadas, em grande parte devido à diferença substancial entre o mundo em que cresceram e o atual, no qual suas filhas atravessam a adolescência (Alves et al., 2025). A distância geracional acentuada pelo impacto das tecnologias digitais, como apontado por Corso e Corso (2020), intensifica essa sensação de desorientação.

Os pais, ao verem seus filhos inseridos em esferas sociais invisíveis, como as redes sociais digitais, experimentam sentimentos de exclusão e perda de controle, o que, no caso das mães desse estudo, gerou insegurança e receios quanto à autonomia das filhas (Alves et al., 2025). As intensas transformações que caracterizam a adolescência não apenas impactam as jovens, mas também têm efeitos significativos sobre as mães, gerando sentimentos de insegurança, receio e incertezas quanto a como lidar com os novos desafios do desenvolvimento das filhas (Corso & Corso, 2025).

No estudo de Alves et al. (2025), as mães expressaram, de maneira geral, um sentimento

de impotência diante das mudanças, sentindo que seus próprios referenciais e experiências de adolescência não eram suficientes para lidar com as realidades contemporâneas da adolescência. Em contraste, algumas mães que se mostraram mais confiantes nos valores e na educação que haviam transmitido às filhas durante a infância pareceram experimentar menos ansiedade em relação às experiências de autonomia da adolescência e aos relacionamentos estabelecidos pelas jovens, incluindo os que surgiam por meio das redes sociais (Alves, 2025).

A experiência materna, nesse contexto, revela-se repleta de paradoxos: é ao mesmo tempo de grande proximidade, com a necessidade de sustentar e apoiar, e de distanciamento, à medida que as mães se veem obrigadas a deixar suas filhas trilhar o próprio caminho. Essa tensão constante entre proteção e liberdade, controle e confiança, permeia o cotidiano das mães, que, muitas vezes, se veem imersas em um dilema emocional profundo (Alves et al., 2025). No entanto, é justamente nesse processo desafiador de adaptação e suporte que se constrói a complexidade da vivência materna, onde o papel de mãe se redefine e se fortalece, mesmo em meio às incertezas e dificuldades da adolescência.

Justificativa

O debate sobre a criação dos filhos atravessa diversas áreas do conhecimento. O foco na compreensão da maternidade de mulheres-mães de adolescentes do gênero feminino se justifica pelas novas demandas que a filha adolescente apresenta à mãe, bem como seu potencial gerador de conflitos, sobretudo quando observado pelas lentes do gênero. Na medida em que a sociedade determina valores, práticas e costumes para a criação dos filhos, inclusive com papéis de gênero bem definidos, a maternidade é questionada sobretudo pela adolescência da filha, já que esta mãe pode ou não encontrar os recursos internos e externos necessários para lidar com as novas demandas. Dessa forma, tendo em vista que a mãe viveu o processo de tornar-se mulher, que hoje sua filha adolescente está às voltas com a constituição

da própria identidade, e que esse processo implica novas demandas psíquicas também para a mãe, torna-se relevante compreender a maternidade de mulheres-mães de adolescentes do gênero feminino. O estudo aborda a dinâmica da relação mãe-filha e contribui para o aprimoramento das práticas psicológicas ao propor novas formas de pensar a maternidade e o adolescer dos filhos, fomentando reflexões voltadas ao suporte e à promoção dos direitos das mulheres, ao reconhecer a maternidade como um fenômeno plural.

Objetivos

Objetivo Geral

Compreender como mulheres vivenciam o papel de mãe de adolescentes do gênero feminino.

Objetivos Específicos

Identificar os obstáculos e as possibilidades que a mãe encontra no relacionamento com a filha, bem como os sentimentos que envolvem sua experiência de maternidade. Além disso, busca-se identificar as expectativas que acompanham o desenvolvimento de uma mulher e explorar as repercussões do que foi vivido pela própria mãe em sua adolescência.

Capítulo 2- Método

Caracterização da Pesquisa

O objetivo deste estudo foi compreender o papel materno de mulheres-mães de filhas adolescentes do gênero feminino. A pesquisa se desenvolveu segundo a abordagem qualitativa em Psicologia, que permite compreender as vivências subjetivas do sujeito (Godoy, 2005).

Segundo Flick (2014), a pesquisa qualitativa possibilita que os pesquisadores entrem em contato com diferentes contextos sociais a fim de compreendê-los em profundidade. Ademais, esse tipo de pesquisa privilegia o campo da interação entre pesquisador e participante, a fim de promover o aprofundamento e a reflexão sobre o fenômeno a ser estudado (Minayo & Costa, 2018). Ressalta-se que o pesquisador qualitativo é o principal instrumento de sua pesquisa, já que é quem conduz, observa e teoriza, produzindo novas compreensões a partir do que foi coletado (Glesne, 2015; Minayo, 2000).

Um dos recursos para a investigação qualitativa é a entrevista não estruturada, uma modalidade que não segue um roteiro fixo de perguntas, ou seja, é mais flexível. O pesquisador interage com o entrevistado, formulando perguntas abrangentes, com foco no objeto de estudo. Ademais, destaca-se que o entrevistador deve estar atento, a fim de aplicar perguntas que sejam pertinentes ao objetivo da pesquisa e contribuam para a melhor compreensão das respostas e do posicionamento do participante (Minayo, 2000).

A escolha por esse tipo de entrevista se deve à possibilidade de abordar o tema de estudo com profundidade. A entrevista não estruturada permite que cada participante reflita e faça relatos espontâneos sobre sua experiência (Glesne, 2015; Minayo 2000). Glesne (2015) acrescenta que as perguntas podem ser previamente elaboradas, mas não podem funcionar como âncora para o entrevistador, já que outras questões podem surgir. Dessa forma, o pesquisador deve estar atento ao que o participante traz em seu relato e disposto a abandonar algumas perguntas e adotar outras. Dessa forma, a entrevista não estruturada possibilita uma

análise mais profunda, pois estimula a expressão emocional autêntica das participantes. Além disso, leva em consideração não apenas o conteúdo manifesto, mas também o latente, o que contribui para uma compreensão mais ampla do tema em estudo.

Participantes

Foram entrevistadas 11⁵ mulheres, mães de adolescentes do gênero feminino, nascidas e residentes no estado de São Paulo, na faixa etária entre 33 e 49 anos, com alto nível de escolaridade e remuneração, brancas, maioria casadas, com 2 filhos no máximo.

Por se tratar de uma entrevista on-line, as participantes precisavam ter acesso adequado à internet e a dispositivos eletrônicos que possuam ferramentas de comunicação audiovisual, garantindo a livre interação entre participante e pesquisadora. Seriam excluídas do estudo mulheres que tivessem comprometimento físico, mental ou cognitivo, o que seria impeditivo para a realização da entrevista. Também seriam excluídas da pesquisa pessoas transgênero, cujas vivências excedem as possibilidades deste estudo e serão melhor contempladas em área própria de pesquisa – a transgeneridade.⁶

Ainda, destaca-se que a pesquisadora encontrou as possíveis participantes pela técnica da bola de neve, que configura-se como um processo contínuo de coleta de informações, que se apoia nas redes sociais dos participantes inicialmente identificados para ampliar, de forma progressiva, o conjunto de contatos potenciais disponíveis ao pesquisador. Esse procedimento permite o acesso a novos participantes de maneira sucessiva, sendo o processo encerrado a partir do critério de saturação dos dados (Vinuto, 2014). Neste caso, a pesquisadora postou o post-convite em suas redes sociais e as primeiras participantes que chegaram pelo post, enviavam para outras mulheres-mães de suas redes próximas. O estudo atingiu a saturação em

⁵ Uma mulher-mãe foi excluída pois não enviou o TCLE e Termo Sociodemográfico preenchidos.

⁶ Nenhuma participante apresentou algum comprometimento físico, mental ou cognitivo ou se identificou como transexual.

11 mulheres, uma vez que o objetivo consistia na compreensão aprofundada das vivências das participantes.

As Tabelas 1 e 2 apresentam as informações sociodemográficas das participantes e das suas respectivas filhas.

Tabela 1
Dados Sociodemográficos das Participantes

Nome	Idade	Estado civil	Naturalidade	Escolaridade	Raça	Profissão	Situação prof. *	Filhos	Pg**	Residência	Renda mensal familiar
Valéria	43	Divorciada	Campinas/SP	Superior Completo	Branca	Corretora de Imóveis	Autônoma	1	1	Alugada	Nenhuma Renda
Ana	33	Casada	Salto Grande/SP	Superior Completo	Branca	Psicóloga	Autônoma	2	0	Própria	De 3 a 6 salários-mínimos
Catarina	49	Casada	São Carlos/SP	Pós-Graduação	Branca	Zootecnista	Empregada	2	1	Própria	Acima de 9 salários-mínimos
Heloisa	47	Casada	São Paulo/SP	Pós-Graduação	Branca	Médica Veterinária	Autônoma	2	0	Própria	De 6 a 9 salários-mínimos
Sônia	46	Solteira	São Paulo/SP	Pós-Graduação	Branca	Médica Veterinária	Autônoma	2	0	Própria	De 3 a 6 salários-mínimos
Juliana	44	Casada	Campinas/SP	Técnico	Branca	Funcionária Pública	Empregada	1	2	Própria	De 6 a 9 salários-mínimos
Luiza	49	Casada	Santos/SP	Superior Completo	Branca	Otorrinolaringologista	Autônoma	2	0	Própria	Acima de 9 salários-mínimos
Mariana	43	Solteira	São Paulo/SP	Superior Completo	Branca	Fonoaudióloga	Autônoma	1	0	Própria	De 6 a 9 salários-mínimos
Flávia	47	Casada	Ourinhos/SP	Superior Completo	Branca	Professora	Empregada	2	0	Alugada	De 3 a 6 salários-mínimos
Helena	43	Solteira	Ourinhos/SP	Superior Completo	Branca	Assistente de Telemarketing	Empregada	1	1	Própria	De 1 a 3 salários-mínimos

*: Situação Profissional

**: Perdas Gestacionais

As filhas das participantes estavam na faixa etária entre 12 e 18 anos, sendo todas residentes e maioria nascidas no estado de São Paulo, somente uma nascida no estado do Mato Grosso. Em termos do nível de escolaridade, variou entre sétimo, nono, terceiro ano e Ensino Médio Completo.

Tabela 2
Dados Sociodemográficos das Filhas das Participantes

Participante	Nome da filha	Idade	Escolaridade	Naturalidade
Valeria	Manuela	12	7º ano	São Paulo- SP
Ana	Maria	13	9º ano	Ourinhos- SP
Catarina	Beatriz	18	Ensino Médio Completo	São Carlos- SP
Heloisa	Sara	14	9º ano	São Carlos- SP
Sonia	Laura	18	Ensino Médio Completo	São Carlos- SP
Juliana	Moranguinho	14	9º ano	Colider- MT
Luiza	Bruna	16	3º ano	Campinas-SP
Mariana	Amanda	13	9º ano	São Carlos- SP
Flavia	Tamires	17	Ensino Médio Completo	Ourinhos-SP
Helena	Eliza	12	7º ano	Ourinhos- SP

Sobre os companheiros das participantes, todos homens, na faixa etária de 34 a 50 anos. Quanto à escolaridade, três têm ensino superior, um tem nível técnico, um tem pós-graduação e um tem superior incompleto. Quatro das participantes não têm companheiro e não contam com o genitor da filha na educação da mesma. Somente um é o padrasto e contribui para a educação da filha. A Tabela 3 apresenta um resumo das características dos companheiros das participantes.

Tabela 3
Dados Sociodemográficos dos Companheiros das Participantes

Participante	Não tenho companheiro	Idade	Escolaridade	Profissão	Pai/padrasto	Participa da educação
Valeria	X	Não
Ana		34	Superior Incompleto	Autônomo	Padrasto	Sim
Catarina		50	Pós Graduação	Gerente de TI	Pai	Sim
Heloisa		50	Superior	Engenheiro	Pai	Sim
Sonia	X	Não
Juliana		43	Superior	Químico	Pai	Sim
Luiza		49	Superior	Engenheiro de Software	Pai	Sim
Mariana	X	Não
Flavia		50	Técnico	Mecânico	Pai	Sim
Helena	X	Não

TI: Tecnologia da Informação

Instrumentos

Pelo fato de a entrevista ter ocorrido na modalidade on-line, a participante foi informada sobre a necessidade de se assegurar de que o equipamento para acesso ao Microsoft Teams permitia acesso ao som e a imagem durante a entrevista. Ademais, a participante foi orientada pela pesquisadora a escolher um local reservado e silencioso para a realização da entrevista. Caso não fosse possível a perfeita conexão, ou na falta de local apropriado, a entrevista seria reagendada⁷. Vale lembrar que as entrevistas não foram gravadas nem em áudio nem em vídeo.

A opção por não gravar as entrevistas decorreu, inicialmente, do delineamento metodológico adotado no primeiro ano do mestrado, no qual se previa a utilização do Registro Associativo Inicial (RAI). Nesse tipo de registro, a pesquisadora anota as informações consideradas relevantes, bem como suas impressões pessoais acerca do encontro, conforme a proposta metodológica, de fundamentação psicanalítica, apresentada por Granato, Corbett e Aiello-Vaisberg (2011).

Destaca-se que, em decorrência da troca de orientador e da necessidade de adaptação dessa etapa metodológica, a pesquisadora optou por trabalhar com as lembranças e informações relatadas pelas participantes ao longo das entrevistas. Além disso, considerando que estas foram realizadas na modalidade on-line, buscou-se fornecer um ambiente no qual as mulheres-mães se sentissem à vontade e seguras. Para tanto, a pesquisadora realizou um registro logo após o encerramento de cada entrevista, o que auxiliou na compreensão dos temas abordados.

Para cada entrevista concluída, foi realizado um registro inicial no qual a pesquisadora anotou informações, observações e impressões que considerasse significativas e pertinentes ao tema do estudo, tais como local da entrevista, eventos, datas, pessoas e vivências citadas,

⁷ Não houve necessidade de agendar segundas entrevistas.

expressões emblemáticas, além de suas impressões pessoais. O registro foi utilizado como material de apoio para as etapas subsequentes de análise. Desse modo, o registro inicial, à semelhança de um diário de campo, continuou a ser alimentado pela pesquisadora com novas lembranças, *insights* e interpretações alcançadas, convertendo-se em importante fonte de dados.

Os registros iniciais (Anexo 4) produzidos pela pesquisadora foram escritos de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa e com a ortografia vigente, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor. Cabe mencionar que os nomes utilizados foram escolhidos pelas próprias participantes e são fictícios, garantindo, assim, a proteção de suas identidades. O leitor notará que, ao longo do texto, a pesquisadora utilizou colchetes para inserir suas impressões pessoais, de forma a distinguir o que foi dito pelas mulheres-mães daquilo que constitui sua interpretação, impressão e reflexão.

A pesquisadora enviou, por e-mail, um Termo Sociodemográfico para cada participante, o qual foi preenchido, assinado e, em seguida, encaminhado à pesquisadora.

Por último, salienta-se que este estudo seguiu o *checklist Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) - versão traduzida para o Português (Souza et.al, 2021) para garantir a transparência e a abrangência no relato da pesquisa (disponível no Anexo 6).

Procedimentos

Cuidados Éticos

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP), seguindo as orientações das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde – CNS – nº 466 de 2012 e a de nº 510 de 2016 e, em consonância com as normas do Conselho Federal de Psicologia – Resolução 016/200, foi possível dar início à etapa de recrutamento e seleção das participantes.

Antes do agendamento das entrevistas, as participantes receberam por e-mail o TCLE e Questionário Sociodemográfico. Tais documentos foram assinados virtualmente e reenviados à pesquisadora, garantindo a validade de sua assinatura de acordo com a Lei nº 14.063, de 23 de setembro de 2020, que regulamenta o uso de assinaturas eletrônicas. Vale lembrar que a pesquisadora se certificou de que os objetivos, procedimentos da pesquisa e direitos das participantes estejam suficientemente esclarecidos, bem como outras dúvidas que surgirem ao longo da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas pela plataforma *Microsoft Teams*, cujo acesso é vinculado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, visando à proteção de dados das participantes. A pesquisa foi conduzida em conformidade com a Resolução nº 2/2021, cláusula 3, que prevê o compartilhamento e armazenamento de dados coletados em pesquisas realizadas em ambientes virtuais.

De Coleta

Após a aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, iniciou-se a etapa de recrutamento de participantes. As mulheres foram convidadas por meio de um post-convite (Anexo 1) com os critérios de inclusão divulgados nas redes sociais da pesquisadora e de seu grupo de pesquisa. Após a manifestação de interesse por parte das possíveis participantes, a pesquisadora realizou um contato inicial e explicou brevemente os objetivos e métodos da pesquisa, além de verificar os critérios de inclusão e exclusão. Com o aceite da participante, foi agendada uma entrevista individual na modalidade on-line, via plataforma Microsoft Teams, com duração estimada de 60 minutos. Seria agendada uma segunda entrevista para o caso de não ser possível concluir adequadamente a primeira.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – vide Anexo 2- e o Questionário Sociodemográfico (Anexo 3) foram enviados por e-mail para preenchimento e

assinatura das participantes. Ao final das entrevistas, a pesquisadora relembrou as participantes de devolverem por e-mail o TCLE e o questionário devidamente preenchidos e assinados, se ainda não haviam feito.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista individual não estruturada, iniciada com a seguinte pergunta norteadora: “*Como tem sido para você ser mãe de uma adolescente?*”, sendo a participante convidada a discursar livremente sobre o tema. Cabe salientar que, caso a participante não trouxesse espontaneamente algum tema pertinente para atingir os objetivos do estudo, a pesquisadora abordaria temas como: a vivência da mãe enquanto adolescente; os pontos de proximidade e de afastamento entre mãe e filha; dados sobre o parto, a gravidez e a infância daquela menina; e os desafios encontrados nessa fase.

De Análises

A pesquisa qualitativa permite o acesso à experiência pessoal do participante, sempre considerando o contexto de intersubjetividade em que essa experiência se constitui, ao oferecer um ambiente propício a uma interação mais espontânea (Godoy, 2005). Nessa abordagem, o pesquisador assume um papel ativo no processo, pois é ele quem favorece a emergência do material durante a entrevista, tornando-se o primeiro sujeito da investigação (Iribarry, 2003).

Com base no registro inicial, elaborado logo após a realização de cada entrevista, iniciou-se a leitura individual de cada relato. Essa leitura teve como objetivo identificar significados que elucidassem a experiência emocional das participantes. O processo de análise não se limitou ao conteúdo manifesto, mas também buscou apreender o conteúdo latente presente nas falas, isto é, os sentidos subjacentes aos depoimentos das mães. Cada entrevista foi analisada individualmente, com o intuito de compreender a vivência singular de cada mulher-mãe participante. Esse movimento inicial de imersão no material possibilitou a identificação de núcleos de sentido e a sinalização de possíveis categorias a serem

aprofundadas na etapa seguinte da análise.

Em um segundo momento, as entrevistas foram analisadas em conjunto para identificar expressões compartilhadas e diferenças nas experiências narradas. Essa etapa possibilitou compreender aspectos coletivos da maternidade de adolescentes do gênero feminino. O processo foi conduzido com o auxílio de uma ferramenta de Inteligência Artificial (IA), o ChatGPT (OpenAI, 2025), na versão GPT-5 *Plus*, utilizado como suporte técnico para a organização e a extração inicial de categorias temáticas. O recurso teve caráter auxiliar, destinado a facilitar a sistematização do material e a identificação preliminar de convergências e divergências nas narrativas.

Esse movimento analítico aproximou-se dos princípios da análise temática⁸ (Braun e Clarke, 2006), na medida em que buscou identificar, agrupar e organizar temas recorrentes nas narrativas das participantes, respeitando a singularidade de cada relato e, ao mesmo tempo, evidenciando padrões compartilhados. As categorias temáticas foram construídas de modo a não se sobreponerem entre si, priorizando a delimitação conceitual de cada eixo analítico, de forma que cada categoria representasse um campo específico de sentidos emergentes da experiência materna. Tal procedimento permitiu uma leitura mais clara e consistente do material, evitando redundâncias interpretativas e favorecendo a compreensão articulada dos diferentes aspectos que atravessam a maternidade de adolescentes do gênero feminino.

O uso de ferramentas de IA no apoio à análise qualitativa tem sido discutido recentemente na literatura como um recurso auxiliar capaz de favorecer a organização, a sistematização e a exploração inicial de dados textuais, desde que o pesquisador mantenha sua posição de liderança interpretativa no processo analítico. Nguyen-Trung (2025) destaca que modelos generativos como o ChatGPT podem atuar como assistentes de pesquisa,

⁸ As etapas não foram seguidas rigorosamente, o modelo foi adaptado para atingir os objetivos esta pesquisa.

contribuindo para a identificação de padrões, recorrências e contrastes entre narrativas, sem substituir o julgamento teórico, a reflexividade e a responsabilidade epistemológica do pesquisador. Nessa perspectiva, a IA não é concebida como agente produtor de conhecimento, mas como ferramenta técnico-reflexiva que amplia a capacidade de manejo do corpus empírico, preservando os princípios centrais da pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador permanece como instrumento principal da análise.

Ainda, conforme discutido por Nguyen-Trung (2025), o uso da IA pode favorecer a reflexividade analítica, ao permitir que o pesquisador confronte suas primeiras impressões com uma organização externa do conjunto de entrevistas, sem substituir a escuta, a implicação subjetiva e o julgamento teórico que caracterizam a pesquisa qualitativa.

Para esse fim, foi empregado o seguinte texto de comando (*script*):

“Vou enviar um arquivo contendo os registros de entrevistas realizadas com mães para minha pesquisa de mestrado intitulada *Minha filha virou mocinha: uma compreensão da maternidade de adolescentes do gênero feminino*. A partir desses registros, identifique os temas principais, bem como os pontos de convergência e divergência entre as falas das participantes.

InSTRUÇÕES:

- Os nomes das participantes já são fictícios, mantenha-os exatamente como estão.
- Preserve as falas literais das mulheres, utilizando cortes e reticências apenas quando necessário para manter o sentido original.
- Os trechos entre colchetes representam minhas impressões enquanto pesquisadora. Considere-os como material reflexivo e não os atribua às participantes.
- Ao finalizar, apresente as categorias temáticas emergentes de forma organizada, articulando os elementos comuns e singulares das narrativas.”

As categorias sugeridas pela IA foram revisadas pela pesquisadora, que avaliou a pertinência de cada uma em relação às falas das mães e à coerência teórica do estudo. A análise final resultou de um processo interpretativo e reflexivo conduzido pela pesquisadora, com base em sua imersão no material e no referencial conceitual. O uso da IA teve caráter instrumental e complementar, sem substituir o papel analítico e comprehensivo característico da pesquisa qualitativa.

Capítulo 3- Resultados

Os resultados são apresentados em dois tópicos: primeiramente, a análise individual das entrevistas; posteriormente, a análise conjunta das participantes.

Análises Individuais das Entrevistas: As Vivências Singulares

Valeria e Manuela

A narrativa de Valeria evidencia uma maternidade marcada pela preocupação constante com os desafios contemporâneos associados ao desenvolvimento feminino na pré-adolescência. Sua fala revela um esforço ativo para equilibrar supervisão e autonomia, destacando-se a vigilância sobre possíveis riscos, como isolamento digital, uso de substâncias e exposição precoce à sexualidade. A filha, percebida como fisicamente desenvolvida para a idade, ocupa para Valeria um lugar que convoca cuidado intensificado diante da possibilidade de olhares externos e julgamentos sociais, o que a leva a adotar práticas educativas baseadas na conversa diária e repetitiva, entendida por ela como fundamental nessa fase.

Ao refletir sobre sua própria experiência enquanto filha, Valeria reconhece que sua educação foi marcada pela rigidez, sobretudo por parte do pai, e demonstra intenção explícita de não reproduzir tal modelo. Dessa forma, valoriza o diálogo como ferramenta central para estabelecer limites, ainda que a insistência reiterada nesse recurso também possa ser compreendida como uma continuidade, em outro formato, do controle outrora vivenciado. A

tensão entre permitir a autonomia da filha e garantir sua segurança aparece de forma evidente, especialmente quando aborda os horários de saída e chegada em festas, tema que emergiu com certo desconforto em sua vivência adolescente e, agora, enquanto mãe de uma adolescente.

Percebo que Valeria não expressa expectativas rígidas sobre a trajetória futura de Manuela, demonstrando compreensão de que as escolhas profissionais serão feitas no tempo da filha, embora mantenha orientação e aconselhamento constantes. Em síntese, a experiência materna de Valeria mobiliza questões relacionadas ao controle, ao cuidado e à transmissão de valores em um contexto contemporâneo permeado por riscos percebidos. Sua prática parental estrutura-se entre a tentativa de atualização diante das transformações sociais e a permanência de elementos normativos vinculados à proteção da filha enquanto menina. Nota-se uma maternidade reflexiva, que busca mediar limites e liberdade, sustentada por alto grau de envolvimento e vigilância, revelando a complexidade de maternar adolescentes do gênero feminino na atualidade.

Ana e Maria

A maternidade de Ana se organiza em torno de um ideal de transparência e diálogo. Ainda que, quando questionada sobre distanciamentos na relação com a filha, apresente dificuldade em identificar fragilidades, o que pode sugerir idealização do vínculo. A filha é descrita como infantilizada, mas, ao mesmo tempo, existe uma preocupação materna em abordar temas como sexo, drogas e aborto, o que indica um cuidado preventivo permeado por medo, sobretudo de violência sexual.

Ao revisitar a própria adolescência, Ana menciona um contexto de limitações materiais e pouca liberdade, assumindo responsabilidades precoces e participando de práticas religiosas, que ainda fazem parte de sua identidade. Sua relação com a mãe, percebida como rígida e pouco afetiva, contrasta expressivamente com a maternidade que deseja exercer - pautada em carinho, contato físico e declarações afetivas. Há, portanto, uma consciência

intergeracional que mobiliza esforços para construir, com a filha, uma relação mais próxima e acolhedora do que a que vivenciou.

A maternidade de Ana revela uma combinação de proteção, idealização do vínculo e esforço de reparação intergeracional. Seu relato articula vigilância, cuidado e incentivo à autonomia, compondo uma prática materna que busca oferecer à filha condições afetivas, sociais e econômicas consideradas mais favoráveis do que as a que ela própria teve acesso na adolescência.

Catarina e Beatriz

A narrativa sugere que Catarina assume uma postura de segurança e competência na função materna, aspectos que podem estar vinculados à busca por reafirmação no exercício desse papel. A preocupação em evitar que a filha viva sob condicionamentos amorosos também emerge quando Catarina afirma preferir que Beatriz não se mude com um namorado, apontando que estar solteira permitiria maior circulação social e independência. Tal posicionamento pode indicar uma tentativa de proteger a filha de relações assimétricas e de reproduções de dependência afetiva e material, configurando uma prática materna que busca preservar autonomia feminina e romper com padrões vivenciados por ela.

De modo geral, a maternidade narrada por Catarina articula cuidado, incentivo à autonomia e um esforço explícito de ruptura com modelos conjugais e familiares anteriores. Sua narrativa revela um movimento intergeracional em direção à independência feminina, traduzindo um desejo de que a filha possa ocupar espaços de maior liberdade subjetiva, acadêmica e social do que os que ela própria vivenciou.

Heloisa e Sara

A maternidade narrada por Heloisa é atravessada por tensões ligadas ao controle, à proteção e à preocupação intensa frente ao desenvolvimento emocional das filhas, especialmente de Sara. Ela se reconhece como uma mãe controladora, porém em processo de

flexibilização, buscando manejar proteção e autonomia. A vivência com duas filhas adolescentes acentua a comparação entre elas e evidencia dinâmicas relacionais distintas. Essa diferenciação entre as filhas, constantemente evocada, parece operar na forma como Heloisa distribui atenção, cuidado e expectativas, sugerindo uma maternidade que busca equidade, mas ainda se confronta com julgamentos e idealizações acerca do "ser mãe de meninas".

A história familiar de Heloisa destaca conflitos significativos com a mãe, cuja repercussão parece se estender para sua postura atual frente às filhas. Ao relatar relações permeadas por dificuldades de comunicação, ausência de suporte afetivo e comparações, Heloisa sinaliza o desejo de não repetir tais padrões, buscando oferecer às filhas uma presença emocional e que garante segurança. Ainda assim, sua narrativa revela traços de ambivalência e afetos intensos ligados à figura materna, sugerindo que a tarefa de romper ciclos transgeracionais é percebida como desafiadora e contínua.

A projeção de autonomia para as filhas, especialmente quanto à construção de um futuro independente, revela-se como ideal materno. Heloisa valoriza que as meninas desenvolvam recursos próprios, tanto emocionais quanto materiais, e enfatiza a importância de não permanecer dependente dos pais na vida adulta - ponto que provavelmente se articula com sua própria trajetória de ruptura precoce do ambiente familiar.

A narrativa de Heloisa evidencia uma maternidade que tenta equilibrar cuidado e autonomia, vigilância e liberdade, com forte presença de reflexões e esforços conscientes de ressignificar sua própria vivência.

Sonia e Laura

A narrativa de Sonia revela uma maternidade marcada pela busca por equilíbrio entre liberdade e orientação, especialmente no contexto de uma filha adolescente que apresenta sensibilidade emocional acentuada. Sonia destaca diferenças entre a vivência de maternidade de um filho homem e de uma filha mulher, atribuindo à filha um manejo emocional mais

intenso e uma maior vulnerabilidade. Esse reconhecimento repercute na forma como a mãe se posiciona: ela procura oferecer cuidado, suporte e diálogo, ao mesmo tempo em que reconhece os limites desse papel frente às demandas psíquicas da filha.

A presença do tema da instabilidade emocional da filha atravessa o relato, com Sonia descrevendo traços de tristeza, reatividade emocional e maior sensibilidade às experiências relacionais. Ela associa essas características ao gênero, remarcando um imaginário de feminilidade atrelado à emotividade e à vulnerabilidade, o que contribui para reforçar a naturalização desse tipo de sofrimento psíquico na adolescência feminina.

A separação conjugal surge como um evento significativo na trajetória familiar, mobilizando desafios emocionais tanto para a filha quanto para a própria entrevistada. Essa experiência parece ter contribuído para intensificar a postura de Sonia como referência afetiva e reguladora, inclusive diante dos episódios de sofrimento emocional da filha.

O relato também evidencia uma identificação materna com formas contemporâneas de maternidade mais abertas, dialógicas e atentas à saúde mental. Sonia se apresenta como uma mãe “liberal”, que incentiva conversas sobre sexualidade e cuidados com o corpo, e que procura oferecer aos filhos suporte emocional e orientação, independentemente do gênero. A presença de uma filha e de um filho adolescentes em situação semelhante permite observar uma tentativa de equidade, ainda que, durante o discurso, sobressaia uma atenção mais cuidadosa e vigilante destinada à filha.

Sonia parece tecer sua identidade materna a partir de uma combinação de experiências pessoais, rupturas emocionais familiares e adesão a modelos contemporâneos de cuidado. Seu discurso evidencia uma maternidade que busca distanciar-se de uma prática rígida e pouco dialógica, ao mesmo tempo em que lida com os efeitos emocionais de suas próprias decisões e com o funcionamento da filha. Como uma tentativa de equilibrar acolhimento, autonomia e estabilidade psíquica no vínculo entre mãe-filha.

Juliana e Moranguinho

O relato de Juliana evidencia uma maternidade atravessada pelo enfrentamento de questões de saúde mental da filha, o que organiza e dá sentido à sua prática materna. Juliana se apresenta como figura altamente implicada no cuidado, chegando a afastar-se temporariamente do trabalho para oferecer suporte integral à filha. Esse movimento denota um investimento materno intenso, a própria entrevistada reconhece que, em sua tentativa de proteger a filha, por vezes ultrapassou os próprios limites.

A maternidade narrada por Juliana articula cuidado intenso, preocupação constante e desejo de favorecer a autonomia da filha, ao mesmo tempo em que enfrenta os impactos da saúde mental na adolescência e ressignifica experiências traumáticas vividas em sua própria adolescência. A postura materna revela esforços contínuos de adaptação, de regulação emocional e de busca por equilíbrio diante da fragilidade percebida, de maneira a constituir um modelo de maternidade contemporânea sensível, porém permeada por angústias relacionadas à proteção e ao medo de perda.

Luiza e Bruna

O relato de Luiza evidencia uma maternidade atravessada por expectativas iniciais de identificação, posteriormente confrontadas pela alteridade da filha. Desde o início, Luiza explicita que imaginava uma filha mais parecida consigo, tanto em traços físicos quanto em modos de ser. A constatação de que Bruna não correspondeu a esse ideal demonstra a presença de um movimento psíquico frequente na parentalidade: o desafio de lidar com a diferença e com a constituição subjetiva própria do filho, que não emerge como espelho perfeito dos pais. Esse deslocamento parece ter exigido de Luiza um processo de ressignificação do lugar materno, saindo de uma posição de projeção idealizada para uma postura mais observadora e adaptativa.

Observa-se também um eixo importante relacionado à sexualidade da filha. O episódio

em que Bruna, ainda pré-adolescente, comunica à mãe que gostava de meninas mobiliza, em Luiza, estranhamento, surpresa, uma certa dificuldade de acolhimento e processamento. Trata-se de uma experiência sensível para Luiza e que a convoca a repensar sobre o mundo contemporâneo e suas crenças.

Outro aspecto relevante é o investimento em criar espaços de encontro e compartilhamento simbólico. Luiza descreve esforços conscientes para se aproximar do universo de interesses da filha - moda, música, atividades estéticas - indicando uma tentativa de produzir um pertencimento mútuo e quase que sufocante. Esse movimento reforça a busca materna de conexão e o desejo de construir um vínculo que se sustente para além dos desencontros iniciais, operando uma transitividade entre aprender com a filha e, ao mesmo tempo, orientá-la.

O discurso evidencia, ainda, uma forte idealização da independência e da formação acadêmica da filha. Embora declare não desejar impor caminhos, há uma narrativa de investimento no estudo, na construção de carreira e na autonomia financeira, revelando um ideal de mulher “globalizada”, independente e preparada para o mundo contemporâneo. Esse tensionamento entre o desejo de acolhimento e a expectativa de resiliência pode ser interpretado como um movimento típico da maternidade contemporânea: equilibrar cuidado emocional, estímulo à autonomia e elaboração das próprias feridas geracionais. De modo geral, o discurso de Luiza articula uma maternidade reflexiva e exigente consigo mesma, que transita entre reconhecer a filha como sujeito singular e lidar com os afetos suscitados pelo processo de separação subjetiva, especialmente no contexto da entrada da filha na vida adulta.

Mariana e Amanda

O relato de Mariana reflete uma maternidade atravessada por desafios, vinculados tanto à história pessoal da mãe quanto às condições concretas de criação de Amanda. Desde o início, Mariana apresenta a adolescência da filha como um período difícil, marcado por

irritabilidade, resistência e conflitos escolares. Sua narrativa evidencia a presença constante de preocupações quanto ao futuro e ao comportamento de Amanda, em especial no que diz respeito ao envolvimento com drogas, ao desempenho acadêmico e à autonomia.

Tais receios parecem estar profundamente associados à trajetória de vida de Mariana, que vivenciou uma relação conjugal marcada por violência, abandono, dependência química e instabilidade emocional por parte do ex-marido. A maternidade solo emerge como um elemento estruturante dessa experiência. Mariana destaca que a ausência do pai, associada a um histórico de comportamentos agressivos e de uso abusivo de substâncias, fez com que a responsabilidade por sustentar e educar a filha recaísse sobre ela, de forma exclusiva. Esse contexto contribuiu para a construção de um lugar materno fortemente associado ao papel da “mãe que diz não”, o que, segundo ela, configura uma percepção de rigor por parte de Amanda.

O diagnóstico de autismo grau 1 conferido à adolescente introduz outro eixo relevante. Mariana menciona que identificou sinais desde cedo, diante de comportamentos que destoavam dos padrões esperados e de dificuldades escolares persistentes. A maternidade, nesse sentido, se apresenta permeada pela vigilância constante, pela busca de recursos terapêuticos e pela necessidade de interpretar e mediar as demandas da filha no contexto social. Dessa forma, a experiência materna articula cuidado clínico, observação contínua e elaboração emocional diante dos desafios do neurodesenvolvimento. Vale lembrar que Mariana é fonoaudióloga o que a deixou mais em alerta em relação aos comportamentos da filha.

Contudo, percebe-se que o medo do descontrole e da repetição traumática opera como eixo organizador de sua postura: ao mesmo tempo em que oferece liberdade, sustenta a vigilância, estabelecendo fronteiras que considera formas de proteção. A forma como Mariana projeta o futuro de Amanda também revela ambivalências. Ela expressa esperança de que a

relação entre as duas se torne mais tranquila com o amadurecimento da filha, mas mantém o discurso de que certas experiências, como o programa Jovem Aprendiz, funcionarão como mecanismos disciplinadores e facilitadores da compreensão da realidade. Tal posicionamento parece dialogar tanto com a própria necessidade que Mariana teve de enfrentar dificuldades desde cedo quanto com a crença de que a formação de responsabilidade passa pela vivência de exigências externas e frustrações. A tensão entre proteção e exigência atravessa todo o relato.

Mariana busca, simultaneamente, resguardar a filha do sofrimento e ensiná-la sobre as duras condições da vida. A maternidade aparece, portanto, como exercício contínuo de mediação entre cuidado, limites e medo da repetição de histórias traumáticas. Assim, a experiência materna de Mariana pode ser compreendida como marcada por enfrentamentos sucessivos, tentativas de reparação intergeracional e negociações constantes entre controlar e confiar, proteger e permitir, guiar e acompanhar. Seu discurso expressa uma maternidade vigilante e resiliente, que se reorganiza diante das demandas da filha e das marcas de sua própria história.

Helena e Eliza

A narrativa de Helena evidencia uma maternidade constituída a partir de experiências pessoais de ausência parental, responsabilização precoce e organização familiar sustentada majoritariamente por figuras femininas. Desde o início, ela descreve a filha como alguém que se percebe adulta antes do tempo, sugerindo que a adolescente manifesta um sentimento de autonomia que desafia a autoridade materna. A referência ao contexto religioso cristão como elemento estruturante da socialização familiar adiciona nuances ao relato, especialmente no contraste que Helena percebe entre os valores domésticos e as práticas dos pares de Eliza na escola - uso de vape, sexualidade precoce, estilos de vida. Há, nesse ponto, uma busca materna por conciliar preservação de valores com uma postura não discriminatória, reforçando a importância de transmitir sua crença, com ética e respeito diante da diferença.

Helena destaca que a conversa é o principal eixo de proximidade com a filha, o que indica um investimento na comunicação como ferramenta de cuidado e orientação. A organização de férias coincidentes com as escolares, o compartilhamento de refeições e o hábito de assistir televisão juntas são descritos como formas de manter o vínculo. Contudo, o afastamento decorrente da rotina de trabalho extensa aparece como um fator que produz distanciamento, trazendo à tona o desafio contemporâneo de exercer maternidade em meio a jornadas de trabalho prolongadas, o que faz refletir sobre uma questão social aqui.

Ao retornar à sua história, Helena relata um aborto prévio e um longo período de monitoramento ginecológico antes de engravidar, situando a maternidade de Eliza em um cenário de espera e desejo. A presença marcante da tia-avó como figura cuidadora revela uma rede feminina de apoio que funcionou como referência materna substituta, já que Helena foi criada por essa tia após sua própria mãe engravidar na adolescência e não oferecer condições para cuidar dos filhos. Esse dado permite observar um ciclo familiar em que as mulheres assumem maternidades de forma compartilhada e, simultaneamente, expõe uma transmissão geracional de experiências de maternidade precoce, de ruptura e de reorganização familiar.

No plano subjetivo, o relato de Helena sobre sua adolescência, iniciada sob a guarda da tia, acompanhada de introdução precoce ao trabalho e de um posterior papel de cuidadora dessa mesma tia no fim da vida, sugere uma trajetória marcada pelo amadurecimento antecipado e pela ocupação de lugares de responsabilidade emocional. A morte recente dessa figura materna parece ainda mobilizá-la, e há indícios de que o luto ainda se processa, influenciando sua disponibilidade emocional e sua percepção de apoio à filha.

A expectativa de futuro construída por Helena para Eliza enfatiza valores como o estudo, o trabalho e a autonomia financeira, revelando uma visão pragmática sobre a ascensão social. Apesar de reconhecer que a filha não demonstra grande interesse pelos estudos, Helena reafirma a crença na educação como uma via para melhorar de vida. Ela explicita o desejo de

oferecer apoio, mas não uma relação de dependência, indicando uma maternagem que busca fomentar autonomia, ainda que dentro de uma visão tradicional de esforço e disciplina. Assim, a maternidade de Helena apresenta-se marcada por elementos de transmissão transgeracional de cuidado feminino, ausência paterna, responsabilidade precoce, religiosidade, esforço profissional e desejo de ascensão social.

Flavia e Tamires

O relato de Flavia evidencia uma maternidade construída a partir da experiência prévia com outra filha, Luana, permitindo observar contrastes intergeracionais e repercussões na forma como exerce o cuidado com Tamires. Desde o início, Flavia diferencia as duas trajetórias: enquanto a experiência com a filha mais velha foi marcada por maior rigidez, maior vigilância e um controle mais intenso sobre o desempenho e as condutas, com Tamires a maternagem se apresenta mais flexível, dialogada e reflexiva. Essa diferença é justificada pela própria mãe como fruto da maturidade adquirida com o tempo e da vivência profissional com adolescentes, que parece ter contribuído para uma postura mais compreensiva e menos disciplinadora.

A comparação entre as filhas, entretanto, ocupa um lugar central no discurso. Tal disparidade mobiliza em Flavia distintas formas de preocupação: enquanto, com a mais velha, o foco recaía sobre riscos externos, festas, relacionamentos amorosos, exposição social, com Tamires as inquietações se orientam para o desenvolvimento de autonomia, capacidade de socialização e enfrentamento de desafios futuros. Essa mudança revela como diferentes perfis de filhos evocam responsabilidades maternas distintas, demandando reconfigurações subjetivas e práticas.

O relato também ressalta a importância da rotina acadêmica e profissional de Flavia como elemento formador de sua postura materna. Trabalhar com adolescentes aparece como fator que amplia sua sensibilidade para questões emocionais, comportamentais e relacionais

da juventude, funcionando como espelho e parâmetro para autorregulação de suas práticas maternas. Ela afirma observar outras mães e filhas e utilizar essas vivências como referência para evitar repetir padrões que julga inadequados. Esse movimento sugere uma maternidade reflexiva, que busca integrar a experiência pessoal e o aprendizado profissional em benefício da relação com a filha.

A história reprodutiva de Flavia reforça um vínculo intenso com Tamires. A gestação é descrita como “super planejada”, com vivências marcadas por tentativas, frustrações e, posteriormente, pela descoberta espontânea da gravidez, conferindo a esse segundo nascimento um sentido de conquista e desejo. O período inicial, permeado por um forte vínculo afetivo e pela dependência emocional da filha, parece ter estabelecido uma relação particularmente próxima. O início da adolescência de Tamires é vivido com receio, mas também com surpresa positiva, quando Flavia percebe comportamentos considerados maduros e alinhados às expectativas parentais. O acompanhamento psicológico e o uso de medicação são mencionados como parte de um processo estruturante da autonomia e regulação emocional da jovem, o que indica uma maternidade que integra recursos externos como estratégia de cuidado.

No que concerne ao passado de Flavia, sua adolescência foi atravessada por regras rígidas e limitações, associadas a uma figura materna mais firme e um pai vivenciado como suporte emocional. Essa memória de restrição e de necessidade de esconder emoções (como chorar trancada no quarto) parece orientar tentativas de maior abertura emocional com as filhas, embora a mãe mantenha a firmeza diante de limites considerados essenciais à segurança das jovens. Sua narrativa revela a presença de valores familiares internalizados e que ela procura reproduzir no próprio núcleo familiar.

As expectativas de futuro para Tamires incluem independência, construção de carreira e manutenção de vínculos afetivos saudáveis com a família de origem. Flavia expressa um

desejo forte de proximidade contínua e de preservar a casa como espaço acolhedor, ao mesmo tempo em que se prepara emocionalmente para a saída da filha. O incentivo à escolha profissional livre, associado ao apoio emocional e à torcida pelo sucesso da filha, indica uma maternidade que articula autonomia, liberdade e acolhimento.

Assim, a maternidade de Flavia configura-se como processo atravessado por transformação, autorreflexão e reelaboração de práticas educativas. Seu discurso revela uma preocupação constante em equilibrar proteção e autonomia, continuidade e mudança, passado e futuro, evidenciando uma parentalidade que se reinventa a partir da experiência, do trabalho e das necessidades específicas de cada filha. Trata-se de uma maternidade que, embora reconheça marcas intergeracionais, demonstra esforço ativo para construir novas formas de relação e cuidado.

Análises em Conjunto das Entrevistas: As Vivências Compartilhadas

A partir da leitura atenta dos relatos das mães e da análise interpretativa de suas falas, foi possível identificar algumas categorias temáticas que dialogam com os eixos teóricos apresentados na introdução e com os objetivos do estudo. As falas revelam nuances emocionais, contradições e modos singulares de vivenciar a maternidade diante da adolescência das filhas, mas também evidenciam elementos comuns que atravessam essas experiências, especialmente no que se refere à construção da identidade materna, aos papéis de gênero e às transformações históricas que sustentam o ideal de mãe.

Capítulo 4: Discussão

O objetivo geral desta dissertação foi compreender como mulheres vivenciam o papel de mãe de adolescentes do gênero feminino. Para isso, foram realizadas entrevistas não estruturadas com 10 mulheres-mães. Os resultados mostraram aspectos únicos das vivências das mães, mas também revelaram experiências compartilhadas. As experiências compartilhadas foram agrupadas em sete categorias temáticas: Transição para Parentalidade e Identidade Materna; Expectativas Sociais e Performatividade de Gênero na Experiência Materna; Dilemas Emocionais na Maternidade Contemporânea; A Chegada da Adolescência e a Reconfiguração da Relação Mãe- Filha; Gênero, Sexualidade e Cuidado; Experiência Emocional e Vínculo Afetivo; Maternidade: Transformação Geracional, Social e Cultural.

Transição para a Parentalidade e a Identidade Maternidade

A parentalidade, conforme discutido por Garrafa (2020) e Borges et al. (2025), não se restringe ao ato biológico de gerar e cuidar, mas configura-se como um processo subjetivo que envolve nomear-se e sustentar-se como mãe. Tal construção é fortemente marcada pela história pessoal e pelo contexto sociocultural de cada mulher.

Diversas mães relataram que a relação com as filhas despertava memórias da própria adolescência, funcionando como um espelho que atualizava conflitos, faltas e desejos não elaborados. Ana expressou esse movimento ao afirmar: “*Sinto que segui um caminho diferente na maternidade: busco conversar sobre tudo e demonstrar carinho - algo que não vivi com minha mãe.*” Sua fala revelou uma tentativa consciente de ruptura com um modelo materno marcado pela distância emocional, indicando um processo ativo de ressignificação do lugar materno.

De modo semelhante, Catarina aponta: “*Na minha casa nunca se conversava sobre nada, então eu faço diferente, explico tudo.*” A maternidade, nesse sentido, aparece como espaço de elaboração psíquica, no qual a mulher tenta oferecer à filha aquilo que percebeu

como ausência em sua própria história. Esse movimento evidencia o que Lopes et al. (2010) descrevem como dupla identificação: ao cuidar da filha, a mãe reencontra a menina que foi acessando experiências que tanto podem favorecer quanto tensionar o vínculo atual.

Luiza também explicitou o impacto dessa confrontação identitária ao afirmar: “*pensei que minha filha seria mais parecida comigo, e não é, nem fisicamente.*” A diferença entre a expectativa idealizada e a realidade da filha concreta exigiu rearranjos internos e provocou frustrações que fizeram parte do processo de construção da identidade materna.

Heloísa e Flavia, por sua vez, demonstraram um movimento reflexivo ao reconhecer limites em suas atuações maternas: “*Sou muito controladora..., mas estou trabalhando nisso*” (Heloisa) e “*Me considero uma pessoa mais preocupada que o normal...não deixo de ir à terapia*” (Flavia). O reconhecimento da própria rigidez e a tentativa de transformá-la indicaram que a identidade materna não era fixa, mas construída e reconstruída ao longo do tempo, especialmente quando a filha entrou em uma fase de maior contestação e autonomia.

As falas das participantes evidenciaram que o exercício da maternidade envolveu constantes negociações entre autoridade, afeto e identificação. As mães oscilaram entre o desejo de proteger, orientar e corrigir e a necessidade de permitir que a filha se diferenciasse. Esse processo colocou em xeque ideais maternos internalizados e convocou a mulher a rever sua posição subjetiva, não apenas como mãe, mas como filha e como mulher.

Assim, os dados indicaram que a identidade materna se construiu em um movimento contínuo de revisitar a própria história, elaborar heranças emocionais e criar formas de vínculo. Longe de ser um papel dado ou naturalizado, o lugar de mãe emergiu como um espaço de trabalho psíquico permanente, no qual a mulher se reinventou diante do crescimento da filha e das transformações que essa relação impôs.

Nessas falas, percebe-se que, ao mesmo tempo em que as mães tentam exercer autoridade, emergem sentimentos de dúvida, insegurança e identificação com as filhas,

mostrando o quanto a identidade materna é constantemente reconstruída. A ideia da dupla identificação, mencionada nos estudos de Lopes et al. (2010) e Alves et al. (2025), se destaca aqui: a mãe que cuida revive em si a filha que foi cuidada, de modo a acessar memórias, emoções e vivências que podem auxiliar ou dificultar a relação mãe-filha.

Ainda, observa-se que, nas narrativas, o lugar de mãe não é algo dado, ele mostra-se como um papel em constante mudanças e que exige reorganização interna, revistar e reelaborar a própria história pessoal e relacional. Assim, as vivências maternas revelam que o papel de mãe é um espaço de elaboração psíquica e identitária, no qual a mulher se reinventa diante da alteridade da filha. Esse achado responde ao objetivo de compreender como as mães constroem e ressignificam o lugar materno a partir de suas próprias histórias, indicando um processo de se (re)construir como mulher-mãe diante da filha que cresce.

Expectativas Sociais e Performatividade de Gênero na Experiência Materna

O exercício da maternidade também permanece permeado por expectativas de gênero que definem o papel da mulher como cuidadora principal (Butler, 1990; Chodorow, 1979; Serpa, 2010). Os relatos das mães revelam o peso simbólico e emocional dessa construção social, que associa o feminino à responsabilidade pelo cuidado, à doação e ao controle afetivo do ambiente doméstico.

Nos registros, observou-se que as expectativas sociais de gênero dirigidas à maternidade de meninas se materializaram em práticas cotidianas reiteradas, que produziram e sustentaram um modo específico de exercer o cuidado. Essas práticas evidenciaram que o papel materno não foi apenas assumido, mas continuamente encenado, em consonância com o que Butler (1990) conceitua como performatividade de gênero: a repetição de atos que, ao longo do tempo, constroem e naturalizam determinadas posições sociais. O relato de Valéria ilustrou esse processo ao revelar a preocupação com a exposição corporal da filha em espaços coletivos. Tal preocupação não se apresentou apenas como uma decisão individual, mas como

resposta a um campo de expectativas sociais que atribui à mãe a responsabilidade de antecipar riscos, regular comportamentos e administrar o olhar externo dirigido ao corpo feminino. A orientação sobre vestimentas apareceu, assim, como um ato regulador reiterado, por meio do qual a mãe desempenhou o papel socialmente esperado de guardiã moral da filha.

Nesse sentido, o cuidado materno se configurou como uma prática performativa: ao orientar, vigiar e justificar limites, a mãe não apenas protegeu, mas também reproduziu normas de gênero que associam o feminino à vigilância, à contenção e à responsabilidade moral. Ainda que Valéria demonstrasse consciência dos limites desse controle e buscasse evitar restrições extremas, suas ações evidenciaram como a maternidade foi atravessada por cobranças sociais internalizadas, que exigem da mulher uma atuação constante diante da sexualização precoce do corpo da filha.

Esses achados indicaram que a maternidade funcionou como um campo privilegiado de performatividade de gênero, no qual normas sociais foram reiteradas por meio de gestos cotidianos e naturalizadas como parte do “bom exercício” materno. Assim, a experiência das mães revelou que a cobrança social não operou apenas de forma externa, mas foi incorporada às práticas de cuidado, produzindo uma maternidade marcada pela responsabilidade contínua de mediar o corpo feminino no espaço público.

Catarina, por sua vez, reflete sobre o modo como as expectativas sociais e religiosas moldaram sua própria trajetória e como busca oferecer às filhas uma educação pautada na liberdade: “*Sempre tento explicar para as meninas sobre a necessidade de se destacar, se sustentar e ser independente.*” Sua fala mostra o movimento de deslocamento das representações tradicionais, a maternidade como renúncia, para uma prática voltada à autonomia e ao empoderamento.

A partir dos relatos das mães, a pesquisadora observou que elas oscilam entre o desejo de reproduzir o modelo recebido e a tentativa de transformá-lo, evidenciando a ideia de

performatividade de gênero (Butler, 1990), bem como de autonomia e independência.

Ademais, observa-se que, mesmo com as conquistas femininas e a inserção da mulher no mercado de trabalho, como destacado por Santos et al. (2024), a maternidade ainda se mostra enredada em padrões tradicionais. Os dados históricos discutidos na introdução (Badinter, 1985/2024; Iaconelli, 2020; Souza & Germano, 2009) mostram que a maternidade passou por mudanças significativas ao longo dos séculos, mas manteve-se como eixo estruturante da identidade feminina.

A persistência dessas expectativas mostra que, mesmo em um contexto de avanços femininos, a maternidade ainda funciona como um marcador de gênero e de valor social. As mães entrevistadas carregam sobre si a expectativa de serem a principal referência afetiva e moral da família, revelando o que Chodorow (1979) descreve como a transmissão inconsciente da identidade feminina pelo exercício do cuidado.

Dilemas Emocionais na Maternidade Contemporânea

A maternidade contemporânea envolve sentimentos ambíguos: amor, medo, impotência e culpa coexistem e expressam a maternidade “solitária e desassistida” de que fala Iaconelli (2020), um fenômeno em que a mulher é, ao mesmo tempo, emancipada e sobrecarregada. As narrativas confirmam que a maternidade se constitui como um espaço de ambivalência estruturante, o amor e a agressividade coexistem, assim como o desejo de fusão e o de separação. Como aponta Winnicott (1986/1996), é nessa tensão entre cuidar e falhar que o vínculo se humaniza, permitindo que a mãe e a filha se reconheçam como sujeitos distintos.

Nas falas de Luíza, o dilema aparece sob a forma do medo da perda e da culpa: “*Agora que ela namora, tenho medo de perdê-la... faço de tudo pra ela querer estar aqui, comigo.*” A tentativa de manter o vínculo afetivo revela a ambivalência entre o desejo de que a filha cresça, a necessidade de criar estratégias para que a filha goste de ficar na própria casa

e temor de ser deixada para trás. Já Juliana expressa a exaustão diante da longa trajetória de adoecimento da filha: “*Ela ficou três anos em tratamento, e eu vivia tentando encontrar uma forma de ajudá-la, mas às vezes eu só queria descansar.*” O desamparo que emerge em suas palavras revela o aspecto invisível da maternidade: a solidão emocional de quem precisa cuidar sempre sem ser cuidada.

Os dilemas emocionais também se intensificaram nos contextos em que o sofrimento psíquico das filhas esteve mais presente. Nesse sentido, a experiência de Sonia evidenciou a sobrecarga emocional materna diante da necessidade de sustentar o cuidado em um cenário marcado por instabilidade familiar. A mãe relatou preocupação constante com as oscilações emocionais da filha, descrita como alguém que vivencia afetos de forma intensa e apresenta dificuldade em lidar com frustrações e rompimentos afetivos. Esse estado de vigilância permanente revelou o esforço materno de acompanhar, acolher e proteger, mesmo diante da sensação de impotência frente ao sofrimento da adolescente.

Além disso, Sonia descreveu o impacto emocional da separação conjugal sobre a filha, especialmente em função das dificuldades do ex-companheiro em manter uma postura parental estável. A mãe se viu convocada a assumir sozinha o papel de sustentação emocional, mediando conflitos, explicando ausências e tentando preservar o equilíbrio psíquico da filha. Essa vivência reforçou a dimensão solitária e desassistida da maternidade contemporânea (Iaconelli, 2020), na qual a mulher frequentemente ocupa o lugar central de contenção emocional.

Outro aspecto recorrente é a dificuldade das mães em aceitar seus próprios limites. Mariana, mãe solo, afirma: “*Sinto que tudo recai sobre mim. Se algo dá errado, sou eu quem errou.*” A fala reflete a internalização do discurso segundo o qual o sucesso ou o fracasso dos filhos depende exclusivamente da mãe, um imperativo que retoma as análises de Badinter

(1985/2024) sobre a idealização da maternidade como destino e dever moral. Essa idealização, ao mesmo tempo em que confere um sentido simbólico à experiência materna, também aprisiona a mulher em um modelo de perfeição (Badinter, 1985/2024). Ademais, evidencia-se a relevância da coparentalidade na relação com a filha, especialmente no que se refere à divisão dos cuidados, a qual não se restringe necessariamente à figura paterna, podendo envolver outras pessoas que se constituem como rede de apoio tanto para a mulher quanto para a filha.

A ambivalência, o cansaço e a dúvida emergiram como aspectos relacionados ao cuidado, revelando uma maternidade vivida entre o investimento afetivo intenso e a necessidade, muitas vezes frustrada, de sustentar limites pessoais. O reconhecimento dessas contradições amplia a compreensão do papel materno contemporâneo não como fracasso ou excesso, mas como um movimento que faz parte da vida, necessário à constituição psíquica tanto da mãe quanto da filha.

A Chegada da Adolescência e a Reconfiguração da Relação Mãe-Filha

A adolescência, como destacado por Matos et al. (2025), provoca abalos nas relações familiares e exige a redefinição e reorganização da família nessa fase de transição da infância para a vida adulta. Em muitos relatos, o conflito aparece como elemento estruturante dessa transição. Mariana, mãe solo de Amanda, descreve a filha como “*muito brava, nervosa e fechada*”, e acrescenta: “*Sinto que ela me vê como a pessoa que vai dizer ‘não’ pra tudo.*” Heloísa expressa algo semelhante ao mencionar as mudanças de humor da filha: “*Sara mudou muito, parece outra pessoa, e às vezes eu fico sem saber como agir.*”

Catarina também aborda essa reconfiguração de papéis ao narrar o incentivo à autonomia das filhas: “*Sempre digo pra Beatriz bater as asas e não voltar pro ninho, só pra visitar.*” Sua fala traduz o desejo de ver a filha livre, mas amparada, sinalizando um modo de amar que acolhe a separação como parte do crescimento.

As falas das mães expressam o deslocamento do lugar de mãe idealizada para o de mãe que frustra, movimento necessário para que a adolescente possa diferenciar-se e consolidar sua identidade (Campos et al., 2014). Percebe-se que essa fase da vida da filha convida a mãe a se reposicionar, refletindo sobre sua própria trajetória e sobre os padrões que deseja reproduzir ou transformar (Schwarz & Pretto, 2018).

Ainda, essas falas revelam que é nessa fase que mãe e filha precisam redefinir papéis e espaços psíquicos. Nesse processo, a mãe se vê desafiada a tolerar a separação simbólica necessária ao amadurecimento da filha e exige se adaptar a nova realidade que a filha está vivenciando como citado por Campos et al. (2014). Trata-se, portanto, de uma fase de duplo amadurecimento: da filha que busca autonomia e da mãe que precisa sustentar o processo de separação sem perder o sentido do vínculo.

Gênero, Sexualidade e Cuidado

O tema da sexualidade se apresentou como um ponto delicado. O medo aparece, nos relatos, como afeto central na experiência materna, especialmente quando associado à sexualidade das filhas. Tal medo, frequentemente sustentado por valores morais e religiosos internalizados, revela-se como tentativa de proteger o corpo feminino das ameaças externas e, ao mesmo tempo, de exercer controle sobre aquele corpo que começa a se adultizar. Heloísa expressa: “*Tenho muito medo de pedofilia, sempre oriento para não ficarem andando de calcinha pela casa.*” Helena, cuja história familiar é marcada pela religiosidade, também relaciona sua postura de cuidado à preservação moral: “Sempre tento explicar como é importante respeitar e não ter preconceito, mas manter nossos valores.” Tais falas mostram que a religiosidade e o medo se entrelaçam, configurando uma pedagogia do cuidado marcada pela vigilância, aquilo que Serpa (2010) descreve como a reprodução dos valores tradicionais e controle sobre o corpo feminino.

Luíza, por sua vez, relata o impacto de descobrir a orientação sexual da filha: “*Bruna*

acordou e disse que gostava de meninas... fiquei em choque." O espanto, mesmo que Bruna tivesse feito uma brincadeira de "1º de abril"⁹, seguido pela busca de apoio psicológico, evidencia a dificuldade de romper com as normas heteronormativas internalizadas - ainda que a mãe se esforce para compreender e acolher. O gesto posterior de aproximação, quando passam a compartilhar roupas, maquiagens e conversas, simboliza uma tentativa de manter um bom vínculo a partir da escuta e da curiosidade.

Valéria expressa um paradoxo ao afirmar que busca proteger a filha das influências externas sem limitar sua liberdade: "*Não vou fazer a menina usar uma burca.*" A fala sintetiza a tensão entre o controle e o reconhecimento da autonomia da filha, evidenciando o esforço de conciliar o cuidado com o respeito à individualidade. Essa postura revela um movimento de transição entre o modelo tradicional de maternidade e uma prática mais maleável, situada entre a herança de valores e o desejo de promover autonomia (Iaconelli, 2023).

Essas falas refletem o conflito entre o desejo de proteger e a necessidade de permitir autonomia. Essa ambiguidade reproduz, em parte, o discurso de controle sobre o corpo feminino que acompanha a história da mulher. Estudos como os de Ressel et al. (2011) e Baggio et al. (2009) mostram que, enquanto a sexualidade masculina é associada à liberdade, a feminina é tratada com vigilância e cautela.

A performatividade de gênero reaparece aqui: as mães, mesmo conscientes das mudanças sociais, reproduzem discursos de contenção (Butler, 1990). Em alguns relatos, a sexualidade da filha é vista como uma ameaça à integridade moral da família, evocando as

⁹ O Dia da Mentira, celebrado em 1º de abril, é uma data marcada por brincadeiras e pegadinhas em diversos países ao redor do mundo. Também chamado de "Dia dos Tolos" ou "Dia dos Bobos", o costume consiste em pregar peças e criar situações fictícias para enganar amigos, familiares e colegas, de forma leve e bem-humorada (*O Globo*, 2025).

normas de comportamento herdadas da cultura patriarcal (Serpa, 2010).

Experiência Emocional e Vínculo Afetivo

O vínculo afetivo entre mãe e filha configura-se como eixo estruturante da experiência materna. Nos relatos, a maternidade é atravessada pela busca de conexão emocional e pela angústia de perder esse laço diante das mudanças próprias da adolescência. Flávia, ao refletir sobre a relação com Tamires, expressa esse duplo movimento: *“Espero que a relação com elas seja tão boa quanto é hoje. Não quero ser pedra no sapato das filhas, mas quero estar próxima.”* Sua fala revela o desejo de continuidade do vínculo, ao mesmo tempo em que reconhece o risco da distância simbólica que o crescimento das filhas impõe.

De modo semelhante, Valéria descreve com ternura a relação com Manuela: *“Almoçamos sozinhas uma vez por semana, e nesses momentos ela conta tudo pra mim. Acho que conta, né?!”*, frase acompanhada de um riso que traduz a oscilação entre confiança e incerteza. Essa dúvida expressa a dimensão subjetiva da maternidade: o amor que deseja ser recíproco, mas que precisa aceitar o espaço de silêncio que existe entre mãe e filha.

Já Juliana traduz o amor em cuidados cotidianos: *“Ela é muito quieta... tento entrar no mundo dela, comprar os materiais que ela gosta, conversar sobre o que lê.”* O vínculo é fortalecido pela curiosidade e pelo investimento simbólico, reafirmando que o amor materno é uma construção (Iaconelli, 2023).

Essas oscilações entre proximidade e distanciamento refletem o movimento natural do desenvolvimento adolescente. Mas também tocam a mãe em seu lugar simbólico, reafirmando a importância do acolhimento emocional como fator essencial para o amadurecimento das relações maternas (Winnicott, 1986/1996).

Maternidade: Transformação Geracional, Social e Cultural

Nesta categoria, foi explorada a forma como as mudanças culturais, sociais e econômicas influenciam o exercício da maternidade e a construção da identidade feminina ao

longo das gerações. Nos relatos, muitas mães se referiram à experiência de “reviver” a própria adolescência ao lidar com as transformações das filhas e revelam que a maternidade não é um papel estático, mas uma construção que se transforma conforme o contexto histórico.

Nas falas, percebe-se o peso das referências intergeracionais. Ana afirmou: “*Minha mãe foi muito fechada, não conversava sobre nada*”, evidenciando uma criação marcada pelo silêncio e pela ausência de diálogo. Já Valéria destacou: “*Tento ser diferente, mas às vezes me vejo igual*”, o que mostra como padrões antigos persistem, mesmo quando há um desejo de mudança. Catarina complementou: “*Acho que hoje faria outras escolhas*”, o que indica um olhar reflexivo e crítico sobre as próprias experiências.

Essas falas demonstram que o exercício materno permanece atravessado por heranças culturais e morais que moldam o comportamento e as expectativas das mulheres. Embora as mães reconheçam avanços na autonomia feminina e na divisão das responsabilidades familiares, ainda há uma persistência simbólica do modelo tradicional que associa a mulher ao cuidado (Serpa, 2010).

As falas das participantes permitem compreender que a maternidade é também uma memória viva das mulheres: nela se inscrevem os modos de amar, educar e sobreviver de diferentes gerações. Cada mãe, ao narrar, reinscreve-se em uma linhagem feminina e, ao mesmo tempo, a transforma (Schwarz & Pretto, 2018). Essa dimensão histórica reforça que a maternidade, mais do que uma função, é uma experiência de transmissão simbólica, na qual o que se herda não é apenas o cuidado, mas o direito de reinterpretá-lo (Alves et al., 2025).

A análise indica que as transformações sociais, como o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, as conquistas feministas e o acesso a novos discursos sobre maternidade, trouxeram novas possibilidades de vivência, mas também geraram dilemas. As mães buscam equilibrar o desejo de romper com o passado e a dificuldade de escapar de valores internalizados. Esse movimento de tensão entre ruptura e continuidade reflete a historicidade

do papel materno, como apontam Souza e Germano (2009) e Badinter (1985/2024), e evidencia a complexidade da maternidade como fenômeno social, simbólico e afetivo.

De modo geral, as categorias temáticas extraídas das narrativas evidenciam que a maternidade de filhas adolescentes é atravessada por paradoxos: entre o desejo de autonomia e o medo da separação, entre a reprodução e a ruptura de modelos herdados, entre a idealização social e a experiência real. As impressões da pesquisadora revelam que escutar essas mães implica acolher também suas próprias adolescências, suas histórias e o modo singular com que cada uma tenta se reinventar nesse lugar de mãe de uma “mocinha”. As falas maternas mostram que, mais do que ensinar, elas também aprendem sobre si, sobre o feminino e sobre o exercício da maternidade em um tempo de profundas transformações culturais e emocionais.

Capítulo 5- Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo compreender como mulheres vivenciam o papel materno diante de filhas adolescentes, buscando construir compreensões sobre as vivências e significados que emergem dessa relação. As entrevistas mostraram-se fundamentais para a construção de um espaço de escuta e elaboração, no qual as participantes puderam refletir sobre suas trajetórias de maternidade, as transformações que atravessam o vínculo com as filhas e os desafios implicados em acompanhá-las no processo de tornar-se mulher. O conteúdo trazido pelas mulheres-mães revelaram que o exercício da maternidade diante da adolescência de suas filhas se configura como um momento de intensa mobilização subjetiva, em que antigas referências afetivas e identitárias são revisitadas e ressignificadas (Borges et al., 2025).

Os resultados apresentados indicam que o papel materno, nessa etapa, é atravessado por um processo de reposicionamento da mulher-mãe diante de si, da filha e do mundo. A adolescência da filha convoca a mãe a elaborar o luto simbólico pela infância perdida, a reconhecer a alteridade que emerge e a sustentar uma nova forma de relação, marcada por maior autonomia e diferenciação. Esse movimento, ao mesmo tempo em que desperta orgulho e admiração pelo crescimento da filha, também (re)ativa sentimentos de perda, culpa, medo e insegurança. Trata-se, portanto, de uma travessia simbólica em que a mulher é convidada a revisitar sua própria adolescência, suas experiências de feminilidade e o legado materno que a antecede (Schwarz & Pretto, 2018). Ser mãe de uma adolescente implica, assim, uma constante negociação entre o cuidado e o limite, entre a presença e o afastamento, entre o desejo pessoal e o ideal social de “boa mãe”. As narrativas das participantes evidenciam que a maternidade é marcada por tensões entre o íntimo e o social, entre o singular e o normativo.

As mulheres expressaram o sentimento de estarem divididas entre o ideal tradicional de doação materna, arraigado no imaginário social, e os valores atuais que privilegiam a autonomia e o desenvolvimento individual da mulher. Essas contradições revelam como os discursos sobre

gênero e maternidade continuam a impor modelos ideais de comportamento, que muitas vezes entram em conflito com os desejos e possibilidades reais das mulheres. Observa-se que o vínculo entre mãe e filha é atravessado por questões de gênero e sexualidade, nas quais a mãe se vê diante da tarefa de sustentar o crescimento da filha como mulher, sem perder de vista a própria posição feminina (Silva, 2019).

Os achados do estudo também apontam para a importância de ampliar a investigação sobre as redes de apoio que as mulheres-mães dispõem. A vivência da maternidade diante da adolescência das filhas não se constitui de forma isolada, mas é atravessada pelas relações que a mulher estabelece com outras figuras significativas, sejam elas parceiros(as), familiares, amigos, instituições ou serviços de saúde e educação. A presença, ausência ou fragilidade dessas redes pode influenciar na forma como a mãe elabora as demandas emocionais dessa etapa, sustenta os conflitos emergentes e constrói recursos internos para lidar com as ambivalências que atravessam o vínculo com a filha.

O presente estudo, seguindo os princípios das pesquisas qualitativas, não buscou generalizar os resultados, mas compreender em profundidade as singularidades e a subjetividade das participantes. Nesse sentido, um grupo específico de mulheres-mães foi privilegiado, cujas características sociodemográficas - como elevado nível de escolaridade, renda mensal, ocupação profissional e a predominância da configuração familiar biparental - estão relacionadas ao modo como se deu o recrutamento das participantes. Esse recorte, embora adequado à abordagem qualitativa adotada, delimita o alcance dos achados, evidencia uma limitação do estudo e ressalta a necessidade de ampliar o campo investigativo em estudos futuros.

A inclusão de outras configurações familiares, como a maternidade solo ou famílias recasadas, bem como a consideração de marcadores interseccionais, incluindo raça, orientação sexual, gênero e deficiência, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, contribui

para a compreensão de dinâmicas distintas na relação mãe-filha. Dessa forma, recomenda-se que pesquisas futuras abordem a mesma temática com mulheres de diferentes grupos sociais, a fim de ampliar a compreensão do fenômeno em variados contextos sociais, raciais, culturais e econômicos, preservando a centralidade das experiências singulares que caracterizam a pesquisa qualitativa.

Do ponto de vista profissional, este estudo pode oferecer subsídios para o aprimoramento das práticas em Psicologia, Educação e Saúde, favorecendo um olhar mais sensível às dinâmicas subjetivas e relacionais que envolvem mães e filhas adolescentes. Entre as possíveis intervenções, destacam-se a criação de rodas de conversa sobre a adolescência em escolas, voltadas a grupos de mães, ou eventos que contemplem tanto a maternidade de adolescentes quanto espaços direcionados aos próprios adolescentes. Outra possibilidade consiste na implementação de grupos terapêuticos em instituições de saúde, com objetivos e públicos definidos, visando à escuta, ao acolhimento e ao apoio às mulheres-mães que enfrentam desafios nessa etapa do desenvolvimento dos filhos.

Posto isso, compreender e reconhecer as ambivalências, os conflitos e as transformações que atravessam esse vínculo é fundamental para a construção de intervenções que não se pautem em julgamentos morais ou idealizações, mas se sustentem na escuta das singularidades e dos contextos de cada sujeito. Assim, torna-se possível ofertar um atendimento e/ou acolhimento mais sintonizado com as demandas específicas de mães e filhas adolescentes, a fim de ampliar a compreensão do fenômeno em diferentes contextos.

O conhecimento produzido pode contribuir para a criação de espaços de diálogo que acolham a complexidade dessas relações e promovam a simbolização das mudanças vividas por ambas. Por fim, a pesquisa também se insere no debate social e político sobre a condição da mulher, ao reafirmar que a maternidade é uma construção simbólica e histórica, e não um destino natural. Ao dar visibilidade às vivências e aos afetos de mulheres-mães, o estudo

contribui para o questionamento da romantização da maternidade e dos estereótipos de gênero que ainda recaem sobre as mulheres, comprometendo seu bem-estar e sua saúde psíquica. Espera-se, assim, que este trabalho fomente reflexões e políticas públicas voltadas ao apoio à parentalidade, à promoção e garantia dos direitos das mulheres e ao reconhecimento da maternidade como um fenômeno plural e socialmente situado.

Conclui-se que ser mãe de uma filha adolescente é vivenciar uma passagem que transforma tanto a filha quanto a mãe, desafiando-as a redimensionar os laços, os lugares e os sentidos atribuídos ao feminino. Nessa travessia, mãe e filha se (re)encontram em um campo de afetos e simbolizações que reflete não apenas uma história individual, mas também os modos como a sociedade comprehende e legitima as experiências das mulheres.

Referências

- Aching, M. C., Biffi, M., & Granato, T. M. M. (2016). Mães de primeira viagem: Narrativas de mulheres em situação de vulnerabilidade social. *Psicologia em Estudo*, 21(2), 235-244. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v21i2.27820>
- Albertuni, P. S., & Stengel, M. (2016). Maternity and new life modes for contemporary woman. *Psicologia em Revista*, 22(3), 709-728.
- Alves, J. R., Mishima, F. K. T., & Barbieri, V. (2025). Ser mãe de uma adolescente na era digital: desafios e prazeres da maternidade contemporânea. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 43(1), 1-17. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.12767>
- Amaral, M. C. E. (2003). *Percepção e significado da menstruação para as mulheres*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Brasil)]. Repositório da Universidade Estadual de Campinas. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/286875>
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2^a ed.). LTC.
- Badinter, E. (2024). *O conflito: a mulher e a mãe*. Rosa dos Tempos.
- Baggio, M. A., Carvalho, J. N., Backes, M. T. S., Backes, D. S., Meirelles, B. H. S., & Erdmann, A. L. (2009). O significado atribuído ao papel masculino e feminino por adolescentes de periferia. *Escola Anna Nery*, 13, 872-878. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000400025>
- Beauvoir, S. (1977). *O segundo sexo* (Beauvoir, 1949). Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1949)
- Benzies, K. M., Harrison, M. J., & Magill-Evans, J. (2004). Parenting and childhood behavior problems: Mothers' and fathers' voices. *Issues in Mental Health Nursing*, 25(1), 9- 24. <https://doi.org/10.1080/01612840490249028-21>

- Benzoni, S. A. G., Baptista, N. G., Musacci, R. T. T., & da Silva, J. M. P. (2024). A percepção das mulheres sobre a maternidade na contemporaneidade. *Prometeica-Revista de Filosofía y Ciencias*, 29, 232-243.
- Borges, C. D. S. L., Varela, A. V., & Mendes, A. V. M. (2025). Parentalidade: do Mito Materno ao Amor Possível. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 41, e41nspe08. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e41nspe08.pt>
- BRASIL. (2021). Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. Nova Iorque: Routledge.
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge.
- Campos, D.J.; Burns, D.A.R.; Ancona, F.L. (2014). *Tratado de pediatria*. 3. ed. Manole. ISBN 9788520433508.
- Campos, L. K. S. (2012). *Vivências emocionais de mães de adolescentes do sexo feminino com anorexia nervosa, atendidas no Hospital das Clínicas da UNICAMP: Um estudo clínico-qualitativo* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Institucional da UNICAMP.
- Cardoso, D. M., da Silva Ponte, V., do Nascimento, C. M., dos Reis Tembé, Y. F., & Tembé, Y. (2018). Ritual da Menina Moça, uma Reafirmação da Cultura Tenetehara. *Revista Científica Gênero na Amazônia*, (14), 89-94. <http://dx.doi.org/10.18542/rcga.v0i14.13256>
- Carias, A. R., & Granato, T. M. M. (2021). O sofrimento emocional de filhos de alcoolistas: uma compreensão psicanalítica winnicottiana. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41 (3), e218542. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218542>.

- Collins, W. A., & Sprinthall, N. A. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Corso, D., & Corso, M. (2020). *Adolescência em cartaz: representações contemporâneas em filmes*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, F. O., & Antoniazzi, A. S. (1999). A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepções dos pais. *Paidéia*, 9, 67-75.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X1999000100007>
- Cruz, D., Vita, G., Queiroz, H., Terzian, V., Maia, L. C., & Jesus, P. D. (2020). A importância da participação paterna na primeira infância: criando vínculos. In *Desenvolvimento da criança e do adolescente: Evidências científicas e Considerações Teóricas-Práticas*, 1, 100-109. Editora Científica Digital. [10.37885/200901331](https://doi.org/10.37885/200901331)
- Dornelas, K. C. A., & Garcia, A. (2006). O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo. *Interação em Psicologia*, 10(2), 333-344. <https://doi.org/10.5380/psi.v10i2.7692>
- Emidio, T. S., Okamoto, M. Y., Maia, B. B., & Rodrigues, R. P. (2023). Idealização da maternidade e herança psíquica: reflexões no contemporâneo. *Vínculo-Revista do NESME*, 20(1), 3-15. [DOI: https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v20n1a2](https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v20n1a2)
- Fagulha, T. (2009). A meia-idade e a meia-idade no feminino. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 41, 15-44.
- Flick, U. (2014). *An introduction to qualitative research*. Los Angeles: Sage.
- Fonseca, S. L., & Rena, L. C. C. B. (2008). Transtornos alimentares na adolescência: em busca do corpo ideal. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 2(1).
- Formigli, V. L. A., Costa, M. C. O., & Porto, L. A. (2000). Evaluation of a comprehensive adolescent health care service. *Cadernos de Saúde Pública*, 16, 831-841
- Garrafa, T. (2020). Primeiros tempos da parentalidade. *Parentalidade*, 55-71.
- Glesne, C. (2015). *Becoming qualitative researchers: An introduction*. 5th Edition. London:

- Pearson.
- Godoy, A. S. (2005). Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 3(2), 80-89.
- <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/gestaoorg/article/view/21573/18267>
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.
- Granato, T. M. M., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativa interativa e psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(1), 157-163. <http://doi.org/10.1590/S1413-73722011000100018>
- Heckhausen, J. (2001). Adaptation and resilience in midlife. In M. E. Lachman (Ed.), *Handbook of midlife development*, 345–394. John Wiley & Sons.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2021). Questão de gênero: indicadores de saúde mental são piores em meninas.
- <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31606-questao-de-genero-indicadores-de-saude-mental-sao-piores-para-as-meninas>
- Iaconelli, V. (2020). Reprodução de corpos e de sujeitos: A questão perinatal. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (Coleção Parental).
- Iaconelli, V. (2023). *Manifesto antimaterno*. Zahar.
- Jackson, T. E., & Falmagne, R. J. (2013). Women wearing white: Discourses of menstruation and the experience of menarche. *Feminism & Psychology*, 23(3), 379-398.
- <https://doi.org/10.1177/0959353512473812>
- Jordão, A. B. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, (27), 157-172.
- Kalina, E., & Laufer, H. (1974). *Aos pais de adolescentes*. Cobra Norato.

Kehl, M. R. (2002). Sexualidade recontextualizada. In S. L. Ferreira & E. R. Nascimento (Org.)

Imagens da mulher na cultura contemporânea, 11-22. NEIM/UFBA.

<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/imagens.pdf>

Lachman, M. E., & Bertrand, R. M. (2001). Personality and the self in midlife. In M. E.

Lachman (Ed.), *Handbook of midlife development*, 279–309. John Wiley & Sons.

Le Guen, A. (2001). *De mères en filles: Imagos de la feminité*. Paris: PUF.

Lima, J. L. (2022). Tempos maternos: reflexões de corpo e alma. *Artes & Ecos*.

Lobo, S. (2008). As condições de surgimento da mãe suficientemente boa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 67-74. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n4/v42n4a09.pdf>

Lopes, R. D. C. S., Prochnow, L. P., & Piccinini, C. A. (2010). A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. *Psicologia em estudo*, 15, 295-304.

Machado, A. C., da Silva, C. C., Laturraghe, S. M.M., & Becker, A. M. S. (2020).

Transformações da identidade feminina ao tornar-se mãe. *Psicologia Argumento*, 38(99), 66–87. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.38.99.AO04>

Maia, S. V. (2019). De Foucault a Butler: identidade (s), performatividade e normatividade de género.

Meyer, D. E. (2003). Gênero e educação: teoria e política. In G. L. Louro, J. F. Nekel, & S.V. Goellner (Eds.), *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*, 9-27. Petrópolis, RJ: Vozes.

Matos, A. C., Netto, K., & Andrade, C. (2025). A dependência emocional em mulheres adolescentes: Um estudo à luz da teoria Psicossocial de Erik Erikson e John Bowlby. *Repositório Institucional*, 3(2).

<https://revistas.icesp.br/index.php/Real/article/view/6209>

Martins, P. D. O., Trindade, Z. A., & Almeida, Â. M. D. O. (2003). O ter e o ser:

- representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 16, 555-568.
- Merighi, M. A. B., Gonçalves, R., & Rodrigues, I. G. (2006). Vivenciando o período puerperal: Uma abordagem compreensiva da fenomenologia social. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(6), 775-779. <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672006000600010>
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 11-25. <https://www.redalyc.org/journal/349/34958005002/34958005002.pdf>
- Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Moura, F. E. G. D. A., Santos, M. A. D., & Ribeiro, R. P. P. (2015). A constituição da relação mãe-filha e o desenvolvimento dos transtornos alimentares. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32, 233-247. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200008>
- Narvaz, M. (2005). Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil]. Repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5442/000470918.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Natividade, J. C., Laskoski, L. M., Barros, M. C., & Hutz, C. S. (2014). As diferenças sexuais podem fundamentar estereótipos de gênero? Deixem jovens de baixa escolaridade responderem. *Psicologia e Saber Social*, 3(1), 22-40.
- Ngai, F. W., & Ngu, S. F. (2013). Quality of life during the transition to parenthood in Hong Kong: A longitudinal study. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynaecology*, 34(4), 157-162. <https://doi.org/10.3109/0167482X.2013.852534>
- Nguyen-Trung, K. (2025). ChatGPT in Thematic Analysis: Can AI become a research assistant in qualitative research?. *Quality & Quantity*, 1-34.

<https://doi.org/10.1007/s11135-025-02165-z>

O Globo. (2025, 1 de abril). *Dia da Mentira: a história e as tradições de 1º de abril*. <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/04/01/dia-da-mentira-a-historia-e-as-tradicoes-de-1o-de-abril.ghtml> (acesso em 1 de novembro de 2025).

OpenAI. (2025). *ChatGPT (GPT-5)*. <https://chat.openai.com>

Pinho, A. C. P. (2020). *O desafio de ter uma filha adolescente: separação-individuação e self materno* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa (Portugal)]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/47265>

Reis, A. T., & Santos, R. D. S. (2013). Maternagem ao recém-nascido cirúrgico: bases para a assistência de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66, 110-115.

Ressel, L. B., Junges, C. F., Sehnem, G. D., & Sanfelice, C. (2011). A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. *Escola Anna Nery*, 15, 245-250.

<https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000200005>

Rousseau, J. J., & Ferreira, R. L. (2004). Emílio ou da educação.

Sales, S. S., da Costa, T. M., & Gai, M. J. P. (2021). Adolescentes na Era Digital: Impactos na Saúde Mental. *Research, Society and Development*, 10(9), e15110917800-e15110917800.

Santos, G. C., Galrão, P. L., & Sousa, L. C. B. (2024). Quem disse que ser mulher é ser mãe? Feminilidade(s) e maternidade(s). *Saúde e Sociedade*, 33(11), e220388pt.

<https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220388pt>

Sarti, C. A. (2008). Famílias enredadas. In A. R. Acosta & M. A. F. Vitale (Orgs.), *Família: redes, laços e políticas públicas*, 21–36. São Paulo: Cortez; Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP.

Savegnago, S. D. O., & Arpini, D. M. (2016). A abordagem do tema sexualidade no contexto familiar: o ponto de vista de mães de adolescentes. *Psicologia: ciência e profissão*, 36, 130-144.

<https://doi.org/10.1590/1982-3703001252014>

Scavone, L. (2004). *Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais*. Unesp.

Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silvares, E. F. D. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26, 227-234. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>

Schwarz, D. T., & Pretto, B. (2018). Um olhar da psicologia para as relações de maternagem: Ser filha para poder ser mãe. *Revista Destaques Acadêmicos*, 10(3).

<https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v10i3a2018.1939>

Seron, C., & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: teoria e prática*, 13(1), 154-164.

<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v13n1/v13n1a12.pdf>

Serpa, M. G. (2010). Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 14-22.

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/nsnHV7KnLBCCGSh7zw8bV6p/?format=pdf&lang=pt>

Silva, M. J. A. D., Ribeiro, M. F. D. R., & Bittar, D. (2019). As problemáticas na diferenciação entre mães e filhas: um estudo de caso. *Estilos da clínica*, 24(3), 471-481.

Silveira, L. M. D. O. B., Pacheco, J., Cruz, T., & Schneider, A. A. (2005). Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: Uma comparação entre a percepção de pais e mães de adolescentes. *Aletheia*, (21), 31-42.

Souza, A. A. D., & Germano, J. W. (2009). *Amor materno: a construção da relação entre mães e crianças no cuidar*.

Souza, V. R. D. S., Marziale, M. H. P., Silva, G. T. R., & Nascimento, P. L. (2021). Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paulista de Enfermagem*, 34, eAPE02631.

Vázquez, G. (2014). Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. *Revista*

- Trilhas da História*, 3(6), 167-181.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.
- Winnicott, D. W. (2001). Adolescência: transpondo a zona das calmarias. *A família e o desenvolvimento individual*, 115-128.
- Winnicott, D. W. (1996). *Tudo começa em casa*. Martins Fontes. (Original publicado em 1986).
- Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.

Anexo 1- Post- convite

Olá!

Meu nome é Fernanda Venerando Martins

Sou psicóloga (CRP 06/202868) e estou desenvolvendo uma pesquisa de mestrado sobre maternidade na PUC-Campinas.

Este é um convite para você participar da minha pesquisa. Estou interessada em compreender a experiência de mães que estejam lidando com a adolescência de suas filhas.

Se você é uma mulher maior de 18 anos e mãe de uma adolescente (de 12 a 18 anos), entre em contato comigo para compartilhar sua experiência!

📞 (14) 99608-2237

✉ fernanda.martins.fvm@gmail.com

Anexo 2- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Prezada participante, eu, Fernanda Venerando Martins, psicóloga (CRP 06/202868) e mestrandona grupo de Atenção Psicológica Clínica em Instituições da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, venho convidá-la para participar da minha pesquisa com o tema: “Minha filha virou mocinha: A Experiência Emocional De Mães de Adolescentes do Sexo Feminino” sob orientação da Prof. Dr. Jean Carlos Natividade.

Será realizada uma entrevista individual na modalidade online pela plataforma virtual de áudio e vídeo *Microsoft Teams* (plataforma disponibilizada pela PUC-Campinas) com duração aproximada de 60 minutos. A entrevista será iniciada por uma pergunta norteadora e você será convidada a falar livremente sobre o tema. A pesquisadora também abordará tópicos relacionados ao tema ao longo da entrevista.

Por se tratar de uma entrevista online, as informações e documentos obtidos na entrevista serão armazenados em arquivo pessoal da pesquisadora, sendo apagados das plataformas virtuais imediatamente após a entrevista, com o objetivo de preservar o sigilo e anonimato da participante. Vale lembrar que seus dados pessoais serão mantidos em um local seguro por cinco (5) anos e, após esse período, serão destruídos.

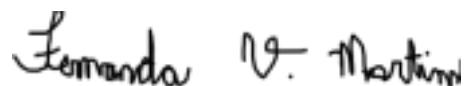
Esta pesquisa apresenta riscos mínimos e atende às exigências do protocolo estipulado pela Resolução nº466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Ressalto que o Código de Ética Profissional do Psicólogo garante manejo e aptidão da pesquisadora para conduzir entrevistas psicológicas, de maneira que possa criar um ambiente confiável e seguro para você compartilhar suas experiências (Art. 16/ Resolução nº10/2005 do Conselho Federal de Psicologia). Caso seja identificado algum desconforto que não possa ser acolhido pela pesquisadora durante a entrevista, você será encaminhada para o serviço de Psicologia da universidade. Sua participação nesta pesquisa é voluntária, por isso não receberá nenhum tipo de remuneração pelo seu consentimento, assim como nenhum prejuízo, caso se recuse a participar ou queira retirar-se da pesquisa a qualquer momento.

Este Termo de Consentimento será impresso em duas vias, ficando uma com a pesquisadora e outra com você. Como o consentimento será realizado por meio eletrônico, a assinatura poderá ser digital, através de assinatura de documento em PDF, ou enviando o documento assinado e digitalizado à pesquisadora posteriormente. Esse

projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, localizado na Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 – Prédio A02 – Térreo – Campus I – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571, Campinas, São Paulo. Para quaisquer esclarecimentos éticos, o Comitê poderá ser consultado através do telefone (19)3343-6777 ou pelo e-mail comitedeetica@puc-campinas.edu.br, sendo seu horário de funcionamento de Segunda à Sexta-feira das 08h00 às 12h00 e das 13h00 às 17h00. Caso ainda tenha alguma dúvida com relação à sua participação ou aos objetivos e procedimentos de pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora através do telefone celular (14) 99608-2237 ou pelo e-mail fernanda.martins.fvm@gmail.com

Eu, _____, RG: _____, declaro que após leitura e compreensão deste Termo de Consentimento, entendo que minha participação na pesquisa é voluntária e que posso interromper e me retirar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Confirme que recebi da pesquisadora esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, assim como a via deste Termo de Consentimento, devidamente assinado e, portanto, autorizo a inclusão do material relatado por mim mediante o respeito a minha privacidade e sigilo.

Campinas, ____ de _____ de 2025.



Participante

Fernanda Venerando Martins
(CRP 06/202868)

Anexo 3- Questionário de Dados Sociodemográficos

Questionário de Dados Sociodemográficos

Dados da participante

Nome: _____ Idade: _____
 Estado civil: _____ Naturalidade: _____

Escolaridade: _____ Raça:

Profissão: _____

Situação profissional: Empregada () Autônoma () Desempregada ()

Número de filhos: _____ Número de perdas gestacionais: _____

Primeiro filho: Masculino () Feminino () Idade: _____

Segundo filho: Masculino () Feminino () Idade: _____

Terceiro filho: Masculino () Feminino () Idade: _____

Quarto filho: Masculino () Feminino () Idade: _____

Dados da filha adolescente

Idade: _____ Naturalidade: _____ Escolaridade: _____

Dados do companheiro (a/e):

() Não tenho companheiro (a/e)

Pai da adolescente () Padrasto da adolescente () Participa da educação da filha? sim () não ()

Idade: _____ Escolaridade: _____ Profissão: _____

Residência: Própria () Alugada () Cedida ()

Renda Mensal Familiar

- () Nenhuma renda
- () Até 1 salário mínimo (R\$ 1.412,00)
- () De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 1.412,00 a R\$ 4.236,00)
- () De 3 a 6 salários mínimos (R\$ 4.236,00 a R\$ 8.472,00)
- () De 6 a 9 salários mínimos (R\$ 8.472,00 a R\$ 12.708,00)
- () Acima de 9 salários mínimos (mais de R\$12.708,00)

Assinatura:

Campinas, _____ de _____ de 2025.

Anexo 4 – Registros

1. Valeria e Manuela

Valeria foi minha primeira entrevistada. Estava um pouco ansiosa para começar. Combinamos o horário às 10h, e ela me avisou que se atrasaria 15 minutos por conta de uma reunião no trabalho. Valeria entrou na chamada se desculpando, e eu reforcei que estava tudo bem, que eu entendia.

Fiz a pergunta disparadora, e ela logo começou a falar. Disse que não considera a filha uma adolescente ainda, corrigindo minha pergunta para “pré-adolescente”. Me contou que ser mãe de uma menina é um desafio diário, principalmente porque sente que o mundo de hoje está muito avançado – por conta de bebidas, drogas, celular -, e por isso é necessário ter muita conversa. Comentou que viu recentemente uma reportagem que falava sobre os “filhos do quarto”, aqueles que passam o tempo todo isolados em seus quartos com o celular. Disse que está sempre chamando a filha para sair, ir ao shopping ou comer algo diferente, justamente para evitar esse isolamento. Aproveita esses momentos para conversar sobre tudo com a filha.

Contou que já conversou com a filha sobre sexo, drogas, bebidas, e que já a levou ao ginecologista. Disse que a filha “já é mocinha”, tem o corpo formado e seios grandes, e que, por isso, as pessoas muitas vezes nem acreditam que ela só tem 12 anos. [Nesse momento, percebi que Valeria fazia caras e bocas, demonstrando certo incômodo, e logo explicou o porquê: contou que a filha foi brincar na piscina do condomínio e que um dos meninos perguntou se ela tinha silicone]. Valeria orientou a filha a usar top, mas também afirmou que não tem muito o que fazer, completando: “não vou fazer a menina usar uma burca”.

Aproveitei para perguntar sobre os pontos de distanciamento e proximidade entre elas. Valeria disse que tem medo de que a filha seja “saidinha” e que atualmente

estão tendo conflitos com os horários de chegada em casa. Contou que, em fevereiro, a filha terá três festas de 15 anos e quer voltar às 3h da manhã. Valeria suspirou, fez uma cara de desaprovação e comentou: “Imagina, chegar às 3h da manhã!”. Ao dizer isso, lembrou do pai, que era muito rígido com horários. Contou que, uma vez, combinou com ele de ser buscada às 3h da manhã em uma balada, mas ele apareceu à 1h e a fez ir embora. Disse que seus pais eram muito fechados para vários assuntos, e que ela não quer repetir isso com a filha — por isso conversa com ela todos os dias. Comentou que a filha até reclama que ela é repetitiva, mas Valeria acredita que nessa idade a criança aprende por repetição, e que, antes de fazer algo errado, acaba se lembrando do que ouviu dos pais.

Em termos de proximidade, ressaltou que o fato de a filha ser mulher também fortalece a relação. Disse que a filha pega suas maquiagens, seus acessórios, e que ela gosta muito disso. Contou que almoçam sozinhas uma vez por semana, e que nesses momentos a filha conta tudo para ela. Completou rindo: “Eu acho que conta, né?!” , e rimos juntas.

Perguntei sobre a relação com sua própria mãe. Valeria respondeu que a mãe sempre tentava amenizar o quanto o pai “pegava no pé”, mas que também era uma mulher muito fechada, com quem ela não conseguia conversar sobre as coisas. Hoje, a mãe comenta que Valeria era muito impaciente na adolescência, e Carolina diz que agora tem muita paciência com a filha. “Quando a gente tem filho, Deus dá uma paciência que a gente nem sabe de onde vem”, comentou.

Quando perguntei sobre a gravidez e o parto, Valeria me contou que tem endometriose e que demorou muito para engravidar. Ela e o ex-marido passaram anos fazendo tratamento, tentaram inseminação e fertilização in vitro, mas sem sucesso. Após realizar uma limpeza nas trompas e quando já começavam a juntar dinheiro para uma

nova tentativa, engravidou naturalmente. O parto foi cesariana e correu tudo bem. Disse que foi uma alegria enorme, que a filha foi muito desejada. Contou que, por um tempo, a filha pedia um irmãozinho. Eles tentaram de novo, mas não conseguiram. Comentou que isso gera uma “tristeza”, mas que a pressão sempre recai sobre a mulher, e, depois de tantas tentativas, desgaste emocional e financeiro, decidiu parar e voltou a tomar anticoncepcional.

Valeria comentou que imagina a filha formada e trabalhando daqui a 10 anos. Disse que ainda não sabe o que a filha quer fazer, mas que costuma sugerir arquitetura como possibilidade. Acredita, porém, que ainda é cedo para a filha decidir — ela é muito nova.

Ao final, pedi para escolher nomes fictícios para ela e para a filha. Ela respondeu “Felicidade e Amor”, pois considera que assim é a relação entre elas. Depois, disse que o nome fictício da filha seria Manuela - o nome que sempre quis dar, mas que já havia sido escolhido por outra amiga antes dela engravidar. Agradeci pela contribuição e encerramos nossa entrevista.

2. Ana e Maria

Ana entra na chamada. [Percebo que ela está deitada em sua cama. Ao mesmo tempo em que sinto que está confortável, fico com a sensação de que não está tão disposta]. Ela me deseja feliz ano novo, agradeço a disponibilidade e começamos.

Após a pergunta disparadora, ela responde, aos risos, que está sendo difícil. Me conta que é mãe de gêmeos, João e Maria, e já logo faz uma comparação: Maria é mais atenciosa, calma, educada. Conta que, na noite anterior, ficaram juntas fazendo *skincare* e que isso é algo que as deixa muito próximas, enquanto João não mede muito as palavras, nem as ofensas — então, percebe essa diferença. Pergunto, em relação à maternidade, se há algum desafio que ela enfrenta. Ela diz que sim, especialmente no que diz respeito aos limites que não consegue impor entre os irmãos, que estão em um momento de brigar muito. Entende que pode ser uma questão hormonal da idade.

Também comentou que, na infância, sentia que existia uma relação mais hierárquica e que hoje, com os filhos mais velhos, a conversa é diferente: eles já têm as próprias ideias, defendem e rebatem com ela sobre política, religião, relacionamentos. Ana me disse que faz muitas coisas “de mulher” com a filha: vai ao salão, faz depilação, tira a sobrancelha, compra roupas — e que essa vaidade aproxima as duas. Quando perguntei se há algo que sente que a distancia da filha, Ana travou, disse que não sabia e que nunca pensou nisso.

Ana comentou que Maria já menstruou, mas que ainda é bastante infantilizada; não pensa sobre paqueras e relacionamentos. Ainda assim, afirma que sempre foi muito transparente e se adiantou nas conversas: já falou com os filhos sobre sexo, drogas, aborto. Sente que a filha é mais aberta e a escuta mais, enquanto o filho é mais fechado. Contou que João já demonstra interesse por “namoradinhas”, pede para ela comprar flores e chocolates — algo que a assusta, embora tente não demonstrar, justamente para

que eles se sintam à vontade para contar as coisas. Comentou que, em uma das vezes em que comprou os presentes para o filho dar a uma colega da escola, ele levou um fora e que ela ficou assustada e até chorou escondida. [Percebi que Ana fazia muitas pontuações sobre o filho: começava falando da filha, mas terminava falando de João].

Comentou que a gravidez dos gêmeos não foi planejada. Estava no primeiro ano da faculdade e, no início, foi um estranhamento. No entanto, ao descobrir que era uma gestação gemelar, ficou muito feliz, pois era a realização de um sonho de criança. Disse que não vivenciou tanto a gestação, pois a sogra (mãe do companheiro) havia descoberto um câncer — então, a família ficou mais atenta à sogra do que a ela. Contou que, na época, o companheiro pode ter ficado com um pouco de raiva dela, pois a sogra sugeriu que os dois fossem morar juntos, e ela mesma (a sogra) saiu de casa. Ana disse que hoje consegue assimilar isso e comenta que a relação do casal era muito simbiótica e problemática. Quanto à cesariana, foi tranquilo. Comentou que se separou do companheiro quando os filhos tinham 3 anos e que, atualmente, o pai participa pouco — fica com as crianças apenas uma vez por semana.

Ana me contou que veio de uma família muito humilde, que não teve contato com o pai e que não sabe se teve adolescência. Depois, se corrige e diz que até teve, mas foi muito diferente, pois não tinha recursos financeiros. Saía para tomar sorvete com as amigas, comer lanche ou fazer noite do pijama. Começou a trabalhar com 14 anos, então não aproveitou tanto e precisava ajudar em casa. Comentou que foi uma adolescente tranquila. Começou a namorar aos 12 anos, em um relacionamento que durou 4 anos, e que, nesse período, era muito religiosa — participava de grupos de oração e, até hoje, mantém uma forte ligação com a religião.

Sobre a mãe, Ana me conta que era muito fechada e rígida, que não conversava sobre nada. Sente que seguiu um caminho diferente na maternidade: busca conversar

sobre tudo e demonstrar muito carinho aos filhos — algo que não viveu. Então, beija, abraça, fala que os ama, toma banho com eles e diz que é uma relação muito pacífica e tranquila. [Estranhei um pouco ela mencionar que toma banho com os filhos — não demonstrei, mas fiquei pensativa. Percebi que, assim que falou isso, comentou sobre ser uma relação bem pacífica e tranquila, parecendo até uma tentativa de se justificar].

Ana me conta que entende que são medos dela, mas que tem muito receio de abuso sexual. Por isso, é um pouco crítica com a filha e sempre pergunta onde está, com quem está e como está. Também conversa sobre como se sentar em determinados lugares e aborda questões sobre relacionamentos tóxicos, tanto de amizade quanto amorosos. Ainda assim, reforça que a filha é mais infantilizada e não pensa sobre esses assuntos.

Sobre o futuro, Ana me conta que sempre encoraja e vê potencial na filha. Imagina-a formada como veterinária — profissão que a filha diz querer seguir — e conta, com um sorriso largo e brilho nos olhos, que, quando saem de carro, costuma apontar para locais e dizer: “Aqui pode ser sua clínica”.

3. Catarina e Beatriz

Catarina falou comigo pela manhã e confirmou nossa entrevista. Dez minutos antes me perguntou sobre o link, disse que enviaria pelo WhatsApp mesmo, [senti que Catarina estava ansiosa].

Catarina entrou na chamada e explicou que falaria de Beatriz, a filha de 18 anos, pois Gabriela estava com 11 anos e faria 12 somente em julho.

Ao fazer a pergunta disparadora, Catarina me disse que é um desafio e que imagina que mães de meninos e meninas têm desafios, mas que sente que mães de meninas têm muito mais, principalmente por conta do mundo machista em que vivemos e do que se espera de uma mulher, disse que ainda hoje o homem se destaca mais na profissão, o jeito mais prático e assertivo do homem parece levá-lo mais longe, diferente do caminho que uma mulher precisa traçar, comentou que sempre tenta falar sobre isso com as filhas, principalmente com Beatriz que é mais velha, sempre tenta explicar sobre a necessidade de se destacar, se sustentar e ser independente.

Catarina comparou as personalidades das filhas: enquanto Beatriz é mais coração, sensível, romântica, detalhista, leal, Gabriela é mais calculista, justiceira e prática, disse que Beatriz é mais atenciosa e menos amorosa, e Gabriela o contrário, relata que são muito diferentes e que sente que as cria de forma diferente, mas sem deixar de passar dois princípios que ela e o marido consideram importante: amor e respeito. Em seguida, já se lembrou da sua adolescência, me disse que sempre foi a boazinha, a pronta, a que fazia tudo pela família, a mãe pedia e ela fazia sem questionar e pensava que aquilo era certo, não tinha opiniões, então bate na tecla de que as filhas precisam ter suas opiniões e buscarem sua liberdade, disse que nisso o marido também a apoia muito.

Perguntei um pouco mais da experiência dela na própria adolescência, Catarina

me contou sobre os pais serem rígidos, então nunca teve conversa sobre nada e que tenta fazer isso muito diferente, se lembrou inclusive de uma vez, quando Beatriz tinha 5 anos e a levou ao posto de saúde buscar um remédio para a vó e tinham dois potes no balcão com camisinha masculina e feminina e que Beatriz pegou, achando que era doce e gritou “o que é isso?”, ela me disse que todos os velhinhos da fila ficaram com os olhos arregalados, demos muita risada juntas nesse momento. E que respondeu a filha que conversaria com ela em casa e explicaria e que chegou e conversou na lata o que era aquilo. Completou que algo assim nunca aconteceu em sua casa e que inclusive demorou muito tempo para saber como tinha filhos, como era a gravidez, comentou que “imagina, eu era o anjinho do catolicismo”, sempre fui travada e que o marido foi muito atencioso para conseguirem ter uma relação sexual boa.

Também me contou que o pai era seminarista e a mãe seguia a igreja católica por conta do pai e que ela ia também e que hoje ela, o marido e as filhas são todos ateus, não vai em igreja e nunca levou as filhas, disse que até nas bodas de ouro de seu pai e sua mãe, as filhas brincaram que ficaram mudas e caladas durante a oração, que ela sabe até hoje, mas as filhas não e que fala para as filhas que a oração está em nosso coração, em momentos assim, é importante pensar em coisas boas. Nesse momento, perguntou se poderia falar sobre isso ou se não fazia sentido, eu disse que era para ela se sentir confortável e me contar o que achasse relevante.

Me mostrou a aliança de casamento e disse que se casaram na igreja e usam a aliança como um símbolo do matrimônio. Retomou o que tinha me dito sobre a educação das filhas sobre ser baseada no amor e respeito e que sua mãe (avó materna das filhas) brinca que o Deus da família deles é o Deus de Espinosa, me explicou que este é o Deus do amor. Também me disse que presa em ensinar sobre a liberdade, que sempre conversa com Beatriz que é importante se posicionar, mas também dar espaço

para o outro, pois é assim que as relações são construídas. [Me percebi sem piscar os olhos nessa entrevista, estava gostando muito da forma como Catarina estava contando sobre a educação das filhas, fiquei pensando em como a minha criação foi diferente, principalmente quando se tratou de religião].

Perguntei o que mais aproximava e distanciava ela e a filha, Catarina me disse que essa aproximação começou quando tomou a decisão de sair do emprego e voltar para Araras (cidade dos pais) para cuidar e ficar mais tempo com a filha, disse que vê que essa proximidade está presente até hoje, que não tem em casa o que muitos pais sofrem, com histórias de mentiras contadas pelos filhos, sente que a via do diálogo sempre funcionou e que a filha conversa muito com ela, que ela e o marido presaram uma educação em que o que era proibido era ainda mais explicado e conversado, que não fica falando que uma coisa é certa e outra errada.

Novamente fez uma comparação entre as filhas: Beatriz foi a primeira neta e primeira criança tanto da parte da família dela como da do marido, então que por uns 3 anos ocupou um lugar de ‘princesinha’ e que a filha adorava filmes de princesa, passava horas vendo e que sente que isso é muito parecido com ela, me disse que as duas assistem filmes românticos e que gostam muito de ‘Orgulho e Preconceito’, enquanto com a outra filha, acaba vendo animes e que Gabriela nunca gostou de filme de princesa. Completou que não consegue observar um distanciamento, mas se lembrou do episódio de aborto espontâneo e disse que me contaria tentando não colocar sua crença na história, eu disse que ela poderia colocar, que queria saber dela. Catarina me disse que quando beatriz tinha 2 anos mais ou menos, começou a pedir um irmão e então começaram a planejar e em uma das vezes, engravidou e que fez o pré- natal e estava tudo ok, mas que com mais ou menos 3 meses, sentiu uma cólica e foi ao banheiro e viu um sangramento do tamanho de uma colher de café, mas que por estar grávida, decidiu

ir ao pronto-socorro, chegando lá viu que no ultrassom as duas médicas ficaram se encarando e como ela já havia tido uma filha, sabia mais ou menos onde procurava o coração e perguntou, então as médicas chamaram a médica responsável e foi anunciada a perda do bebê.

Catarina comentou que na hora não caiu a ficha e só conseguia pensar na filha, ligou para o marido buscar Beatriz na escola e avisou sobre o aborto, as médicas começaram a falar dos procedimentos a serem realizados, ela disse que iria embora e assinou um termo assumindo os riscos. Chegou em casa e contou para a filha que o bebezinho estava doente e foi embora, a filha perguntou se ele estava no céu e Catarina respondeu que sim, Beatriz ficou perguntando se ela teve alguma culpa e Catarina também explicou que não, porém logo começou a passar mal, afinal estava abortando, então voltou ao hospital acompanhada do marido e da filha. Catarina me disse que Beatriz sempre fazia carinho em sua barriga, mas que naquela semana, no começo da semana, Beatriz empurrou levemente sua barriga e disse que não queria mais o irmão, Catarina refere isso a algum sentimento que Beatriz já sentia e sabia da partida do irmão. Ela me disse que pensa ter sido insensível, mas que não conseguia pensar em outra solução no momento, sem ser sair do hospital e contar para a filha e estar com a filha. [É a primeira vez que uma das participantes conta sobre um aborto, foi impactante, ao mesmo tempo que senti uma frieza no relato, percebia que alguns momentos ela dava algumas pausas, percebendo que era um tema difícil de ser abordado].

Perguntei um pouco mais sobre a gravidez de Beatriz, Catarina me contou que o marido não gosta que ela fale isso, mas que suas gravidezes nunca foram planejadas, comentou que ela e o marido estavam há 5 anos casados e que o marido nunca foi de ficar falando sobre querer filhos, mas ela tinha o plano de ser mãe, então começaram a

pensar para ter no próximo ano. Nesse tempo, descobriu um problema na tireoide e começou a tomar remédio e a médica a alertou sobre o risco de engravidar, porém, Catarina não imaginava que o efeito cortaria em 2 semanas e foi o que aconteceu, ela engravidou assim que começou a tomar a medicação para tireoide. Mas que a notícia foi boa e que foi muito paparicada, o enxoval foi supercompleto e que a filha nasceu em março e em abril a filha ganhou 7 ovos de páscoa, ela me disse que nessa eles saíram ganhando, porém que não podia comer tanto chocolate pois estava amamentando e poderia dar cólica, então o marido aproveitou. Contou que teve muito leite e que doava, a cada duas semanas o hospital levava e deixava novas garrafas para ela encher. Comentou que a infância também foi tranquila e que as preocupações da filha estar doente, com fome, ter cólica foram muito menores quando a segunda filha nasceu.

Quanto às expectativas para o futuro, Catarina me disse que ontem saiu a nota do ENEM e que provavelmente a filha irá conseguir alguma vaga em alguma universidade, me contou que a filha está prestando psicologia. Perguntei se ela ficaria na cidade, ela disse que não, que sempre incentivou a morar fora, que dividir casa traz muitas experiências, que não queria que a filha fosse namorando, pois acredita que sem ter um compromisso amoroso ela poderia aproveitar mais as festas e outros eventos sem a necessidade de dar satisfação para alguém, [fiquei pensando se Catarina não poderia estar falando um pouco dela aqui, das coisas e momentos que pode ter perdido, afinal me contou que trancou a faculdade no último ano para ir para os EUA com o atual marido e que na época, só foi e nem pensou, que ele falou ‘ou vai ou racha’, retomou sobre a ideia do machismo ser algo forte e que hoje provavelmente teria tomado outras decisões, que na época até tinha os argumentos para ficar no Brasil, mas não estava pronta e nem conseguia dizer não]. Terminou dizendo que brinca com Beatriz dizendo para ela bater as asas e não voltar para o ninho, só para visitar, que deseja que a filha

ganhe o sustento dela, mas que sempre estará ali fornecendo apoio.

No final da entrevista, depois de agradecer e tirar uma dúvida de Catarina sobre o questionário sociodemográfico, ela me perguntou quando se iria minha defesa e que ela está 2x por semana em Valinhos, que era para eu avisá-la da data, pois queria ir assistir. Agradeci e disse que poderia avisá-la e nos despedimos. [Fiquei feliz quando Catarina perguntou um pouco mais sobre o mestrado, pareceu que não estava ali só como participante, demonstrou-se interessada, até me emocionei quando desliguei].

Me lembrei que Catarina me contou que conheceu o marido no carnaval e falava para as amigas que amor de carnaval não da em nada, nesses momentos demos muitas risadas. Me disse que passaram-se uns dias e Ted, o marido, entrou em contato para saírem e perguntou que horário poderia busca-la e que ela disse que eles não tinham nada, então ela iria com o próprio carro e que o marido disse que resolveriam o não ter nada naquela noite. E realmente, ela voltou para casa namorando, mas deixou claro que ele só conheceria sua família depois de 3 meses, era um tempo para ela saber se daria certo mesmo. Se lembrou que ainda no namoro, num sábado, ele tinha combinado de sair com ela e ligou perguntando se poderia sair com os amigos para tomar cerveja, ela disse que sim e que chamaria suas amigas para tomar chopp e que ele se assustou, perguntando se ela também iria sair, ela disse que claro, ela não ficaria em casa sozinha esperando ele, ela sairia, nem que fosse para andar no shopping. Catarina me contou dando muita risada, [fiquei pensando na segurança que ela tinha para fazer isso, me lembrei quando eu vivi situações parecidas na adolescência e só falava amém e ela de outra época, parece não ter tido problema em se posicionar]. Me contou que o marido sempre soube desse posicionamento dela em relação ao machismo e que hoje também incentiva as filhas a serem empoderadas.

4. Heloisa e Sara

Enviei o link para Heloisa e ela teve dificuldade em ingressar na chamada, ficamos 15 minutos tentando resolver, ela entrou pelo celular e funcionou. [Confesso que fiquei um pouco apreensiva, ela estava me mandando foto da tela e não aparecia para ingressar na chamada, fiquei pensando o que poderia fazer, além de gerar novos links e conferir a estabilidade da internet].

Tivemos um momento de quebra-gelo, ela me perguntou um pouco sobre o meu mestrado e me disse que sabe da importância de participar de pesquisa, já que também passou por mestrado e doutorado. Após fazer a pergunta disparadora, Heloisa me contou que é mãe de duas adolescentes, Sara de 14 anos e Brenda de 12 e que é muito desafiador e que se sente muito controladora, mas que tem trabalhado muito isso, disse que Sara já passou da puberdade, mas sente que existem mudanças no comportamento enorme e que Brenda está entrando e observa as diferenças comportamentais. Me perguntou se poderia falar das duas filhas, respondi que sim, mas que perguntaria mais sobre Sara de 14 anos.

Completou que tem dificuldade em lidar com o relacionamento entre as duas irmãs, pois estão sempre brigando e competindo e que isso aparecia desde criança, quando Brenda era menor, Sara ficava irritada só da irmã olhar para ela e que percebe que isso se estende até hoje. Me contou que Sara é mais egoísta e competitiva, quer sempre ser a primeira em tudo e que façam suas vontades, enquanto Brenda acaba cedendo mais pela irmã: se lembrou que levou as filhas ao dentista nessas férias e que Sara sempre acaba sendo atendida primeira porque fica pedindo, mas que dessa vez, Brenda avisou no carro para Heloisa que gostaria de ser atendida primeiro e chegando no dentista Sara foi logo falando que seria a primeira e que Heloisa conversou com ela e explicou que Brenda seria primeiro não porque a filha avisou no carro com

antedecedência, mas que das outras vezes Sara foi a primeira e que Sara ficou emburrada. Também comentou que não é contra a tecnologia, mas que acha que está demais esse uso de redes sociais, que Brenda era a única da sala que não tinha celular e estava até perdendo ponto para algumas atividades e acabou cedendo e dando quando completou 12 anos. Que tenta colocar limite de tela para as duas, sabe que quando estávamos fazendo a entrevista, Sara estava em casa mexendo no celular e deu graças a Deus que Brenda estava na casa de uma amiguinha, então provavelmente estava brincando.

Disse que tem muito medo de pedofilia, sempre as orienta sobre isso, que está tendo uma obra na frente de sua casa e tem pedreiro e sempre fala para as meninas não ficarem andando de calcinha pela casa, que quando eram mais novas, ela estava em um aniversário e as filhas estavam pulando no pula-pula de vestido sem short embaixo e que uma mãe veio falar para ela e depois disso ela começou a ficar mais atenta.

Me contou que já trocou Sara três vezes de escola e que quando decidiu mudar, a filha estava com ótimo comportamento, tudo estava lindo, se estiver fazendo os gostos dela, está tudo bem, Heloisa disse que sempre conversa sobre isso, que a vida não é assim, terão momentos que as coisas não serão do jeito que ela espera, me disse que isso é algo que as afasta. Me disse que é muito preocupada e que a filha na segunda escola (início de 2024) teve um episódio de se cortar e que aquilo a desesperou, levou a psicóloga e não conversava e disse que não precisava ir, então Heloisa decidiu ir para tentar entender, disse que ficou muito preocupada pois uma amiga da vizinha deles, se enforcou e morreu e que isso a deixou em desespero, mas sente que foi algo pontual e que agora que está mudando de escola com as amigas da infância entende que as coisas podem melhorar. Se lembrou que já conversou sobre beijos com a filha e foi um dos motivos de tirar da escola também, pois sabia que ela tinha amigas que estavam fazendo rodízio para beijar os meninos na escola, mas que sente que a filha é infantilizada

quanto a isso e se alivia.

Heloisa me contou que o que aproxima as duas é o esporte, que ela, o marido e as filhas jogam *beach tennis* e que é um momento muito bom, disse que a alimentação também é algo que aproxima, sempre vão tomar sorvete aos finais de semana ou saem para jantar, me disse que cada semana um membro da família escolhe o local. Me contou que quando vão ao clube jogar, Sara acaba jogando com as amigas, mas que acha legal quando a filha a chama para jogar junto. Me disse que as duas já até se enfrentaram em um campeonato e que Sara ganhou, me disse que Sara é muito boa, mas que não tinha coragem de jogar a bola forte e machucar a filha, deu a entender que Heloisa acabou cedendo para Sara ganhar.

Quando perguntei da gravidez e parto, Heloisa me disse que se sentia a gordinha mais feliz do mundo, perguntei se havia sido planejada, ela disse que gostaria de ter esperado mais um pouco, engravidou no fim do doutorado, me disse que defendeu muito enjoada, tomando suco e arrotando e que não queria que a bebê passasse por todo estresse junto com ela. Mas que depois desse começo mais enjoada, a gravidez seguiu bem, me contou que se planejou para ter parto normal, mas que no último de segundo tempo, Sara mudou de posição e teve de ser cesárea. Me disse que ela e o marido não sabiam se teriam outro filho, que o marido estava pronto para fazer a vasectomia e em um descuido, engravidou e nessa gravidez (a de Brenda), sente que foi mais difícil, tinha de lidar com a filha e o trabalho, que o marido não ajudava no começo, pois não sabia, que mais para a frente que foi ajudando mais. O parto de Brenda foi normal e teve de lidar com os ciúmes de Sara, lembra de se sentir muito cansada.

Heloisa me contou que na adolescência lembra de presenciar muitas brigas dos pais, que nunca teve agressão, mas que o pai era aquele que gostava de bater e a mãe gostava de apanhar, lembra que não tinha muita conversa, que o pai era daqueles

mandões ‘minha casa é assim e pronto’, disse que hoje percebe que muitos comportamentos da mãe eram disfuncionais, comentou que se lembra quando a mãe perguntou a ela se ela deveria se separar ou não do pai de Heloisa e Heloisa diz ter ficado em dúvida e respondeu que ela não sabia, que ela decidiu casar sem nem ela existir, não poderia falar nada, completa que em muitos momentos se sentiu mãe da mãe e disse que isso era um único exemplo, mas que tinham muitos outros e que não vinham ao caso. [Fiquei pensando que pode existir uma raiva do que ela passou com a mãe e os pais].

Heloisa contou que sua avó era uma pessoa difícil de lidar e sua mãe também não é das mais fáceis e por sua avó morar junto desde criança, lembra de ver muitas brigas entre elas e que hoje isso está melhor, a mãe de Heloisa cuida dessa avó, me contou que a avó tem 90 anos e brincou que estava mais lúcida que eu e ela juntas. Heloisa me disse que o pai tinha outra família, nunca conheceu e nem teve contato e que não entende a mãe ter adoecido depois do pai falecer, até comentou que acha estranho porque vê tantas viúvas saindo, viajando, casando de novo e que a mãe adoeceu, me contou que hoje à tarde sairia o resultado de uma biópsia e que a mãe havia tirado um tumor enorme do intestino. Disse que a mãe é uma pessoa vitimista e que isso a deixa muito irritada, que fica comparando-a e a irmã, dizendo que a irmã é mais carinhosa, liga todos os dias e ela que mora na mesma cidade, não tem essas atitudes, Heloisa disse que por muito tempo isso gerava um peso na consciência, mas que hoje não mais, entende que é assim e pronto. Se lembrou que antes do pai morrer ela falou que agradecia tudo que ele fez por ela e que as coisas ruins ele poderia levar com ele e que fez isso recentemente com a mãe também. Me disse que já sentiu muita raiva e tristeza dessa história familiar e da relação com a mãe, mas que hoje não sente nada, que existe até uma indiferença. [Observei que Heloisa estava falando até um pouco irritada sobre

isso e entrando mais na situação atual entre ela e a mãe].

Quando perguntei sobre o futuro, Heloisa me disse que ensina as filhas a terem autonomia, me contou que quando tinha 17 anos o pai falou que na casa dele as coisas eram assim, se não estava satisfeita, era para sair e construir a vida e ela saiu, ela disse que conversa sobre isso com as filhas desde novinhas, que esses dias Sara estava irritada com ter que fazer algumas coisas dentro de casa e ela falou isso para a filha, me contou que Sara quer fazer intercâmbio e diz para ela ‘miga, não está satisfeita, então voa, vai ganhar seu dinheiro’, disse que ela é mais cabeça aberta para isso, mas que o marido fica falando que as filhas precisam fazer faculdade, para ela está ok se quiserem ser youtubers, o importante é ganhar seu sustento e que acha um absurdo filhos de 40 anos que ainda moram com os pais. Disse que planta as sementinhas para colher uma boa relação lá na frente, além de que vê diferença na forma que sua mãe deu apoio, diz que não pode contar emocionalmente com a mãe, que conta com coisas do dia a dia, como cuidar de sua cachorrinha idosa, mas que quer poder dar esse apoio emocional para as filhas. Também disse que quer poder ter um tempo para ela, já ter dado umas pausas no trabalho, não que irá parar de trabalhar senão ficaria louca, mas poder ter momentos em que possa cuidar mais dela e descansar.

Estávamos finalizando a entrevista e pedi à Heloisa para escolher um nome fictício para ela e as filhas, ela me disse que seria difícil, que queria ser mãe de menino, então só tem nomes de menino na cabeça, pensou em colocar nome feminino dos meninos, mas falou que Davi e Theo não tem, falou Sara, Heloisa e Brenda, disse que eu poderia escolher a ordem, [senti que foi uma tarefa bem difícil para ela, muito diferente de como as outras participantes encararam essa escolha].

5. Sonia e Laura

Sonia combinou o horário das 19h comigo, porém se atrasou no trabalho e começamos a entrevista somente às 20h45. [Confesso que, durante esse tempo, fiquei um pouco receosa se ela realmente iria me avisar ou não. Sonia é irmã de Mariana, outra entrevistada].

Após fazer a pergunta disparadora, me contou que é mãe de gêmeos, Laura e Lucas, e que percebe que ser mãe de menina é muito mais difícil e desafiador do que ser mãe de menino. Comentou que a filha tem muitas alterações emocionais e relaciona isso às questões hormonais, completando: “todas nós, mulheres, sabemos como isso é”. Também disse que agora a filha é quase uma adulta. Contou que, inclusive, o resultado do ENEM havia saído naquele mesmo dia, e que a filha quer prestar Fisioterapia. Ambas estão ansiosas, mas Sonia diz que sempre evitou pressionar os filhos com relação aos estudos, pois acredita que isso só aumentaria a carga emocional.

Perguntei se a filha tinha interesse em sair da cidade, e Sonia disse que acha que não, pois a filha sempre manifestou o desejo de estudar na universidade federal da própria cidade. Além disso, por conta do namorado, acredita que ela não gostaria de ir muito longe. Ainda assim, afirmou que não ficaria aflita se a filha decidisse sair, mas acredita que o perfil dela é mesmo de permanecer por perto.

Ao perguntar sobre a gravidez e o parto, Sonia me contou que, apesar de não ter sido planejada, a gestação foi desejada. Nunca ficou triste por descobrir que estava grávida. Disse que, mesmo sendo uma gravidez gemelar, tudo correu bem tanto na gestação quanto no parto. Ambos nasceram com 2,5 kg, o que ela considera um ótimo peso para bebês gêmeos.

Sobre a infância, comentou que a filha dificilmente ficava doente e que, de modo geral, foi tudo tranquilo. No entanto, desde pequena percebia que Laura era mais chorona.

Hoje, acredita que a filha tende a enxergar as coisas com mais intensidade do que realmente são. A partir disso, falou sobre os pontos de proximidade e distanciamento entre elas: comentou que a filha tem muita dificuldade em ouvir críticas e que ela mesma, Sonia, costuma não voltar atrás no que diz — reconhece que isso pode afastá-las. Ainda assim, sente que a filha sempre a procura quando precisa conversar.

Considera-se uma mãe liberal, e acredita que a filha valoriza seus conselhos, mesmo quando os acha "ultrapassados". Para Sonia, isso fortalece o vínculo entre as duas.

Ao relembrar sua própria adolescência, Sonia contou que, apesar dos pais não serem rígidos, nunca teve uma conversa mais profunda com a mãe. Não culpa os pais — reconhece que era outra época —, mas sente que sofreu muito sozinha, principalmente em relação a questões emocionais, autoestima e relacionamentos. Nunca foi levada ao psicólogo, algo que hoje faz questão de oferecer aos filhos, principalmente à filha.

Sonia contou que, assim que a filha começou a namorar, levou-a ao ginecologista. Compra o anticoncepcional mensalmente e reembrou, com certo humor, que quando fez 18 anos pediu à mãe para ir ao ginecologista. A mãe apenas depositou o valor da consulta e um pouco a mais — e, como ela diz, “para um bom entendedor, meia palavra basta”: entendeu que era para comprar o anticoncepcional. Conta que conversou com a filha de forma aberta, orientando sobre o uso do medicamento e da camisinha, tanto por prevenção de gravidez quanto de ISTs. Disse que hoje tem quatro adolescentes em casa namorando, pois o filho também tem namorada. Perguntei se teve a mesma conversa com o menino e ela disse que sim, que também o orientou, inclusive falando com a namorada dele — tudo de maneira tranquila.

Sonia disse que o momento mais desafiador da maternidade foi quando decidiu se separar do marido. Os filhos tinham 13 anos e o ex-marido não lidou bem com a separação, fazendo comentários ofensivos na frente das crianças. Conta que a filha

sofreu muito com isso, achava que o pai não gostava mais dela, apenas da mãe. Já para o menino, o processo foi mais tranquilo. Sonia lembra que precisou explicar à filha que o pai sempre foi um bom pai, apenas não foi um bom marido. Incentivava a filha a desbloqueá-lo nas redes sociais e tentava manter o vínculo. Disse que, nesse período, Laura se distanciou um pouco dela, mas isso tem melhorado com o tempo. Ao falar sobre o ex-marido, mencionou que ele precisou ser internado em uma clínica psicológica, pois não conseguia seguir em frente. Chegava a ligar de lá, e Laura atendia o telefone — a primeira pergunta era sempre “cadê sua mãe?”, o que deixava Laura bastante irritada.

Sonia acrescentou que a filha parece ter tendências depressivas. Fica triste com facilidade, chora e sofre muito — e isso a deixa em alerta constante. Contou que a filha teve um primeiro namorado com quem ficou por oito meses e que sofreu muito após o término. Disse que a filha sofre até mesmo por ficante — nesse momento, rimos bastante. [Senti Sonia como uma mãe muito à frente, com um jeito bastante espontâneo e leve, bem diferente das mães que entrevistei até agora (ela é minha quinta participante)].

Sobre o futuro, Sonia disse que espera que a relação das duas continue boa. Afirma que luta por isso todos os dias e que, assim como ela ainda conta com os pais aos 47 anos, quer que os filhos também possam contar com ela sempre. [Senti que o tempo passou muito rápido nessa entrevista. Ao mesmo tempo em que precisei conduzir algumas perguntas, Sonia já ia puxando o próximo assunto. Foi uma conversa fluida e muito rica].

6. Juliana e Moranguinho

Juliana e eu estávamos com problemas de conexão. Demoramos uma hora para conseguir estabilidade; tive que ficar pelo celular, minha internet estava falhando, mas conseguimos realizar a entrevista.

Fiz a pergunta disparadora, e Juliana me falou que não via tantas dificuldades, mas que a filha era muito quieta. Em 2019, Moranguinho passou mal e vomitou na escola, e esse episódio ficou marcado para ela. Cerca de seis meses após o início da pandemia, ficando muito tempo sozinha em casa, começou a ter crises de pânico, passou a se cortar e a falar sobre se matar — dizia que não via esperança na vida. Juliana ficou bastante preocupada e a filha iniciou um tratamento psiquiátrico por depressão, que durou três anos. Hoje, está há um ano de alta. Também destacou que foi um momento cansativo, que sentia-se exausta e com vontade de descansar [percebi um sentimento de culpa com impotência e vergonha aqui].

Nesse período, Moranguinho emagreceu sete quilos, pois tinha muito medo de comer e passar mal. Juliana contou que ela já era muito magrinha, então tirou férias premium do trabalho para poder ficar com a filha e reiniciar uma introdução alimentar. Contou que, por conta de todo o estresse, baixa hormonal e falta de nutrientes, Moranguinho desenvolveu duas doenças autoimunes: Tireoidite de Hashimoto e vitiligo. Atualmente, faz suplementação com vitaminas e Maria tem observado melhorias.

Ela me disse que, naquela fase, começou a “entuchar” de gente em casa — sempre fazia um bolo ou deixava um pacote de bisnaguinhas e chamava as crianças do condomínio para irem lá. Hoje, reconhece que não soube respeitar o momento da filha de querer ficar sozinha, mas ficava tão preocupada com os pensamentos da menina que achava que essa era a solução.

Perguntei um pouco mais sobre como isso começou e Juliana relatou que, depois de um ano de tratamento psicológico, Moranguinho falou sobre o dia do vômito na escola e como aquilo se tornou um trauma. Contou que, nas últimas férias, foram à praia e Moranguinho não queria ficar em lugares com muitas pessoas. Se alguém espirrava, ela já pensava que pegaria alguma virose. Só comia o pão sem glúten que Juliana tinha feito. Comentou que o pai não tem tanta paciência, e ela fica explicando que, quando algo não vai bem na cabeça, aparece no corpo. Acha que a filha emagreceu uns dois quilos só nessa semana de praia.

Quando perguntei sobre a gravidez e o parto, Juliana me contou que teve um aborto com oito meses de gestação. Seria um menino e se chamaría Álvaro. Contou que, na época, morava no norte do Mato Grosso e que o hospital não tinha recursos. Estava com 32 semanas quando começou a passar mal e foi ao hospital. Queriam enviá-la de ambulância — daquelas em que o paciente quase cai, de tão ruim que é a estrada —, e ela já sentia que o bebê não aguentaria. Foi muito triste dar a notícia para o marido, mas sentia que o bebê não sobreviveria. Descobriram no ultrassom que ela estava com 32 semanas, mas o bebê com apenas 25 — ou seja, ele parou de receber nutrientes naquela fase.

Disse que não quis tomar remédios após isso, e quando se mudaram para outra cidade no Mato Grosso, acabou engravidando novamente, dessa vez de Moranguinho. Diz que foi uma gravidez muito feliz: era uma cidade pequena, andava de bicicleta, ia ao mercado todos os dias, sentava nas cadeiras de corda para conversar com os vizinhos. Na 25^a semana começou a se sentir ansiosa por lembrar do que tinha acontecido com Álvaro. A partir daí, passou a fazer ultrassom toda semana e a comer demais — engordou quase 29 kg. A gravidez correu bem, e embora tenha se preparado para o parto normal, acabou sendo cesariana, por escolha da médica e por ela já não aguentar

mais de dor. Disse que amamentou muito bem e que a infância da filha foi tranquila, não era uma bebê que dava trabalho.

Sobre a própria adolescência, Juliana disse que lembra com carinho do aspecto social, mas que a falta de recursos financeiros foi muito difícil. Contou que, quando tinha uns 5 anos, seu pai saiu de um bom emprego para montar um supermercado em Campinas. Porém, quando ela estava na adolescência, o mercado faliu. Ela e o irmão tiveram que sair para trabalhar, a mãe passou a fazer faxinas e trabalhar como louca, e o pai não saía de casa — ficava deitado. Hoje, Juliana entende que ele estava em depressão, mas na época não conseguia compreender, pois teve que assumir responsabilidades como pagar IPTU de uma casa em seu nome. Ressentia-se porque achava que isso não deveria ser papel dela. Disse que o pai não aceitava trabalhos informais, como de jardineiro, pois achava que era “pouca coisa”. Essa falta de recursos não permitiu que saísse de casa para estudar — fez apenas um curso técnico e só saiu de casa quando se casou. Contou que, nesse período entre adolescência e vida adulta, se revoltou com o pai e passaram um tempo sem conversar.

Sobre o vínculo com a filha, Juliana diz que o que mais as aproxima são os momentos em que a chama para caminhar ou preparar algo na cozinha. Também tenta entrar no mundo da filha por meio do que ela gosta — Moranguinho adora artes e artesanato, então Juliana compra materiais e incentiva, sente que isso fortalece o vínculo.

O que mais afasta as duas, segundo ela, é o tempo fora de casa. Juliana trabalha em Jundiaí e fica o dia todo fora; Moranguinho passa bastante tempo sozinha. Comentou que sente preocupação, pois a filha não tem amigos. Até tem um colega, mas ela tenta ensinar a cultivar amizades, e acha que a filha se parece com o pai, que também não tem amigos. Diz que é diferente dela, que preserva amizades desde a

infância — inclusive, nessa semana mesmo, saiu para tomar café com uma amiga antiga.

Juliana conta que Moranguinho diz que ninguém se interessa pelas coisas de que ela gosta, e que ela é “fora do padrão”: enquanto os adolescentes querem saber de namorar, sair, ver TikTok, ela está preocupada em ler. Juliana me pediu para imaginar uma montanha e uma mulher vestida de camponesa [achei engraçado] - é isso que a filha gosta. Já leu livros de Júlio Verne, *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen e a trilogia do *Anticristo*. Diz que brinca com a filha dizendo que ela é uma idosa: gosta de ler, ficar em casa e de gatos. Contou, rindo alto, que às vezes acha que a filha é “a mãe da mãe”: vive pedindo para ela falar mais baixo, rir mais baixo, ou a cutuca em público, com vergonha. [Eu ri também — foi muito divertido ouvir Juliana contando essas histórias de forma tão espontânea, achei diferente a forma dela contar sobre essas experiências, percebo que algumas mães ficavam mais receosas ou com medo de serem julgadas].

Sobre o futuro, Juliana espera que a relação das duas continue boa como é hoje — acredita muito nisso. Deseja que a filha tenha muito sucesso com o seu intelecto. Citou novamente os autores que a filha lê e contou que Moranguinho tem o sonho de fazer intercâmbio. Juliana incentiva e apoia, embora se preocupe com a questão da saúde, mas tenta não demonstrar isso para não desencorajar a filha.

[Me senti muito à vontade na conversa com Juliana, em todo momento, ela demonstrava estar interessada e animada com os assuntos].

7. *Luiza e Bruna*

A entrevista estava marcada para às 11h do sábado, porém, Luiza me avisou que levaria a família para o clube, então começamos às 12h. Desde o início, ela se mostrou disponível e solícita. No dia anterior à entrevista, Luiza já tinha me enviado o questionário e o TCLE preenchidos — [foi a primeira participante que fez isso (estou na sétima entrevista)].

Ao entrar na chamada, ela se desculpou pelo atraso, mas disse que queria fazer a entrevista sozinha, por isso achou melhor levar os filhos e o marido ao clube e que ela iria depois. Em seguida, me perguntou do que eu precisava, e logo fiz a pergunta norteadora.

Luiza respirou fundo e respondeu: “Achei que seria mais fácil”. Comentou que pensava que a filha seria muito mais parecida com ela, e que não é — nem fisicamente. Disse que não vê a filha como um espelho dela e que isso, muitas vezes, a faz ter muitos desafios. Logo comparou com o filho: Luiz tende a escutar mais ela. Por exemplo, ela compra roupa, o filho vai lá e usa; para a filha, deixou de comprar uma blusa na Zara para si e deu uma blusa de lantejoulas para Bruna, que não gostou — dizia que estava “pinicando”. Luiza sugeriu que usasse com uma blusa por baixo, mas, mesmo assim, a filha deixou a blusa engavetada.

Emendou dizendo que a filha é muito mais próxima do pai, e que é verdade quando dizem que “o filho fica mais com a mãe e a filha, mais com o pai” — que, na casa dela, isso aconteceu. Me contou que, em 1º de abril de 2021, ainda na pandemia, Bruna acordou e disse a ela que gostava de meninas. Aquilo, para Luiza, foi um baque. Arregalou os olhos ao me contar isso, disse que respondeu à filha que não achava que isso era verdade, e que não era para comentar com mais pessoas. Mais tarde, Bruna disse que achava que a mãe ficaria mais chocada. Luiza disse que estava assimilando

aquilo tudo, e Bruna falou que tinha visto na internet que, se a mãe ficasse em estado de choque, era só falar que era primeiro de abril. Luiza parecia aliviada. Em seguida, contou que isso não se fundamentou e que hoje a filha namora um menino desde novembro de 2023.

Perguntei se havia algum assunto difícil de ser conversado. Luiza retomou esse tema. Disse que um dia estavam tomando banho de banheira, e perguntou à filha se alguém da turma era homossexual. Esperava que a filha respondesse que algum menino era, mas Bruna contou sobre uma menina. Disse que hoje a filha é supervaidosa e reforçou novamente que aquilo foi algo da pré-adolescência, mas que não tocaram mais no assunto. Comentou que todos estamos sujeitos a namorar alguém bissexual ou gay, mas que conhece a filha. Disse que, na época, foi até a psicóloga, e que a mesma falou que poderia existir uma ausência da parte de Luiza — aquilo foi um susto para ela. Começou então a procurar coisas para fazerem juntas: encontrou na moda uma aliada, já que a filha gosta de se vestir e se maquiar. Hoje, Luiza se veste e pergunta se a filha gostou, manda fotos do look antes do trabalho, a filha fala para ela soltar o cabelo, pergunta se pode maquiá-la. Trocam livros que leem e podcasts que escutam. [Fiquei pensando que esse era um tema mais delicado para Luiza — em algum momento da entrevista, ela se referiu ao tema como “homossexualismo”, e durante esse relato percebi que os olhos se encheram de lágrimas].

Também me contou que a gravidez foi muito natural — decidiu que iria engravidar e, depois de dois meses, estava grávida. Relatou que, por ser médica, quis escolher um pediatra que não fosse colega de profissão nem ex-professor, queria poder ser mãe, perguntar as coisas que viessem à cabeça, da maneira que viessem. Sua obstetra era uma amiga próxima e, tanto ela quanto o marido já haviam deixado claro que não iriam sofrer: queria parto normal, mas, se não desse, seria cesárea. Mesmo

assim, insistiu. A filha estava para nascer em 17 de maio (data de bodas de ouro dos pais maternos). Trabalhou até o último dia de abril. No dia 10 de maio (aniversário do avô paterno), foi ao hospital, mas nada. No fim, a filha nasceu no dia 24. Luiza não teve dilatação, então o parto foi cesárea, e tudo foi tranquilo.

Relata que a fase de Bruna bebê foi muito boa — ela e o marido estavam sendo pais sem intervenção de ninguém, e isso foi ótimo. Quando a filha nasceu, os avós de ambas as partes já haviam falecido. Comentou que a amamentação foi mais tensa, pois tinha prótese e a filha não pegava o peito. Levou um tempo até poder dar fórmula. Comentou que o relacionamento do casal melhorou muito também, que se aproximaram. Em seguida, emendou que, depois de três anos, nasceu o filho Luiz — e ali ela “rasgou o diploma de médica, de otorrino e de mãe”, pois foi tudo diferente. Nesse momento, falou que tendemos a achar que somos experientes e batemos no peito — me usou de exemplo: “Você não é psicóloga, vai se tornar quando tiver experiência”. [Fiquei um pouco sem jeito, mas concordei. Entendi que não era um ataque, era a forma como Luiza expressava o quanto as experiências mudam]. Acrescentou que se considera uma médica muito melhor depois de ter sido mãe. Luiza é médica otorrino-pediatra, então o público forte são as crianças e suas mães — e diz que aprende muito com elas.

Quando fala da adolescência, Luiza diz que sua infância e início da adolescência foram muito solitários, pois foi praticamente filha única — foi o “temporão” depois de dois irmãos homens. Conta que os pais a tiveram muito tempo depois — o irmão mais velho tinha 15 anos e o do meio, 12. Mas, quando nasceu, era a “florzinha” e sentia que não podia ser mais um desgosto. Sempre estudou muito e ia bem na escola. Diz que o irmão do meio sempre deu muito problema — os pais tinham muito medo dele se envolver com drogas, era rebelde, não queria estudar nem trabalhar. Enquanto o mais velho havia passado em Engenharia na USP, o do meio queria ser surfista. Ela sentia

que não podia errar. Apesar dos conflitos familiares, quando tinha uns 16 anos, mudou de casa e de escola, encontrou uma rede de apoio nos amigos e no namorado, e isso fez muito bem para ela. Também contou que o pai perdeu a visão quando ela tinha 13 anos — isso foi muito difícil. Diz que escolheu fazer Medicina porque o irmão dizia para ter uma profissão liberal. Conta que perdeu a mãe no último ano de faculdade, e o pai faleceu no seu primeiro ano de formada. Disse que se lembra de uma vez em que a mãe perguntou se ela era feliz, e ela respondeu que sim, mas que hoje percebe o quanto mentiu.

Após me contar isso, lembra de uma situação atual com Bruna: no fim do ano passado, a filha chegou em casa pedindo para voltar para a psicóloga. Luiza a levou, pensando que poderia ser algo ligado ao namoro, mas, na conversa com a psicóloga, entendeu que a filha não estava feliz. Chegou em casa e conversou com ela, dizendo que não fazia sentido — Bruna não tinha um pai cego, irmãos que não se davam, tinha uma boa casa, boa escola, um namorado. Luiza disse que sabia o que era tristeza, e que não entendia a filha dizer que não estava feliz. Comentou que esses momentos são muito difíceis, pois tenta entender, mas não se conforma com isso. Perguntou o que a filha gostaria de fazer, sugeriu aulas de piano — e a filha está gostando. Disse que a professora é superbacana, que as aulas são livres, e a filha toca o que quer. Percebe que, quando está em momentos difíceis, recorre ao piano. Sente que funcionou.

Comenta que a filha tem uma cultura musical que hoje anula a dela, para se aproximar da filha. Quando estão no carro, pede para Bruna colocar suas músicas, e a filha adora — conta as fofocas dos famosos, como Justin Bieber e Taylor Swift. Luiza sente que isso a atualiza e a aproxima da filha.

Luiza me conta que, agora que a filha namora, percebe ter um medo de perdê-la. Então, se esforça para achar viagens legais para fazer em família e para tratar bem o

namorado da filha, para que ela nunca diga que a casa da sogra é mais legal. Já encara o fato de a filha gostar de passar mais tempo lá nas férias, pois tem os primos do namorado, todos da mesma faixa etária, e a família dela e do marido não é grande.

Luiza entra no assunto de já ter levado a filha ao ginecologista, mas que ainda não é o momento de deixá-los dormirem juntos. Pelo que sabe, os dois estão tranquilos, não estão se apressando para se relacionar sexualmente, mas ela não fica tranquila com isso. Diz que o namorado da filha é filho único e imagina que a mãe dele vê Bruna com muito apreço. Afirma que toda mãe de menino queria ter sido mãe de menina e que a filha é tratada com muito carinho lá, mas que tem medo de perder o lugar de mãe para a sogra. Diz que ter que dividir a filha em datas comemorativas causa até um certo vazio.

Contou que fez uma viagem com Luiz e o marido enquanto Bruna estava em Londres, mas que não é a mesma coisa — ela não é mãe só de um, e isso é difícil. Aqui, percebo Luiza um pouco aflita — [parece que existe um medo muito grande em ver a filha crescer].

Pergunto sobre as expectativas para o futuro. Luiza diz que tenta não ficar embutindo ideias de profissão na filha. Diz que não quer que ela faça Medicina por conta da desvalorização da profissão atualmente e pelo custo. Na época dela já era muito caro, hoje é ainda mais, e ela não tem essa condição. Imagina que, qualquer que seja a faculdade que a filha fizer, fará mestrado, pois é muito boa na oratória e gosta de estudar.

Luiza diz que o pai deixou como legado a ela ser independente, o irmão mais velho influenciou sobre ser liberal, e agora ela quer transmitir para a filha a importância de ser independente e ter uma profissão globalizada — que possa ser exercida de qualquer lugar do mundo. Para ela, um relacionamento amoroso também dá certo por conta das escolhas profissionais. Contou que o marido teve a oportunidade de passar um

período nos EUA, mas que, por conta da profissão dela, não pôde acompanhá-lo. Por isso, quer que a filha faça algo mais flexível e internacional.

Diz que a filha é garota-propaganda da escola, que já foi para Londres participar de um campeonato de linguística e voltou com medalhas. Todos a conhecem, os professores a elogiam. O irmão, segundo ela, é conhecido como “o irmão da Bruna”. Diz que a filha é reconhecida pelo intelecto, e o filho, pelo lado social — pois não quer saber de estudar, está mais ligado nas festinhas e nas "meninhas".

Pergunto se Luiza quer acrescentar mais alguma coisa. Ela complementa dizendo que pensa haver um certo grau de frustração em perceber que a filha não será como ela, pois isso era algo que ficava em sua cabeça. Mas que, ao mesmo tempo, isso a enriquece, pois aprende muito com a filha e deseja que ela seja melhor do que ela foi.

Ao falar isso, conta que existe um pequeno conflito de ego entre ela e o marido, pois ele sempre vê Bruna fazendo algo interessante e comenta: “Eu fazia isso.” E Luiza responde: “E eu também!”, como uma forma de sinalizar ao marido que ela também é boa.

Finalizou dizendo que a maternidade a completou — que é um processo e que está na metade dele, aprendendo todos os dias.

8. Mariana e Amanda

Mariana entra no horário da chamada. [Percebo que está bem equipada: utiliza fones de ouvido e um computador para falar comigo]. Após fazer a pergunta disparadora, Mariana responde, em alto e bom tom: “muito difícil”. Comenta que é uma fase muito complicada, que não sabe se são os hormônios, mas que tem muita dificuldade de lidar, principalmente porque sente que a filha, Amanda (13 anos), é muito brava, nervosa e fechada. Diz que a filha sempre fez acompanhamento psicológico, principalmente porque Mariana se separou do marido quando Amanda tinha poucos meses de vida e, desde então, ele vive internado por conta da dependência química — mesmo assim, afirma que tudo continua muito difícil.

Comenta também que a filha passa muito tempo no celular, que não quer estudar e tem dificuldades na escola, o que a preocupa bastante. Diz que sente que não consegue controlar a situação, pois trabalha o dia todo fora e a filha estuda em período integral. Logo de cara, Mariana faz uma comparação com sua própria adolescência, dizendo que na época dela as redes sociais não existiam e tudo era muito diferente. Aproveito a deixa e pergunto mais sobre sua adolescência e a relação com os pais.

Mariana me conta que entende um pouco a filha, porque também era muito fechada na adolescência. Seus pais — principalmente a mãe — eram muito rígidos, e isso fazia com que ela não falasse sobre nada. Diz que guarda essa lembrança da rigidez e tenta não repetir isso com a filha. Hoje, por exemplo, permite que Amanda saia com os amigos, sempre monitorando onde está e se está tudo bem. Não deseja repetir com a filha aquilo que sabe que foi ruim para ela. No entanto, comenta que Amanda é de “enfrentar”, enquanto ela, na adolescência, era muito quieta e respeitava os pais. Sente essa diferença como um desafio.

Mariana conta que tem muito medo de a filha se envolver com drogas, porque a

considera “muito rebelde”. Esse é um dos seus maiores temores. Também teme uma gravidez na adolescência, o que, segundo ela, “atrapalharia a vida” — acredita que esse é o medo de toda mãe de menina. Além disso, preocupa-se com o fato de Amanda não gostar de estudar. Relatou um episódio em que a filha zerou uma prova final e comentou que, assim que Amanda completar 14 anos, irá inscrevê-la no programa Jovem Aprendiz. Diz que, se não quer estudar, então precisa trabalhar e entender como a vida funciona. Comenta ainda que sente que a adolescência das meninas é mais difícil que a dos meninos — tem sobrinhos que considera muito mais tranquilos que Amanda — e associa essa diferença à questão hormonal, que, segundo ela, impacta mais as meninas.

Quando pergunto sobre a gravidez, o parto e a infância de Amanda, Mariana responde, antes mesmo que eu termine a frase, que foi “muito complicada”. O pai sempre deu muito problema. Ela sofreu agressões físicas do ex-marido ainda antes da gravidez e, assim que a filha nasceu, descobriu que ele tinha uma amante. Ele pediu o divórcio e se separaram. Depois disso, começou a usar crack e cocaína. Mariana foi morar com a mãe, mas sempre teve muito medo porque, mesmo depois de internações, o ex-marido aparecia na frente da casa gritando. Além disso, havia os fins de semana em que Amanda precisava ficar com o pai (na casa da avó paterna) por conta do regime de guarda, e a filha presenciava muitas brigas, algumas com agressões físicas — embora, segundo Mariana, o pai “nunca tenha encostado um dedo” na filha. Foi sempre Mariana quem cuidou e criou Amanda, e ela diz que sozinha tudo fica muito mais difícil.

Ela também compartilha o diagnóstico de autismo grau 1 de Amanda. Mariana é fonoaudióloga e, desde recém-nascida, observava comportamentos que considerava fora do padrão. Amanda, por exemplo, dormia por 12 horas (das 18h às 6h), não acordava nem para mamar e não fazia xixi na fralda durante esse período. Os pediatras diziam

que era normal, mas Mariana estranhava. A filha não explorava o ambiente, não colocava brinquedos na boca. Com cerca de 2 anos, acordava sempre muito mal-humorada, irritada e nervosa, e foi então que Mariana começou a levá-la à psicóloga, embora ainda sem um diagnóstico claro.

Quando Amanda estava no 2º ano, surgiram as primeiras dificuldades significativas na escola, principalmente nas matérias de inglês e matemática. Mesmo com reforço escolar, não havia melhora. Na pandemia, tudo ficou ainda mais difícil: Amanda se recusava a assistir às aulas, ficava irritada por não ver os amigos e não poder sair de casa. Nessa época, Mariana já trabalhava com crianças com autismo e começou a identificar, nos relatos de outros pais e nas observações clínicas, sinais semelhantes aos da filha. Levou Amanda a profissionais especializados da cidade, e o diagnóstico foi fechado. Sobre o parto, Mariana conta que foi uma cesariana e correu tudo bem.

Ao perguntar sobre os pontos de proximidade e distanciamento entre mãe e filha, Mariana diz que Amanda a vê como a pessoa que vai dizer “não” para tudo — a que impõe limites. Entende que isso tem relação com o fato de ser mãe solo e ter assumido sozinha o papel de criar e educar a filha. Isso, segundo ela, constrói a imagem de “mãe brava”. Por outro lado, acredita que a filha é muito apegada a ela. Conta que gostam de ver vídeos no Instagram juntas, e que, atualmente, Amanda envia vídeos engraçados e Mariana faz questão de não reagir com desaprovação — [percebo uma tentativa de se aproximar da filha por meio do universo dela].

Ao falar sobre o futuro, Mariana diz que imagina que a relação das duas será boa daqui a 10 anos. Espera que Amanda tenha amadurecido e compreendido coisas que hoje vê como “chatices”, mas que fazem parte da vida. Conta que a filha quer colocar piercing e fazer tatuagens, mas que, por enquanto, ela não permite. Diz que em algum momento irá ceder e deixar que a filha faça alguma coisa, mas acredita que ainda não é

o momento.

Ao final da entrevista, ouço a filha gritar: “mãe!”. Mariana responde e me conta que Luiza acabou de chegar da escola. Nos despedimos e encerramos a conversa.

9. Helena e Eliza

Helena havia me avisado sobre o celular não estar com a câmera muito boa. Comentei que não tinha problema. Ao entrar na entrevista, me perguntou se eu estava vendendo-a; disse que sim, que estava ótimo. A imagem estava levemente esbranquiçada, mas conseguia enxergar normalmente. [Confesso que, quando ela falou sobre a situação da câmera, imaginei que estaria quebrada ou desfocada, mas não foi nada disso].

Começamos a entrevista, e Helena me respondeu que é “difícil, pois pensa que já é maior de idade”. Comentou que sua família é cristã e que isso, em alguns momentos, causa certo atrito na escola, pois muitos amigos de Eliza já fumam vape, já estão envolvidos com sexualidade, e Helena sempre tenta explicar como é importante respeitar e não ter preconceito com as pessoas que pensam diferente. Helena me contou que sente que a filha já é muito independente, principalmente depois que a tia-avó de Helena faleceu em 2024. Foi um momento difícil e que Helena sentiu muito, e percebeu que a filha também, mas que Eliza foi conseguindo fazer as coisas sozinha.

Helena me contou que o que mais aproxima as duas é a conversa, e que sempre tenta tirar férias na época das férias escolares da filha para passarem mais tempo juntas. Sente que o que distancia as duas é o tempo que ficam longe enquanto Helena trabalha — sai de casa às 8h e só volta às 19h — e a filha passa a manhã sozinha, mas que, sempre que chega, jantam juntas e assistem a alguma coisa na TV.

Quando perguntei da gravidez e parto, Helena disse que, antes de ter Eliza, teve um aborto espontâneo com o feto de um mês e meio, e que ficou indo por 1 ano e 5 meses todo mês ao ginecologista, na esperança de ter engravidado. Quando decidiu que não queria mais, foi quando engravidou. Disse que foi tranquilo e, durante a infância da filha, contou com o apoio da tia-avó na criação de Eliza, já que o pai era dependente químico e tinha problemas com álcool. Quando Eliza tinha 2 anos, se separaram. Me

contou que hoje o pai está preso há 7 anos e que, conforme Eliza foi crescendo, ela foi contando. Disse que o pai escreve para a filha, e ela responde, mas não permite que vá à cadeia. Não tem preconceito com quem leva, mas não acha que é lugar para criança.

Perguntei sobre a própria adolescência de Helena. Ela me disse que nunca conheceu o pai e que foi criada pela irmã da mãe, pois a mãe a teve muito nova, com 15 anos, e não tinha muito juízo. Então, cada tia adotou uma criança. Me disse que a tia sempre foi de conversar, que tinham uma boa relação, e que, na adolescência, já começou a trabalhar. Mais para o fim da vida da tia, foi Helena quem cuidou dela. Senti que Helena estava com saudades — a tia faleceu no ano passado — [é recente, acredito que seja um assunto um pouco delicado para ela, a percebi emocionada].

Quanto ao futuro, Helena disse que não fica pressionando a filha sobre a profissão que ela deve ter, mas que sempre aconselha: para melhorar de vida, é preciso estudar ou trabalhar. Disse que, pelo que tem visto, não é muito a praia de Eliza estudar, mas reforça que é assim que é possível subir na vida. Me disse que sempre acompanhou as tarefas da filha e que, este ano, pretende voltar a fazer isso. Reconhece que, com a morte da tia no ano passado, acabou deixando isso de lado e sabe que é importante.

Anunciei que estava acabando e Helena soltou: “Ah, mas já?!” [Fiquei com a sensação de que Helena não tinha com quem conversar]. Em seguida, me disse que as pessoas a consideram acomodada — ela diz que até concorda —, mas que é feliz. Que chega no trabalho e sempre tenta levantar o astral das pessoas. Tem gente que sai chorando ou irritada por trabalhar com telemarketing, mas que ela é o contrário: sempre tenta sair com um sorriso no rosto e tenta mostrar isso para a filha, em termos de profissão.

Me disse que é bacharel em Direito, mas não fez OAB. Completou que não pressiona a filha sobre fazer faculdade, mas sim sobre a necessidade de ganhar o próprio

sustento para melhorar de vida e que quer estar junto da filha, apoiando-a em suas decisões.

10. Flavia e Tamires

Flavia entrou uns minutos atrasada, me falou que estava na escola, mas que tinha achado uma salinha para conversar comigo. Fiquei esperando-a entrar por 20 minutos, [confesso que fiquei um pouco irritada e ansiosa, mas logo que ela entrou, passou].

Fiz a pergunta disparadora e Flavia me respondeu que estava sendo gostoso, que ela gosta, já tinha enfrentado os primeiros problemas com a filha mais velha (Luana, hoje com 23 anos), comentou que o mais difícil foi a infância. Continuou me falando que as filhas são de personalidades muito diferentes, Tamires de 17 anos está na fase de prestar vestibular, é mais quieta, mais reservada, não gosta de sair e nem beber, já Luana era totalmente diferente, saia muito, gostava de beber, ficar com os meninos, completou que as preocupações são diferentes. Perguntei dessa diferença e ela me disse que, por exemplo, a filha saindo agora para a faculdade, a preocupação maior está no relacionamento de amizade que a filha vai construir, já que é muito quieta, sente que precisa da mãe para dar o primeiro passo e fazer as coisas pela primeira vez, já com Luana não tinha essa preocupação, mas das festas que iria. Me disse que se considera uma pessoa mais preocupada que o normal, que não deixa de ir à terapia, nem consegue me falar de onde isso vem, mas acha que tem coisas que não precisavam de tanta preocupação, retoma que, principalmente com Tamires, que é muito mais cabeça, madura e de poucos amigos. Ainda falando sobre o vestibular, comentou que sente que Tamires precisa de lugares seguros, considera que só decidiu ir para Londrina porque já conhece a cidade, já que a irmã mais velha se formou lá. Enquanto Luana, na época do vestibular falava que onde ela passasse iria e dividiria apartamento com alguém, coisa que Tamires já avisou que não conseguiria e nem quer dividir casa com ninguém.

Completou que a mais velha é muito mais ela, mais dada, enquanto Tamires é mais tímida e parecida com o pai. Flavia também disse que sente que a criação de Luana foi mais rígida do que a criação de Tamires, que a primeira vez sendo mãe é tudo muito

novo, que com a segunda parece ser mais tranquila e madura. Se lembrou quando Luana tirou uma nota vermelha e descascou a filha, tirou celular, não deixava sair e que Luana questionou quando Tamires tirou a mesma nota e as coisas foram muito diferentes com ela, que não teve isso de tirar celular. Acrescentou que quando a filha mais velha estava na adolescência, Flavia trabalhava somente com o Fundamental 1, ou seja com crianças e quando Tamires nasceu e durante a adolescência, já estava trabalhando com o Ensino Médio e que isso a fez repensar em muita coisa, disse que o trabalho dela ajuda muito, comenta que adora ouvir os problemas dos adolescentes e quando os pais falam algo já pensa ‘opa, eu não quero ser assim ou fazer isso’, então que isso refletiu na forma de criar também.

Perguntei sobre gravidez, parto e infância e Flavia me disse que Tamires foi super planejada, [o foco de Flavia foi tão grande no ‘super’ que deu a sensação de a outra filha não ter sido planejada]. Me contou que estava tentando engravidar, mas não conseguia, quando desistiu depois das frustrações, foi ao médico para saber sobre operar e descobriu a gravidez, disse que foi muito tranquilo, tinha varizes uterinas, então ficou bastante de repouso, mas nada demais, que o parto de Tamires foi normal e que era uma bebê que não ficava muito doente e já não tinha as mesmas preocupações que teve na primeira vez, se era fome, dor. Me contou que Tamires chorava muito, então teve esse trabalho maior, que Tamires sempre foi muito grudada a ela e que é até hoje, que se lembra que trabalhava na escola e deixava a filha no berçário e ela ficava agarrada em sua perna chorando, daí tinha que vir a professora e tirar. Completou que ficava receosa sobre a adolescência, já que é uma fase que reflete o que foi vivido na infância, mas que sente que quando a filha entrou no Ensino Médio, alguma chavinha virou e a considera muito madura. Também me contou que Tamires sempre fez acompanhamento com psicóloga e não abre mão, que com 13 anos começou a tomar medicação para ansiedade

e ritalina para concentração, mas que o psiquiatra retirou a de ansiedade e inclusive que a filha passou por toda a fase do vestibular só com a ritalina, diz que reconhece que essa chave pode ter virada pelo auxílio da psicóloga e medicação.

Questionei um pouco sobre a adolescência de Flavia e da relação com os pais, me respondeu que o pai era seu amigo, que mesmo depois de 17 anos do falecimento ainda sente muita falta, ele era quem não brigava, quem ela sentia que a escutava. A mãe era mais firme, mas que os dois falavam a mesma língua, então se não podia ir em tal lugar, era não e pronto, se lembra de se trancar no quarto, chorar e acordar com o olho inchado. Falou que foi viver mesmo sua adolescência com 19 anos, pois namorou dos 13 aos 19, então foi aproveitar mais velha. Falou que também fala a mesma língua do marido na criação das filhas e que mesmo que pensem diferente, nunca falam na frente das filhas, é sempre os dois conversando.

Me contou que no último final de semana, Tamires quis ir a uma festa e queria ir com uma amiga que dirige, mas não tem carta e Flavia não deixou, disse que poderia levar junto para não chegar sozinha, mas que não iria. No outro dia, Tamires ficou mandando mensagens no celular de Flavia pedindo e Flavia disse que era para ela ver com o pai e que o pai logo respondeu que teria que esperar Flavia chegar para decidir. Nesse meio tempo, Tamires já sabia que ela não deixaria mesmo e já deu seus pulos e viu que o pai e uma outra amiga poderia levar ela e as amigas.

Quanto ao futuro, Flavia disse que espera que a relação com elas seja tão boa quanto é hoje, que a casa dela sempre estará aberta para as filhas, que elas venham com uma família formada ou não, que possam viajar juntos, que não quer ser pedra no sapato das filhas, mas que quer estar próxima. Comentou sobre a saída de casa de Tamires, disse que irá sofrer muito mais do que quando Luana saiu, pois se aproximaram ainda mais quando a mais velha foi embora, [percebi que Flavia ficou um pouco emocionada

ao falar e pensar nessa situação]. Também falou que ela e o marido nunca foram de ficar falando que teria que fazer tal faculdade em tal lugar, que isso sempre foi muito livre, que ela questiona se é aquilo que quer, fala sobre o mercado de trabalho, mas que não fica pressionando, contou que Tamires irá prestar arquitetura e está apoiando e torcendo.

Anexo 5- Parecer Consustanciado do Comitê de Ética em Seres Humanos



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE CAMPINAS -
PUC/ CAMPINAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "Minha filha virou mocinha": a experiência emocional de mães de adolescentes do sexo feminino

Pesquisador: FERNANDA VENERANDO MARTINS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85208024.3.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.297.850

Apresentação do Projeto:

À medida que a criança cresce, novas demandas se apresentam para a mãe, que, inconscientemente, prepara o filho ou a filha para o lugar social a eles destinados. Assim, quando os filhos se tornam adolescentes, a mãe enfrenta novos desafios, para os quais pode ou não encontrar os recursos necessários, sejam eles internos ou externos. Quando se trata de uma filha adolescente, seu processo de mudanças físicas, psicológicas e sociais desafiará a mãe a revisitar a própria adolescência e a questionar os seus ideais de mulher e mãe, o que produzirá ressonâncias na relação mãe-filha e no bem-estar de ambas. Trata-se de pesquisa qualitativa psicanaliticamente orientada que focalizará a experiência materna de mulheres durante a adolescência de sua(s) filha(s), expressa por seus sentimentos, expectativas, conflitos e estratégias. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas individuais, iniciadas por uma pergunta norteadora, cujo aprofundamento será guiado por um roteiro de temas a serem explorados pela pesquisadora, caso estes não surjam espontaneamente no relato da participante. Participarão deste estudo dez mulheres, maiores de 18 anos, mães de adolescentes do sexo feminino, independentemente de seu estado civil, escolaridade, raça, etnia e orientação sexual. Serão excluídas mulheres que apresentam dificuldades físicas, cognitivas ou emocionais que venham a comprometer a interação com a pesquisadora durante a entrevista. Dez mulheres-mães de adolescentes do sexo feminino serão convidadas a participar do estudo em caráter voluntário por meio de um post-convite compartilhado nas

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.297.850

redes sociais da pesquisadora e de seu grupo de pesquisa. Com o aceite da participante, será agendada uma entrevista individual na modalidade online, via plataforma Microsoft Teams, com duração estimada em 60 minutos. Para cada entrevista concluída, será realizado um Relato Associativo Inicial (RAI), no qual a pesquisadora anotará informações, observações e impressões que considerar significativas e pertinentes ao tema do estudo. O RAI será utilizado como material de apoio para as subsequentes etapas de análise e de triangulação das análises preliminares com o grupo de pesquisa. Desse modo, o RAI, à semelhança de um diário de campo, continuará a ser alimentado pela pesquisadora com novas lembranças, insights e interpretações alcançadas, convertendo-se em importante fonte de dados. Cada entrevista será analisada individualmente com o intuito de compreender a experiência singular de cada mulher-mãe participante, para numa segunda etapa ser tomada em conjunto com as demais entrevistas em busca de expressões desse coletivo de mulheres. Essa abordagem coletiva do material narrativo nos permitirá compreender diferentes aspectos da experiência de ser mãe de uma adolescente, os quais serão organizados segundo eixos temáticos a serem discutidos à luz das pesquisas recentes na área da maternidade e das contribuições do psicanalista Donald Winnicott sobre o cuidado materno.

Espera-se que esta pesquisa possa subsidiar práticas profissionais nas áreas da saúde e educação, bem como fomentar reflexões críticas sobre a maternidade, adolescência e feminilidade.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO:

O objetivo desta pesquisa é compreender a experiência emocional de mães de adolescentes do sexo feminino, em termos dos obstáculos, possibilidades, sentimentos e expectativas que acompanham o desenvolvimento de uma mulher.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS:

1. Compreender expectativas da própria mãe sobre o desenvolvimento da filha adolescente;
2. Identificar quais as dificuldades que a mãe encontra na relação mãe-filha e quais estratégias que ela usa para lidar com estas dificuldades;
3. Explorar as repercussões do que foi vivido pela mãe na própria adolescência.

Endereço: Rua Professor Doutor Eurycles de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.297.850

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

Esta pesquisa apresenta riscos mínimos e atende às exigências do protocolo estipulado pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso seja identificado algum desconforto que não possa ser acolhido pela pesquisadora durante a entrevista, a participante será encaminhada para o Serviço-Escola de Psicologia da PUC-Campinas ou outro serviço de saúde de sua preferência

BENEFÍCIOS:

Espera-se que este estudo forneça subsídios para práticas profissionais nas áreas de saúde e educação, bem como para a atenção psicológica de pais e adolescentes, além de fomentar reflexões críticas sobre a maternidade no âmbito pessoal, social e científico.

Espera-se que o presente estudo amplie o conhecimento acerca dos impasses que a chegada da adolescência produz na relação mãe-filha, além de propiciar que as mulheres mães participantes desfrutem de um espaço de reflexão durante as entrevistas de pesquisa que lhes permita explorar novas perspectivas e estratégias para lidar com a filha adolescente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O debate sobre a criação dos filhos atravessa diversas áreas do conhecimento. O foco psicanalítico na experiência emocional de mães de adolescentes do sexo feminino se justifica pelas novas demandas que a filha adolescente apresenta à mãe, bem como seu potencial gerador de conflitos, sobretudo quando observado pelas lentes do gênero. Na medida em que a sociedade determina valores, práticas e costumes para a criação dos filhos, inclusive com papéis de gênero bem definidos, a maternidade é questionada sobretudo pela adolescência da filha, já que esta mãe pode ou não encontrar os recursos internos e externos necessários para lidar com as novas demandas. Este estudo torna-se, portanto, relevante na medida em que aborda a experiência materna contemporânea, tendo como plano de fundo as expectativas sociais que ainda recaem sobre a mulher-mãe, responsabilizando-a pelo bem-estar dos filhos e do marido. Somado a esse desafio, temos o conflito materno que se instala entre a automática reprodução da maternidade e o desejo de que a filha possa escolher um caminho adverso do seu, a despeito do controle social sobre as mulheres.

Espera-se produzir novas compreensões sobre a experiência emocional de mães de filhas adolescentes, elucidando os obstáculos, possibilidades, expectativas e vivências afetivas.

Endereço: Rua Professor Doutor Eurycles de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.297.850

emocionais que atravessam a relação mãe-filha.

Espera-se que esta pesquisa auxilie no aprimoramento de práticas profissionais nas áreas da saúde e educação, de maneira que possa ser ofertado um atendimento psicológico mais sintonizado com as demandas de mães e filhas adolescentes, seja em espaços clínicos, escolares ou hospitalares.

Também se espera contribuir com o debate social sobre a condição da mulher em nossa sociedade, seja no combate aos estereótipos de gênero seja na romantização da maternidade, fatores que comprometem o bem-estar e a saúde mental de tantas mulheres. Estendendo-se às discussões políticas, espera-se que este estudo possa fomentar a criação de políticas públicas que assegurem os direitos das mulheres

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão de acordo com as normas: o TCLE está redigido em linguagem clara e objetiva; os de responsabilidade e autorizativos estão de acordo com as normas do Comitê.

Recomendações:

Retirar do projeto:

FINANCIERO

Projeto financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 002.

obs. No ANEXO DECLARAÇÃO DE CUSTOS E RECURSOS, informa: Os custos serão assumidos por meio de financiamento próprio.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto se encontra em conformidade com as normas éticas, sendo considerado aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras

Endereço: Rua Professor Doutor Eurycles de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.297.850

Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas

os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJECTO_2453317.pdf	13/11/2024 19:48:47		Aceito
Outros	Carta_Proppe_Fernanda_V_Martins.pdf	13/11/2024 19:33:11	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_compromisso_aluna_Fernanda_V_Martins.pdf	13/11/2024 19:31:02	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_compromisso_orientadora_Fernanda_V_Martins.pdf	13/11/2024 19:30:36	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Outros	Instrumento_pergunta_e_topicos_Fernanda_V_Martins.pdf	13/11/2024 19:27:18	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_Fernanda_Venerando_Martins.pdf	13/11/2024 19:25:15	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Outros	Questionario_sociodemografico_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 17:13:08	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Outros	Termo_de_consentimento_para_protecao_de_dados_pessoais_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 17:11:58	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Outros	Post_convite_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 17:09:16	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 17:01:02	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Orçamento	Declaracao_de_custos_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 16:59:20	FERNANDA VENERANDO	Aceito

Endereço: Rua Professor Doutor Euríclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.297.850

Orçamento	Declaracao_de_custos_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 16:59:20	MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_infraestrutura_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 16:58:40	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Cronograma	Cronograma_de_execucao_Fernanda_V_Martins.pdf	12/11/2024 16:57:26	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	Fernanda_Venerando_Martins_folha_de_rosto.pdf	12/11/2024 16:32:42	FERNANDA VENERANDO MARTINS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 16 de Dezembro de 2024

Assinado por:

GISELE MARA SILVA GONCALVES
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Professor Doutor Eurycles de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Anexo 6- COREQ

COREQ-32 TRADUZIDO

Domínio 1- Equipe de pesquisa e reflexibilidade	
Características pessoais	
1. Entrevistador/facilitador	Quem conduziu a entrevista ou o grupo de foco? <i>Pesquisadora</i>
2. Credenciais-	Quais as credenciais do pesquisador. Exemplo: PhD, mestre,etc. <i>mestranda</i>
3. Ocupação	Qual era a sua ocupação na época? <i>trabalhava e mestranda</i>
4. Gênero	O pesquisador era homem ou mulher? <i>M</i>
5. Experiência e treinamento	Que experiências ou treinamento o pesquisador teve?
Relacionamento com os participantes	
6. Relacionamento anterior	Foi estabelecida uma relação antes do início do estudo? <i>sim, meu contexto</i>
7. Conhecimento do entrevistador	O que os participantes sabiam sobre o entrevistador <i>desconhecia</i> ; <i>algumas</i> <i>informações</i>
8. Características do entrevistador	Quais as características que foram relatadas sobre o entrevistador? Razões e interesses.
Domínio 2- Projeto de estudo	
Estrutura teórica	
9. Orientação metodológica e teoria	Que orientação metodológica foi declarada para sustentar o estudo? <i>pesquisas qualitativas</i> , <i>estudo não estruturado</i>
Seleção dos participantes	
10. Amostragem exemplo	Como foram selecionados os participantes? <i>Propósito, conveniência, bola de neve?</i>
11. Método de abordagem	Como os participantes foram abordados? <i>Encontros pessoais, correio, e-mail?</i> <i>por e-mail</i>
12. Tamanho da amostragem	Quantos participantes estavam no estudo? <i>11</i>
13. Não participação	Quantas pessoas se recusaram a participar ou desistiram? Razões? <i>1 - não encaixou o tempo</i>
Configuração	
14. Coleta de dados	Onde foram coletados os dados? Casa, clínica, hospital, local de trabalho. <i>Online</i>
15. Presença de não participantes	Havia mais alguém presente além dos pesquisadores e participantes? <i>Não</i>
16. Descrição da amostra	Quais as características importantes da amostra? Dados demográficos e data.
Coleta de dados	
17. Guia de entrevista	Foram perguntas, instruções, guias fornecidas pelos autores? Foi testado o piloto? <i>Perguntas e instruções + piloto não estruturado</i>
18. Repetição de entrevistas	As entrevistas foram repetidas? Se sim, quantas? <i>não</i>
19. Gravação de áudio/visual	A pesquisa usou gravação de áudio ou vídeo para coletar os dados? <i>não</i>

20. Notas de campo- anotações	Foram feitas anotações durante e/ ou após a entrevista ou grupo de foco? <i>Não</i>
21. Duração	Qual foi a duração das entrevistas ou grupo de foco? <i>~60 min</i>
22. Saturação de dados	A saturação de dados foi discutida? <i>Não</i>
23. Transcrição retomada	Transcrições foram devolvidas aos participantes para comentários e/ou correção?
Domínio 3- Análise e conclusões	
Análise de dados	
24. Número de codificadores de dados	Quantos codificadores dados codificaram os dados?
25. Descrição da árvore de codificação	Os autores forneceram-se uma descrição da árvore de codificação?
26. Derivação de temas	Os temas foram identificados com antecedência ou <u>derivados dos dados</u> ?
27. Software	Se necessário, qual software, foi usado para gerenciar os dados. <i>não do CHAT 60T</i>
28. Feedback aos participantes	Os participantes forneceram feedback sobre os resultados? <i>não</i>
Emissão de relatórios	
29. Cotações apresentadas	Cotações dos participantes foram apresentadas para ilustrar os temas / descobertas? Cada cotação foi identificada? Número de participantes.
30. Dados e conclusões consistentes	Houve coerência entre os dados apresentados e as conclusões? <i>Não</i>
31. Clareza dos principais temas	Os principais temas foram claramente apresentados nos resultados? <i>Não</i>
32. Clareza de temas menores	Houve uma descrição dos diversos casos ou a discussão de temas menores? <i>ambos</i>